

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

VICTOR DE LEONARDO FIGOLS

**FC BARCELONA:
ENTRE O GLOBAL E O REGIONAL (1988-1999)**

**GUARULHOS
2016**

VICTOR DE LEONARDO FIGOLS

**FC BARCELONA:
ENTRE O GLOBAL E O REGIONAL (1988-1999)**

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora do programa de pós-graduação em História da Escola de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História

Linha de Pesquisa: Poder, Cultura e Saberes
Orientação: Profª Drª Ana Lúcia Lana Nemi

**GUARULHOS
2016**

FIGOLS, Victor de Leonardo.

FC Barcelona: Entre o Global e o Regional (1988-1999)/
Victor de Leonardo Figols. Guarulhos, 2016.
135 f.

Dissertação de mestrado em História - Universidade
Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas, 2016.

Orientação: Prof^a Dr^a Ana Lúcia Lana Nemi.

1. FC Barcelona. 2. Futebol. 3. Globalização.
4. Catalanismo.

Victor de Leonardo Figols

**FC BARCELONA:
ENTRE E GLOBAL E O REGIONAL (1988-1999)**

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora do programa de pós-graduação em História da Escola de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História.
Linha de Pesquisa: Poder, Cultura e Saberes

Aprovação: ____ / ____ / _____

Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Lana Nemi (presidente da banca)
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. José Paulo Florenzano (titular)
Departamento de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo (titular)
Departamento de Ginástica e Saúde da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas

Ao meu avô Juan, in memoriam

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) sem o qual o desenvolvimento desta pesquisa não seria possível¹. Também agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que também financiou parte desta pesquisa.

Agradeço à professora Ana Lúcia Lana Nemi, pela orientação tanto na graduação quanto no mestrado. Nesses quase cinco anos sob sua orientação aprendi muito mais do que o simples ofício do historiador, foram experiências para a vida toda. O desafio de me orientar, ainda na Iniciação Científica, com um tema um pouco usual – o futebol – foi feito com maestria, apontando os caminhos da pesquisa e da escrita. Gratidão imensa!

Aos professores que compartilharam essa jornada, desde a graduação até este momento. Agradecimento especial ao professor Fábio Franzini, pelo incentivo e apoio na minha escolha de seguir estudando a relação entre futebol e História. E ao professor Luís Ferla, que desde a monografia apresentou outras visões sobre o futebol, sobre a História, e sobre o mundo contemporâneo em nossas conversas.

Aos funcionários do FC Barcelona, especialmente do Museu do clube e do *Centre de Documentació i Estudis*. A um dos coordenadores do CDiE, Manel Tomás Belenguer por abrir as portas do arquivo e me mostrar a vasta documentação do clube. E ao professor Josep Maria Solé i Sabaté, que desde a IC foi sempre muito solícito em colaborar com a pesquisa.

Também agradeço à professora Rosângela Ferreira Leite pelos apontamentos no exame de qualificação, e ao professor José Paulo Florezano, que com a sua leitura atenta, contribuiu significativamente com o desenvolvimento da escrita, dando o fôlego necessário na reta final. Agradeço também ao professor Luiz Carlos Rigos, pela conversa ainda em 2014, quando a pesquisa começava a engatinhar, e agora no final do processo, fazendo parte da banca de defesa.

Aos amigos Kauan dos Santos, Rafael Bosch, Carla Baute, Mariângela Violante e Thais de Melo, que acompanharam essa caminhada desde o início, muito antes do processo seletivo, quando estudávamos para a prova. Um agradecimento especial para Kauan, Rafael e Carla, pela leitura atenciosa e crítica da primeira versão do projeto.

Aos amigos da graduação, que cruzaram essa caminhada e sempre me incentivaram em nossos reencontros: Thássia Moro, Sueli Francisquini, Antônio Neto, Renato Gomes e Bruno *Tepes*, muito obrigado pelo apoio.

¹ Número do processo: 2014/04436-0.

Às amizades feitas durante as disciplinas que mais tarde seria a base fundadora do Conselho Editorial da revista *Hydra*, um projeto ambicioso que me deu a oportunidade de trabalhar com pessoas brilhantes: Arthur, André, Anita, Lucas, Gabriela, Kauan, Maria, Caio, Paula, Rafael Domingos, Larissa; além dos amigos que se incorporaram ao projeto depois: Carlos, Daniela e Elson.

Um agradecimento especial a todos que participaram do melhor evento da Unifesp, o Futebar. Uma pausa necessária – na quadra e no bar – que dava fôlego para seguir no solitário processo de escrita. Um agradecimento especial ao companheiro de quadra, e porque não dizer da vida, Carlos Malaguti, que além de ter ótimas ideias sobre o futebol e o mundo, acompanhou com entusiasmo o meu trabalho. Valeu mano!

À Gabriela Nery e Arthur Santos, que acompanharam todo o trabalho, mas especialmente nessa reta final. Além de compartilharmos as angústias também compartilhamos momentos de sincera amizade. Agradeço a leitura pertinente de ambos.

Aos amigos do Ludopédio e do Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol (GIEF), que direta ou indiretamente, foram fundamentais nas escolhas teóricas e metodológicas trilhadas durante esses anos estudando futebol. Enrico Spaggiari, Marco Antunes de Lima, Marco Lourenço, Max Rocha e Sérgio Settani Giglio obrigado por fazerem parte dessa trajetória.

Agradeço também ao Grupo de Discussão sobre Futebol da UNIFESP, em especial aos amigos Diogo Meyer e Daniela Ribeiro pelas horas de estudos e discussão, mas fundamentalmente, pela leitura atenta e pertinente deste trabalho.

Por fim, e não menos importante, agradeço a minha família. Pela compreensão nas ausências dos encontros de famílias ou pelos encontros atribulados em meio à pesquisa. Um agradecimento especial ao meu irmão Felipe e à minha cunhada Meri, que abriram as portas do pequeno apartamento em Barcelona e me acolheram por três meses. Também não posso me esquecer do Morgan, um pequeno gato que me fez companhia nas tardes solitárias de pesquisa e escrita, durante a minha estadia em Barcelona. Aos meus pais que sempre deram todo o suporte possível para que eu pudesse seguir essa carreira. Ao meu pai, Samuel, que além de compartilhar horas agradáveis de futebol, também leu atentamente parte deste trabalho. À minha mãe, Inma, que além de ler e ajudar na formatação sempre me incentivou a trilhar esse caminho. Amor eterno!

A história do futebol é uma triste viagem do
prazer ao dever.

Eduardo Galeano

RESUMO

Durante os quase cem anos de história, o FC Barcelona se apropriou da identidade catalã, principalmente nos anos difíceis da ditadura de Francisco Franco. Após esses anos de turbulência, o clube viveu momentos de glória no final da década de 1980 e no início dos anos 1990. Entretanto, na medida em que o FC Barcelona conquistava títulos dentro e fora da Espanha, a sua identidade catalã passava a ser questionada. Enquanto o FC Barcelona se tornava mundialmente conhecido e contratava jogadores das mais diferentes regiões do globo, existia certo desconforto por parte dos jogadores espanhóis pela perda de espaço no elenco do clube, tal desconforto podia ser notado nos periódicos, principalmente os da Catalunha. A presente pesquisa estuda a tensão entre a dimensão nacional, presente nas leituras que os catalães fazem do FC Barcelona, e a dimensão universal que pode ser caracterizada pela inserção capitalista no mercado mundial da bola. Para tanto, foram utilizados dois periódicos espanhóis, o *ABC* e *La Vanguardia*, de Madrid e Barcelona, respectivamente, entre os anos de 1988 e 1999, além das *Actas de la Junta Directiva* do clube.

Palavras-chave: FC Barcelona; Catalanismo; Globalização; Futebol

ABSTRACT

During the its one hundred years of history, FC Barcelona has appropriated itself of the Catalan identity, especially in the difficult years of the dictatorship of Francisco Franco. After these years of turbulence, the club lived moments of glory in the late 1980s and early 1990s. While FC Barcelona became known in the world, signing players from different regions of the globe, there was some discomfort by the Spanish players due to the loss of space in the club's squad. Such discomfort could be noticed in the papers, especially in Catalanian ones. This research examines the tension between the national dimension, present in the readings that the Catalans did about FC Barcelona, and the universal dimension that can be characterized by the capitalist insertion in the football's world market. To achieve this, two Spanish periodicals were used, *ABC* and *La Vanguardia*, one from Madrid and the other from Barcelona, respectively, between 1988 and 1999. In addition, the official documents from the club, *Actas de la Junta Directiva*, were used.

Keywords: FC Barcelona; Catalanism; Globalization; Football

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
PRIMEIRAS PALAVRAS: ENTRE O ESPORTE E A HISTÓRIA	16
1.1. ESPORTE E HISTÓRIA: HISTÓRIA DO ESPORTE	16
1.2. HISTÓRIA CULTURAL DO FUTEBOL.....	20
I – CONTEXTOS: ESPANHA, CATALUNHA E FC BARCELONA.....	25
1.1. CATALUNHA E ESPANHA.....	25
1.2. O FC BARCELONA: FUTEBOL E NACIONALISMO	30
II – OS ANOS, OS JOGOS, AS TENSÕES: O FC BARCELONA ENTRE 1988 E 1999	38
III – O FC BARCELONA ENTRE MUDIATIZAÇÃO, ESPETACULARIZAÇÃO E MERCANTILIZAÇÃO DO FUTEBOL	66
IV – O FC BARCELONA ENTRE O GLOBAL E O REGIONAL	95
4.1. OS PRIMEIROS ESTRANGEIROS OU O ESTRANGEIRISMO COMO ELEMENTO DE FORMAÇÃO DE IDENTIDADE	95
4.2 OS ESTRANGEIROS DO FC BARCELONA ANTES DO CASO BOSMAN	110
4.3 O CASO BOSMAN E O FC BARCELONA.....	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
FONTES	131
BIBLIOGRAIA	132

APRESENTAÇÃO

No final dos anos 1970, Josep Lluís Núñez i Clemente foi eleito presidente do FC Barcelona. O novo presidente tinha como objetivo colocar o clube catalão dentro do cenário do futebol europeu e conseqüentemente, no cenário mundial. Já no final dos anos 1980,² o clube iniciou a montagem de um elenco para disputar os títulos continentais. Todavia, o projeto esportivo passava pela conquista do Campeonato Espanhol, título que só veio em 1985, o último havia sido o de 1974.

Terminada a temporada 1987-1988, na qual o FC Barcelona havia alcançado apenas a sexta colocação na tabela, o clube catalão apresentou uma proposta de reformulação da equipe. Para isso, o clube precisaria contratar um novo técnico e novos jogadores, além de construir um novo centro esportivo. Ainda no verão de 1987, o então presidente Núñez anunciou a compra do terreno que daria lugar a um novo centro esportivo.

Em maio de 1988, o FC Barcelona anunciou a contratação do treinador Johan Cruyff. Devido ao seu histórico no FC Barcelona, Cruyff contava com o apoio dos dirigentes e da torcida. O treinador, que ficou no cargo por nove anos, iniciou uma mudança drástica no plantel contratando jogadores de diversas nacionalidades, bascos, romenos, holandeses, dinamarqueses e brasileiros.

Do ponto de vista futebolístico, Cruyff também reformulou o modo como a equipe jogava. O bom futebol que a equipe apresentou aumentou o número de espectadores no estádio, assim como o número de sócios do clube. Mas mesmo jogando bem, o FC Barcelona não conquistou a Liga Espanhola, a *Copa del Rey de España* e a *Supercopa da España*³. O único título conquistado foi Recopa da Europa⁴. Foi o primeiro título que Cruyff conquistou no comando do FC Barcelona.

Com o passar das temporadas, cada vez mais o treinador do clube catalão pedia a contratação de jogadores estrangeiros. Na temporada 1989-1990, o FC Barcelona contratou o jogador holandês Ronald Koeman e o dinamarquês Michael Laudrup. Entretanto, apenas um título foi conquistado, a *Copa del Rey*, após vencer seu grande rival, o Real Madrid, por 2x0.

Para a temporada seguinte, Cruyff pediu a contratação do jogador búlgaro Hristo Stoichkov, além de promover um jogador da base, o catalão Josep Guardiola. Os primeiros

² BARNILS, Ramon. *et al. Història crítica del Futbol Club Barcelona (1899-1999)*. Barcelona: Editorial Empúries, 1999. p. 246.

³ Jogo único entre o campeão da Liga Espanhola e o campeão da *Copa del Rey*.

⁴ Era o segundo torneio mais importante entre clubes europeus. Disputado em jogos eliminatórios de ida e volta, participavam deste torneio os campeões das copas nacionais, por exemplo, o FC Barcelona assegurou participação neste torneio após conquistar a *Copa del Rey* da temporada 1987-1988.

anos da década de 1990 foram marcados pela contratação de jogadores estrangeiros e pela conquista de títulos. O FC Barcelona conquistou quatro vezes o Campeonato Espanhol, de forma consecutiva, de 1990 a 1994, e três vezes a Supercopa da Espanha. Para além dos títulos nacionais, o time comanda pelo técnico holandês conquistou pela primeira vez a Liga dos Campeões da Europa⁵, em 1992.

Devido às grandes conquistas entre 1988 a 1994, assim como o bom futebol, a equipe do FC Barcelona ficou conhecida como o “Time dos Sonhos” – o *Dream Team*. Foi a partir do futebol apresentado pelo *Dream Team*, acompanhado pelas várias conquistas, que o FC Barcelona entrou definitivamente o mercado mundial do futebol.

Em 1996, Cruyff deixou o comando do clube. O cargo de comandante técnico ficou com o seu auxiliar, o catalão Carles Rexach, que ficou no cargo apenas alguns meses. Para substituí-lo, o FC Barcelona contratou o técnico Bobby Robson, mas o inglês não conseguiu desenvolver seu trabalho e deixou o clube na temporada 1997-1998.

Em 1997, Louis Van Gaal assumiu o comando técnico do FC Barcelona, e só sairia do clube em 2000. O técnico holandês contratou muitos estrangeiros, principalmente de origem holandesa. A resolução do Caso Bosman⁶ foi um fator determinante para a crescente presença de jogadores estrangeiros no FC Barcelona.

Dentro desse cenário, os dirigentes do FC Barcelona discutiam caminhos e possibilidades para aumentar as receitas do clube. Na escolha de cada caminho estava subentendida uma estratégia, ora para mercantilizar o clube, ora para se aproximar com o regionalismo catalão. De qualquer forma, a escolha dos dirigentes refletia a vontade de globalizar a imagem do FC Barcelona, sem abrir mão do nacionalismo catalão historicamente construído pelo clube. Nesse sentido, é possível dizer que a tensão entre regionalismo e globalização esteve presente nas decisões tomadas pelos dirigentes ao longo da década de 1990, e é através desta pista que esta dissertação de mestrado andou.

Para a realização da pesquisa utilizou-se os periódicos *La Vanguardia* e *ABC*, além das Atas da Junta Diretiva, documentação oficial do FC Barcelona. O jornal *La Vanguardia* é um periódico espanhol editado em Barcelona desde o ano de 1881. Apesar de estar localizado na cidade Barcelona e de defender, em boa medida, os interesses da Catalunha, o periódico é editado em castelhano. Já o *ABC* é um periódico fundado em 1903, em Madrid. Entende-se

⁵ Era o primeiro torneio mais importante entre clubes europeus. A Liga dos Campeões da Europa era um torneio organizado pela UEFA (União das Federações Europeias de Futebol). Disputado em jogos eliminatórios de ida e volta, participam clubes de futebol da Europa que haviam sido campeões nacionais na temporada anterior.

⁶ Com será discutido no último capítulo, o Caso Bosman alterou toda a política da contratação de jogadores de nacionalidades pertencentes aos países membros da União Europeia.

que o periódico *La Vanguardia* adota uma postura liberal, e que mesmo defendendo os direitos da Catalunha, apresenta-se como conservador, enquanto o *ABC* tende a ser mais conservador ainda, defendendo os direitos da monarquia e do governo central.

Sobre as Atas da Junta Diretiva cabe dizer que tal documentação era produzida pelo próprio clube e encontra-se no *Centre de Documentació i Estudis* do FC Barcelona, o CDiE-FCB. Optou-se pela leitura sistemática e em série das atas a partir da temporada 1987/1988 até a temporada 1999/2000.

Com base nesta documentação, mas apoiando-se na bibliografia, buscou-se relacionar a globalização do futebol em relação ao regionalismo/nacionalismo catalão presente no FC Barcelona. Para tanto, levou-se em consideração as questões da contratação de jogadores estrangeiros, atreladas às conquistas do clube no período entre 1988 a 1999, além do número de sócios-torcedores registrados pelo clube, assim como a inserção da Espanha na comunidade europeia e o debate sobre o regionalismo catalão, a partir da leitura dos jornais *La Vanguardia* e *ABC* e das Atas do clube.

Nesse sentido, a dissertação foi dividida levando em consideração as questões levantadas acima. Em um primeiro momento é exposto o debate acadêmico acerca dos estudos sobre futebol, indicando as opções teórico-metodológicas seguidas durante a pesquisa. Tal posicionamento faz-se necessário na medida em que boa parte das escolhas teóricas são fruto das reuniões do Grupo de Estudos sobre Futebol da Unifesp – EFLCH e do Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol (GIEF).

No capítulo 1 é apresentado uma contextualização da formação do nacionalismo catalão moderno, e a sua tensão com o nacionalismo espanhol. Também faz parte desse capítulo uma breve história do clube, onde são apresentados momentos de inflexão que ajudam a compreender a construção do nacionalismo catalão no FC Barcelona e a sua tensão com o nacionalismo espanhol ao longo de sua história. Tal percurso permite entender que o nacionalismo catalão presente no clube foi uma construção histórica formada nos momentos de tensão entre o clube e o estado espanhol.

No segundo capítulo, encontram-se as principais tensões do FC Barcelona na década de 1990, isto é, as constantes brigas entre dirigentes e comissão técnica, entre comissão técnica e jogadores, entre sócios/torcedores e dirigentes. Observar essas disputas, para além de contextualizar, permite enxergar a ação dos vários agentes que compõe o campo esportivo, mas também entender os diferentes posicionamentos do clube diante da globalização do futebol, seja dos dirigentes do clube, dos torcedores, dos jogadores ou da comissão técnica.

No terceiro capítulo, discute-se a midiatização, a espetacularização e mercantilização do futebol, e como o FC Barcelona estava inserido nesses processos. Optou-se por trabalhar com as atas do clube, uma vez que os processos citados foram amplamente discutidos na documentação. Além disso, a postura dos dirigentes diante da midiatização, da espetacularização e da mercantilização do futebol mostram escolhas e vontades dos dirigentes de internacionalizar/globalizar a marca do FC Barcelona.

Já no capítulo 4, discute-se a globalização do futebol a partir da presença de jogadores estrangeiros no FC Barcelona. Demonstra-se que desde a fundação do clube, o FC Barcelona contou com a presença de estrangeiros, dentro e fora de campo. A mudança nas regras de contratação do futebol espanhol e o caso Bosman são abordados com mais detalhes. Em ambos os casos houve momentos de tensão entre jogadores espanhóis, clubes e Federações. Esses embates permitiram observar como o FC Barcelona se posicionou no debate sobre a globalização do futebol, e como tal processo foi sentido pelos jogadores do clube. Por fim, nas considerações finais, encontra-se um balanço da última década do FC Barcelona no século vinte, analisando as intenções do clube de se globalizar, ao mesmo tempo em que buscava manter a sua identidade catalã historicamente contruída.

PRIMEIRAS PALAVRAS: ENTRE O ESPORTE E A HISTÓRIA

1.1. Esporte e História: História do Esporte

O esporte, como o entendemos hoje, remonta ao século XIX, quando as práticas lúdicas começaram a ser institucionalizadas. Foi nesse período que as primeiras agremiações esportivas surgiram, assim como as primeiras instituições que regulamentaram os jogos, como, por exemplo, a *Football Association* que em 1863, na Inglaterra, que definiu as regras do futebol.

Foi também no século XIX que o Barão de Coubertin criou os Jogos Olímpicos da Era Moderna, em 1896. Ainda que a ideia do evento buscasse na Grécia Antiga as suas origens, uma clara tentativa de legitimar os Jogos, a ideia de Coubertin estava extremamente ligada ao seu tempo, e pouco tinha relação com a Antiguidade Clássica.

Diante da decadência do indivíduo creditada à Revolução Industrial, o culto ao corpo passou a ser pregado, em associação direta com a cultura grega, na qual o corpo era visto como sinônimo de harmonia, perfeição e saúde. Pelo menos foi esta a leitura que alguns, como Coubertin, fizeram da Grécia Antiga.⁷ Acreditava-se que a prática esportiva era fundamental para regenerar a juventude, e este era o caminho para “remediar os males da civilização industrial”.⁸

Nesse sentido, as ideias de Coubertin relacionavam o esporte a uma noção de estética, mas também estavam pautadas no caráter pedagógico do esporte. Vale lembrar que os Jogos Olímpicos idealizados por Coubertin não passavam de uma releitura da Antiguidade, como sugere Victor A. de Melo. Esta releitura era a articulação dessas novas ideias com uma suposta tradição Olímpica da Grécia Antiga.⁹

O século XIX também foi marcado pela institucionalização de outras práticas corporais, mas foi na Educação Física, na Ginástica e na Dança que os jogos melhor encontraram o caráter pedagógico e disciplinador aliado às ideias de estética corporal. Como apontam os autores da coletânea *Pesquisa histórica e história do esporte*, a Educação Física se institucionalizou como uma disciplina escolar, a Ginástica como uma prática corporal que

⁷ MELO, Victor Andrade de. *De Olímpia (776 a.C.) a Atenas (1896) a Atenas (2004): Problematizando a presença da Antiguidade Clássica nos discursos contemporâneos sobre o esporte*. Phoênix. Laboratório de História Antiga / UFRJ. Ano XIII – 2007, Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2007. p.355.

⁸ WEBER, Eugen. *França fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. *Apud*. MELO, Victor Andrade de. *De Olímpia (776 a.C.) a Atenas (1896) a Atenas (2004): Problematizando a presença da Antiguidade Clássica nos discursos contemporâneos sobre o esporte*. *op. cit.* p.356.

⁹ MELO, Victor Andrade de. *De Olímpia (776 a.C.) a Atenas (1896) a Atenas (2004): Problematizando a presença da Antiguidade Clássica nos discursos contemporâneos sobre o esporte*. *op. cit.* p.357.

visava estética e educação militar, e a Dança se institucionalizou com o surgimento da Dança Moderna¹⁰. Esta última ocorreu devido à supervalorização do corpo e dos movimentos dos bailarinos, mas sem abrir mão dos princípios técnicos do balé clássico: houve um estudo sistemático sobre os movimentos corporais na Dança.

Estabelecidos esses termos, é possível dizer que o esporte moderno diz respeito às práticas lúdicas e/ou às manifestações culturais lúdicas que, de certa forma, se institucionalizaram a partir do século XIX. É dentro desses parâmetros que a História do Esporte irá se debruçar, isso não significa, entretanto, dizer que se excluam os estudos das práticas lúdicas anteriores ao período citado. Pelo contrário, as manifestações lúdicas datadas em períodos mais longínquos também são objetos da disciplina histórica, todavia, demandam um aparato teórico-metodológico distinto.

Antes de entrar na agenda da disciplina histórica, o esporte foi objeto de investigação de diversas outras disciplinas, principalmente pela Educação Física. Os estudos dos esportes nos termos da Educação Física demandam aparatos teórico-metodológicos que, aparentemente, pouco se relacionam com a Sociologia ou com a História. Os sociólogos foram os principais responsáveis por inserir o esporte na disciplina histórica. Foi a partir dos trabalhos desenvolvidos por alguns sociólogos, como por exemplo, Pierre Bourdieu (*Como é possível ser esportivo?*), Norbert Elias e Eric Dunning (*A busca da excitação e Deporte y ocio en el proceso de civilización*), que a História passou a dar mais atenção ao esporte.

Esses autores, como demonstra Leonardo Brandão, “começaram a fornecer aos estudos sobre as práticas esportivas um tratamento metodológico e conceitual mais sofisticado”.¹¹ Para Patrícia Falco Genovez, além do papel dos sociólogos, os debates com outras disciplinas ajudaram o esporte a consolidar seu espaço dentro da História. Segundo a autora, foram as “trocas interdisciplinares levando a História até a educação física e trazendo a educação física para mais próxima dos historiadores”¹² que transformaram o esporte em objeto de preocupação dos historiadores.

Elias e Dunning denunciaram a falta de atenção dos trabalhos acadêmicos, sobretudo na sociologia, com relação ao esporte.

[...] no quadro da tendência que orienta o pensamento reducionista e dualista ocidental, o desporto é entendido como uma coisa vulgar, uma atividade de lazer orientada para o prazer, que envolve o corpo mais do que a mente, e sem valor

¹⁰ MELO, Victor Andrade de. [et. al.]. *Pesquisa histórica e história do esporte*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. p.26-27.

¹¹ BRANDÃO, Leonardo. “O esporte e a escrita da história: novos desafios”. In: CES Revista, v. 24, Juiz de Fora, 2010. p.203.

¹² GENOVEZ, Patrícia Falco. “O desafio de Clio: o esporte como objeto de estudo da História”. *Lecturas: Educacion Física Y Deportes*, Buenos Aires, ano 2, n. 9, 1998. p.1.

econômico. Em consequência disso, o desporto não é considerado como um fenômeno que levante problemas sociológicos de significado equivalente aos que habitualmente estão associados com os negócios "sérios" da vida econômica e política.¹³

Para além disso, Elias e Dunning enxergaram as transformações das práticas corporais em atividades esportivas como uma forma de “refinamento das condutas e o autocontrole nas relações sociais que se fazem aos moldes de um ‘processo civilizador’”.¹⁴ Nesse sentido, a partir da interpretação dos autores, principalmente de Elias, o esporte seria mais um elemento de domesticação dos corpos, ou tomando as suas outras obras como exemplo, o esporte seria mais um elemento no processo civilizador.

Já Bourdieu pensa o esporte em outros termos. O sociólogo traz a noção de que a interação entre todos os agentes – mercado de interesses, mercado consumidor, técnicos, atletas, juízes, clubes, associações, confederações, federações, especialistas, jornalistas e até mesmo os torcedores – compõe aquilo que ele chama de “campo esportivo”. Ou seja, o autor propõe enxergar o esporte a partir suas múltiplas dimensões – social, política, econômica e cultural.

Talvez a maior contribuição de Bourdieu para a História seja a sua reflexão sobre como lidar com o “campo esportivo”. Em outras palavras, o esporte possui uma “realidade específica” e ao estudá-lo, é necessário considerar que:

[...] a história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica.¹⁵

Deste modo, faz-se necessário respeitar a “realidade específica” do esporte, isto é, desde sua institucionalização, com a configuração de clubes e associações, passando pela formação das confederações e das competições, até o interesse da torcida pelo esporte. Considerar que o esporte possui uma “realidade específica” não significa desconsiderar o contexto no qual o esporte está inserido, pelo contrário, é necessário saber que o esporte possui historicidade própria, e, portanto, uma cronologia própria que deve ser respeitada ao analisá-lo.

No limite, Bourdieu está dizendo para historicizar o esporte, um exercício esperado de qualquer historiador. Pode parecer uma sugestão metodológica de segunda ordem, mas se

¹³ ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992. p.17. *Apud.* GENOVEZ, Patrícia Falco. “O desafio de Clío: o esporte como objeto de estudo da História”. p.1.

¹⁴ BRANDÃO, Leonardo. “O esporte e a escrita da história: novos desafios”. *op. cit.* p.1.

¹⁵ BOURDIEU, Pierre. “Como é possível ser esportivo?” In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p.136.

observamos que durante muito tempo as análises sobre a história do esporte estavam pautadas em desconsiderar a historicidade das atividades esportivas, reduzindo o objeto a um mero reflexo da sociedade, veremos que a contribuição de Bourdieu serve para o historiador repensar o esporte enquanto objeto de análise.

Portanto, anunciar que o esporte possui uma “realidade específica”, significa dizer que, ao analisar a história do esporte, faz-se necessário entender a lógica interna do “campo esportivo”, e em que medida a “realidade específica” estudada se relaciona com a sociedade, com a política, com a cultura e/ou com a economia.

Na coletânea *Pesquisa Histórica e História do Esporte*, os autores também chamam a atenção para a “consciência de historicidade”, ou seja,

[...] a consciência de que o esporte, em cada uma [de] suas modalidades, constitui um universo em permanente transformação, relacionado aos contextos históricos que o definem e aos quais ele mesmo, como força social e cultural atuante, ajuda a redefinir. A “consciência de historicidade” vem mostrar, a cada um de seus praticantes e apreciadores, que o esporte como um todo – e também o esporte realizado na expressão de cada uma de suas modalidades e na contribuição viva de cada um dos seus desportistas e incentivadores – é simultaneamente sujeito e produto da história, além de meio e fonte através do qual podem compreender a própria história em seu sentido mais amplo.¹⁶

Os autores, assim como Bourdieu, propõem uma análise da história do esporte tendo em mente que o objeto possui uma historicidade própria, ou uma “realidade específica”, só a partir desse passo, pode-se pensar em “estudar o esporte *através* do esporte”.¹⁷

Mesmo antes de Bourdieu sugerir recursos metodológicos para a História, alguns historiadores estavam pensando o esporte dentro da disciplina. No âmbito historiográfico, o esporte começou a ser enxergado como objeto de análise no final da década de 1960, quando a historiografia sinalizou um pequeno crescimento na produção de pesquisas que tinham o esporte como objeto. Mas foi na década de 1970, que no eixo Europa e Estados Unidos, se percebeu uma produção voltada para a história do esporte.

Já na década de 1980, após o debate com a sociologia, com o esporte minimamente consolidado nos quadros de temas da disciplina histórica, observa-se que os trabalhos buscavam maior rigor teórico-metodológico em suas pesquisas, como uma forma de legitimar

¹⁶ MELO, Victor Andrade de. [et. al.]. *Pesquisa histórica e história do esporte*. op. cit. p.11-12.

¹⁷ MELO, Victor Andrade de. [et. al.]. *Pesquisa histórica e história do esporte*. op. cit. p.13.

o tema. Vale lembrar também o papel desempenhado por grupos de pesquisas que começaram a produzir sistematicamente trabalhos e a organizar congressos¹⁸.

Como demonstra Douglas Booth, foi nesse período que:

Historiadores trabalhando no paradigma da história social tipicamente incorporam o esporte em noções holísticas de sociedade e empregam conceitos e teorias sociológicas para explicar mudanças na natureza do esporte; em termos gerais, sua abordagem segue o modelo para o estudo da sociedade desenvolvido pelas ciências naturais modernas.¹⁹

No mesmo sentido, a aproximação da História com a antropologia trouxe novas abordagens, de cunho sociocultural, para a disciplina histórica. Esse processo abriu definitivamente as portas para esporte, e o consolidou como objeto das pesquisas acadêmicas. Como demonstra Genovez, a afeição da História Cultural:

[...] pelo informal, como festas, crenças, etc., abre espaço para o historiador trabalhar o lazer e o esporte. Gestos, cores, emblemas, todo o aparato que envolve as práticas esportivas podem ser objeto de estudo da História cultural. Assim como as bandeiras e hinos nacionais evocam e representam o patriotismo de uma nação, tais símbolos podem ter o mesmo tratamento com relação a clubes ou delegações de atletas.²⁰

Assim, a História Cultural apresentou uma nova gama de possibilidades analíticas e interpretativas sobre o esporte, sem abrir mão dos recursos metodológicos introduzidos com o debate com a sociologia.

1.2. História Cultural do Futebol

Em 1938, Johan Huizinga escreveu o livro *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*, talvez esse tenha sido o primeiro esforço de relacionar as práticas lúdicas com a

¹⁸ Como por exemplo, a International Society for History of Physical Education and Sport (ISHPES), nos Estados Unidos da América, em 1979. No contexto brasileiro, as primeiras publicações em revistas acadêmicas começaram a aparecer nos anos 1990, já os grupos de pesquisa, principalmente sobre futebol, começaram a se organizar na segunda metade do final dos anos 1990, e sistematicamente nos anos 2000. Vale citar alguns: Grupo de Estudos e Pesquisas de Futebol (2001) da Unicamp; Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol (2003) da FFLCH/USP; Grupo de Estudos em Comunicação Esportiva e Futebol (2005) da Unesp-Bauru; Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcida (2006) da UFMG; Laboratório de História do Esporte e do Lazer (2007) da UFRJ; LUDENS-Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (2010) da USP, que também conta com a participação de pesquisadores de diversas universidades nacionais (UFSCAR, Unicamp, UNESP e Unifesp) e internacionais (Universidade de Bristol, Universidade do Porto, Universidade Lusófona de Lisboa). Grupo de Discussão sobre Futebol da EFLCH da Unifesp (2012).

¹⁹ BOOTH, Douglas. "História do Esporte: abordagens em mutação". Recorde: Revista de História do Esporte, vol. 4, n. 1, junho de 2011. p.2.

²⁰ GENOVEZ, Patrícia Falco. "O desafio de Clío: o esporte como objeto de estudo da História". *op. cit.* p.2.

cultura. Apesar de entender as práticas lúdicas como um fenômeno cultural, Huizinga não estava preocupado em entender o jogo como uma manifestação cultural, a proposta era “determinar até que ponto a própria cultura possui um caráter lúdico”.²¹

Todavia, mesmo com todas as suas preocupações, o autor não apresentava uma abordagem histórica, uma vez que entendia o jogo “como um elemento dado, existente antes da própria cultura, acompanhando-a e marcando-a desde as mais distantes origens até a fase de civilização em que agora nos encontramos”.²² Por tais motivos, o trabalho de Huizinga pouca ajuda a entender o esporte nos termos da História Cultural, mas o fato do autor ter pensado em relacionar o esporte com a cultura já dava indícios da relevância e das possibilidades do tema.

Foi só após a Segunda Guerra Mundial que paulatinamente as questões de ordem cultural começaram a ser consideradas pelos historiadores. Os diálogos interdisciplinares, sobretudo com a antropologia, influenciaram diversos historiadores. Essa aproximação da História com outras disciplinas das ciências humanas marcou “um novo olhar para a cultura e uma nova ênfase no reconhecimento de sua importância”.²³

No âmbito da História do Esporte, foi na década de 1970 que se passou a considerar as “práticas corporais” como objeto de pesquisa, esse período coincide com uma renovação historiográfica. Como demonstra Peter Burke, “graças a essa virada em direção às práticas, a história do esporte, que antes era tema de amadores, tornou-se profissionalizada, um campo com suas próprias revistas, como a *International Journal for the History of Sport*”.²⁴

Para além da ideia de “prática”, a História Cultural trouxe para o debate as noções de performance e de representação, conceitos muito caros para o historiador cultural do esporte. Nesse sentido, observa-se que “os espetáculos esportivos devem ser encarados como espaços de múltiplas performances e representações: dos atletas, do público, da imprensa, dos demais trabalhadores envolvidos”.²⁵

Sobre a noção de representação, cabe ao historiador cultural do esporte atentar aos símbolos e suas interações, isto é, ter “um viés que recai justamente sobre as representações construídas em torno do objeto”.²⁶ Deste modo, o historiador deve entender o esporte entre as práticas e as representações. Assim, “os estudos devem estar preocupados com o que as práticas esportivas *representam*: para pessoas (que gostam ou que não gostam de esporte),

²¹ HUIZINGA, Johan. *Homo ludens; o jogo como elemento da cultura*. 2 ed. São Paulo: perspectiva, 1980. p.3.

²² HUIZINGA, Johan. *Homo ludens; o jogo como elemento da cultura*. op. cit. p.7.

²³ MELO, Victor Andrade de. [et. al.]. *Pesquisa histórica e história do esporte*. op. cit. p.48.

²⁴ BURKE, PETER. *O que é história cultural?*. 2.ed. rev. e ampl. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. p.78.

²⁵ MELO, Victor Andrade de. [et. al.]. *Pesquisa histórica e história do esporte*. op. cit. p.62.

²⁶ *Idem*. p.57.

países, política, torcida, fãs, associações, grupos, entidades, clubes, família, etc.”.²⁷ Nesses termos, a ideia de representação ajuda a interpretar, por exemplo, o futebol.

Uma das potencialidades da História Cultural do Esporte, apontada pelos autores da coletânea *Pesquisa Histórica e História do Esporte*, é discutir identidades nacionais a partir do esporte, uma vez que o esporte é terreno fértil para a construção de representação nacional. Como bem apontou Eric J. Hobsbawm, o esporte, no entre-guerras, tornou-se: “[...] uma expressão de luta nacional com os esportistas representando seus Estados ou nações”. Rapidamente, as disputas esportivas “se transformaram indubitavelmente em ocasiões competitivas de autoafirmação nacional”.²⁸

Deste modo, o futebol se tornou um vetor das construções de representação nacional. Para essa discussão, tomaremos o FC Barcelona como exemplo. Sobre o clube da Catalunha, espera-se relacionar o papel do clube na construção de identidades tanto clubística, quanto nacional. A história de mais de cem anos do clube se confunde, em certa medida, com a história da Catalunha na Espanha contemporânea. No período franquista o FC Barcelona representou um meio de afirmação nacional catalã em oposição à ditadura de Francisco Franco. O clube, e seu estádio, eram o único espaço público em que língua catalã poderia ser falada sem ser coibida pela ditadura.

Considerando o que pode representar o FC Barcelona para a Catalunha, é de se destacar o conceito de representação de Roger Chartier. Entende-se representação a partir de duas interpretações:

[...] uma pensa a construção das identidades sociais como resultado sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma; outra que considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade.²⁹

Tomaremos a segunda como baliza, uma vez que se entende que o futebol constitui como um terreno fértil para representações. É nesse esporte que torcedor, jogadores e clube conferem sentido e coesão para a suas existências, a partir de representações de si mesmos. Deste modo, pensando o caso do FC Barcelona, torcedores e jogadores podem representar o clube, e vice-versa.

²⁷ *Idem. Ibidem.*

²⁸ HOBBSAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. p.162.

²⁹ CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Estudos Avançados. 1991, vol.5, n.11, p.183.

Mesmo que para Chartier as duas interpretações sobre o conceito de representação sejam excludentes, entende-se que a construção de identidade do FC Barcelona também se dá a partir de uma relação de forças entre representações impostas. Significa dizer, também, que a construção de identidade catalã do FC Barcelona se dá em uma relação de poder, na qual o clube impõe uma representação de si e da torcida, que responde aceitando, resignificando ou resistindo.

Também é preciso lembrar-se da “relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pelo outro porque lhe é homóloga”³⁰, isto é, a “imagem presente” de um clube carregado de signos e de uma identidade historicamente construída pode representar “um objeto ausente”, assim, o FC Barcelona assumiria a ausência da Catalunha, enquanto Estado-Nação. Nesse jogo de imagens, encontram-se torcedores e jogadores que ora ratificam a imagem construída pelo clube, ora constroem a imagem do clube. Acredita-se aqui que foi construída uma identidade catalã por meio de representações sociais e culturais. É nessa dupla-chave, “objeto ausente” e “imagem presente”, que o FC Barcelona, enquanto representante da Catalunha, está sendo analisado.

Também se deve considerar o papel do estádio como o espaço em que as representações têm lugar. Se o estádio ajuda a construir e a reforçar a identidade clubística, além de renovar a relação do torcedor com o clube, toda vez que o torcedor visita o terreno de jogo, no caso do FC Barcelona, o estádio *Camp Nou* exerceu um papel importante na construção, não apenas de uma identidade clubística, mas também de uma identidade catalã. Foi no ambiente do *Camp Nou* que as manifestações a favor da Catalunha tiveram espaço, principalmente nos períodos mais duros da vida política espanhola. Também foi no estádio que a relação entre torcedor e clube se consolidou. Tais relações podem ser interpretadas a partir da ideia de representação, descrita anteriormente.

Assim, o estádio aparece como elemento de coesão. Como Elias Cannetti ajuda a entender, nos estádios:

As fileiras encontram-se dispostas uma acima da outra, a fim de que todos vejam o que se passa lá embaixo. A consequência disso, porém, é que a massa encontra-se sentada diante de si mesma. Cada um tem à sua frente milhares de pessoas e cabeças.

[...]

A massa que assim se exhibe não apresenta nenhuma interrupção. O anel que compõe é fechado. Nada lhe escapa. Há algo de estranhamente homogêneo nesse anel de rostos fascinados, uns sobre os outros. Ele abarca e contém tudo quanto se passa lá embaixo.³¹

³⁰ *Ibidem*.

³¹ CANETTI, Elias. *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.27.

Em outras palavras, é nos estádios que os torcedores se conhecem e se reconhecem enquanto grupo. É nesse espaço que acontece o jogo de representação, isto é, torcedores representam o clube e o clube representa os torcedores, conferindo, assim, sentido e coesão para as suas existências.

Nos termos propostos por Chartier, entender esse jogo de representação implica em estabelecer relações com as práticas sociais, como por exemplo, o convívio social dentro do estádio. Nesse sentido, o clube apareceu como um espaço de sociabilidade onde a língua catalã poderia ser expressa, e, assim, temos indícios para compreendermos o *catalanismo*³² que o clube carregava consigo e que havia construído historicamente durante os seus quase 100 anos de existência. Por fim, é preciso considerar também a “realidade específica” do FC Barcelona, um clube fundado sem pretensões de ser um representante da Catalunha e, que durante os anos mais duros da história política da Espanha, buscou assumir a identidade catalã.

³² Sobre *catalanismo*, entende-se que é um conjunto de questões que dizem respeito ao nacionalismo catalão.

I – CONTEXTOS: ESPANHA, CATALUNHA E FC BARCELONA

(...) El control social no lo cumple la adhesión barcelonista, mucho menos alienante en este caso que en los casos de adhesión sin contenidos políticos o culturales propios, sino el marco general que reduce la vida colectiva al espectáculo quincenal. No ha sido el FC Barcelona el agente alienador, sino la falta de lo otro. El FC Barcelona ha sido, al contrario, un medio de mantenimiento de nuestra identidad colectiva.

Este carácter nacional-popular del FC Barcelona, como de otras entidades ciudadanas, le ha dotado de un particular talante y de una vitalidad democrática, de la que no puede ya prescindir sin correr graves riesgos. El FC Barcelona no puede ser un club de fútbol y nada más. Tampoco un instrumento de la burguesía catalana y punto. El pueblo catalán se lo apropiado y el club ha adquirido una responsabilidad cívica que si la defraudara perdería gran parte de su razón de ser.³³

1.1. CATALUNHA E ESPANHA

Após a derrota para as tropas bourbônicas, na Guerra de Sucessão Espanhola, em 11 de setembro de 1714, a Coroa de Aragão foi anexada a Coroa de Castela. Logo após a anexação, Castela iniciou um processo que visava à substituição da língua catalã em toda a vida pública da região, desde a administração, passando pela jurisprudência, pela religião e principalmente, pelo ensino.³⁴ Esse processo foi observado principalmente a partir da década de 1720, com inúmeras proibições e restrições ao uso da língua catalã. Entretanto, “és necessari diferenciar el que va pasar a nivell escrit i a nivell oral, car malgrat la substitució del català en actes i documents, els membres de moltes institucions continuaren usant-hi en elles el català com a llengua parlada”.³⁵

O golpe mais duro à língua catalã veio em 1768, com a promulgação da Real Cédula de Aranjuez, que afirmava a obrigatoriedade do castelhano em todos os níveis de ensino. Vale ressaltar que uma parte da burguesia, e de letrados, via com bons olhos a ideia de uma nação

³³ BORJA, Jordi. *Catalunya, un pueblo con atributos*. BARÇA, 23 de diciembre de 1975. Apud SANTACANA, Carles. *El Barça y el Franquismo – Crónica de unos años decisivos para a Catalunya (1968-1978)*. Ediciones Apóstrofe, 2006. p.299-300.

³⁴ BALCELLS, Albert (dir.). *Història da Catalunya*. Barcelona: L’Esfera dels Llibres/Labutxaca, 2006. p. 783.

³⁵ “[...] é necessário diferenciar o que aconteceu a nível escrito e a nível oral, porque apesar da substituição do catalão em atos e documentos, muitos membros da instituição [da Coroa] continuaram a usá-lo enquanto uma língua falada.” Tradução nossa. BALCELLS, Albert (dir.). *Història da Catalunya*. Barcelona: L’Esfera dels Llibres/Labutxaca, 2006. p.784.

unificada linguisticamente. Assim, o castelhano começou a ser usado não apenas na vida política, mas também passou a ser falado pela burguesia e por letrados, dividindo espaço com o latim, ao passo que o catalão, de uso predominantemente oral, passou a ser usado pelas camadas mais populares, no caso, camponeses.³⁶

Este quadro só mudaria na segunda metade do século. Em meados do século XIX, o nacionalismo catalão passou por um processo de renovação, graças ao movimento cultural conhecido como *Renaixença*. Entre 1833 a 1850 a língua catalã passou ser usada pelos intelectuais e literatos, como uma forma de exaltação da cultura popular. A *Renaixença*, enquanto um movimento literário buscou retomar a um passado glorioso e medieval da região da Catalunha, desta forma, não apenas o conteúdo dos poemas era medieval, como a própria organização de festivais para recitação das trovas cavalheirescas.

Ainda que não visasse um conteúdo político, o uso da língua catalã pelos letrados da *Renaixença*, mais tarde, assumiria um papel fundamental para a formação do *catalanismo*. Entretanto, é importante destacar que esse movimento cultural era elitista, e mesmo cultuando o catalão das classes populares, a língua era mobilizada de maneira erudita. Apesar de a língua ter assumido um papel central na formação do *catalanismo*, “o regionalismo catalão não se preocupou com a questão linguística até 1880”,³⁷ como bem o demonstra Eric Hobsbawm.

Foi apenas nas duas últimas décadas do século XIX que a língua catalã assumiu um sentido de identidade coletiva da Catalunha. Aqui cabe ressaltar dois momentos. Um primeiro na década de 1880, em que se observou uma proliferação de obras literárias que destacavam a História da Catalunha, boa parte delas influenciadas pela *Renaixença*, o *catalanismo* assumia uma posição política bem definida.³⁸ O segundo movimento foi o *Primer Congrès Catalanista* de 1880, que buscou uma unificação ortográfica, além da criação de uma instituição acadêmica para sistematização da língua.³⁹

Esse crescente nacionalismo catalão sofreria uma grave ruptura com a ascensão de Primo de Rivera ao poder (1923-1930). Ainda assim, o *catalanismo* não havia alcançado às massas, na verdade:

pertencia fundamentalmente às classes médias locais, aos notáveis provincianos de pequenas cidades, e aos intelectuais, uma vez que a classe trabalhadora militante e

³⁶ BALCELLS, Albert (dir.). *Història da Catalunya*. Barcelona: L’Esfera dels Llibres/Labutxaca, 2006. p.786-787.

³⁷ HOBSBAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. p.122.

³⁸ O primeiro livro sobre a História da Catalunha, escrito em catalão, foi de Antoni Aulèstia, e data de 1888.

³⁹ BALCELLS, Albert (dir.). *Història da Catalunya*. Barcelona: L’Esfera dels Llibres/Labutxaca, 2006. p.912.

predominantemente anarquista, tanto catalã como imigrante, guardava certa desconfiança do nacionalismo de base.⁴⁰

Foi durante a Segunda República Espanhola (1931-1939), e principalmente no regime de Francisco Franco (1939-1975), que o *catalanismo* ganhou apelo popular, concomitante com inúmeras proibições à língua. Ainda que a República tenha garantido autonomia política para as regiões da Catalunha, País Basco e Galícia, com a criação da Generalitat a questão da autonomia política dessas regiões foi usada pela extrema direita como argumento contra a República, como aponta Borja de Riquer.⁴¹

Na Guerra Civil Espanhola (1936-1939) a Catalunha foi um dos focos de resistência, principalmente devido à presença das ideias de esquerda, canalizadas pela classe trabalhadora. Vale lembrar que a Catalunha era a principal região industrial da Espanha, e deste modo, as ideias anarquistas e anarco-sindicalistas eram difundidas entre os operários.

Nessa época, as línguas regionais não eram uma ameaça, e foram toleradas até o final da guerra. Todavia, em 1939, houve a proibição do uso das línguas regionais nas escolas, na imprensa, nas práticas religiosas e em toda a vida pública, além da abolição dos símbolos nacionais como hinos e bandeiras, tendo em vista que as manifestações regionais eram tidas como forma de separatismo que ameaçava desagregar a Espanha.

Com a o fim da guerra e consolidação do golpe, o regime de Francisco Franco procurou garantir a unidade espanhola não apenas com o apoio da Constituição, mas também por meio de coerção política e militar.

[...] la prohibición y persecución de todas as manifestaciones lingüísticas y culturales no castellaneas, que pudieran servir como base para el mantenimiento de actitudes nacionalistas y regionalistas alternativas, se convirtieron en un imperativo político de primer orden.⁴²

Para além disso, o regime franquista pretendeu interromper o desenvolvimento do *catalanismo*, que estava em pleno florescimento durante a República. A cultura catalã “se encontraba en una etapa de plenitud notable, manifestada en la creación de una amplia rede de instituciones, entidade, empresas editoriales, publicaciones y atividades”.⁴³ A grande maioria dos intelectuais catalães estava comprometida com a causa republicana, ainda que visassem garantir a autonomia da Catalunha.

⁴⁰ HOBBSAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. p.159.

⁴¹ RIQUER, Borja de. *Historia de España: La Dictadura de Franco*. Barcelona: Crítica-Marcial Pons, 2010. Vol.9. p.158.

⁴² RIQUER, Borja de. *Historia de España: La Dictadura de Franco. op. cit.* p.158.

⁴³ RIQUER, Borja de. *Historia de España: La Dictadura de Franco. op. cit.* p.161.

Durante a República, e principalmente durante o franquismo, o *catalanismo* atingiu as massas. Como aponta Hobsbawm, “[...] o catalanismo tornou-se [...] uma força de massa apenas se movendo para a esquerda, a fim de integrar-se a um movimento trabalhista poderoso e independente [...]”⁴⁴. Nesse sentido, o *catalanismo* foi bem sucedido ao agregar imigrantes, principalmente aqueles da classe trabalhadora.

A década de 1960 foi determinante para o crescimento do nacionalismo nas camadas mais populares, pois a política franquista de conter as manifestações regionais provocou efeito contrário, “una fuerte reacción cultural em la década de 1960, que incluso provocó una radicalización ideológica y política, tanto en el caso vasco como en el catalán”.⁴⁵ De fato, a penetração das ideias democráticas somadas às reivindicações nacionais, paulatinamente passou a ser presente na sociedade civil catalã, na medida em que se observavam as manifestações nacionais em entidade culturais, centros esportivos e até mesmo em clubes de futebol.

Durante toda a ditadura franquista, o governo central buscou eliminar qualquer meio em que a língua catalã poderia ser ensinada. Escola, imprensa, rádio, cinema e televisão estavam proibidos de ser em outra língua, que não a castelhana. Isso não significa dizer que não existiam, nesse período havia uma quantidade considerável de imprensa clandestina, sobretudo periódicos impressos.⁴⁶ A língua catalã foi proibida em lugares públicos, mas um dos poucos lugares, se não o único lugar público, onde se podia falar o catalão sem proibição, era nos estádios de futebol.

Ao final da ditadura de Franco, a língua catalã era restritamente falada entre as camadas médias e populares. A língua estava praticamente extinta, sem ser ensinada, sem ser veiculada nos meios de comunicação e sem nenhum reconhecimento político, além de ser restrita a uma faixa etária acima dos 40 anos de idade. Já no que diz respeito à economia, em quase uma década e meia (1960-1974) do regime franquista, a Espanha havia vivido um desenvolvimento, mas em 1974, o país entrou em uma crise econômica, acompanhada do enfraquecimento do franquismo e da doença do general Francisco Franco. Após a morte de Franco, em 1975, a Espanha passou por um processo de transição democrática. No lugar de Franco, Juan Carlos de Borbón assumiu o cargo de chefe de Estado, assim como o cargo de Rei da Espanha. Entretanto, as primeiras eleições só ocorreram dois anos depois, e a nova constituição foi promulgada em 1978. Com a Constituição de 1978, a Espanha passou a ser

⁴⁴ HOBBSAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. p.159-160.

⁴⁵ Riquer, Borja de. *Historia de España: La Dictadura de Franco*. op. cit. p.171.

⁴⁶ Ver CREXELL, Joan (org.). *Prensa Catalana Clandestina (1970-1977)*. Barcelona: Edicions Crit N° 2, 1977.

uma monarquia constitucional, com Estados autônomos, como por exemplo, Catalunha, País Basco e Galícia.

Dessa forma, o quadro de enfraquecimento da língua catalã começou a mudar na década de 1980, quando o governo central espanhol reconheceu as Comunidades Autônomas, garantindo um mínimo de autonomia política e cultural. Em outras palavras, isso significou que a língua catalã passasse a ser ensinada nas escolas, além da criação de canais de televisão e mídia impressa exclusivamente em catalão. Ainda assim, a população da Catalunha poderia ser considerada bilíngue, uma vez que o castelhano ainda estava enraizado na cultura catalã.

Ainda na década de 1980, a Espanha sofreu uma tentativa de golpe militar, que foi freada pelo próprio Juan Carlos. Em 1982, o *Partido Socialista Obrero Español* (PSOE) subiu ao poder. Pela primeira vez um partido de esquerda assumia a presidência da Espanha desde 1939. Durante o governo do PSOE (1982-1996) o país enfrentou “[...] el declive de las industrias tradicionales como siderurgia, minería y construcción naval, y el desempleo, cercano en 1982 al 20 por 100”.⁴⁷

Por outro lado, nesse mesmo período, a Espanha passou a fazer parte do cenário europeu e mundial, o país aderiu à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) em 1982, e passou a ser membro da Comunidade Europeia, em 1986. Durante os anos em que o PSOE esteve no poder, a Espanha viveu a

[...] reconversión industrial, la reforma militar, la modernización de las infraestructuras del país, la terminación del Estado autonómico, la recuperación del papel internacional de España y varios años (1985-1991, 1993-1996) de fuerte crecimiento económico.⁴⁸

Em 1996, o *Partido Popular* (PP) ganhou as eleições. O partido de direita manteve a estabilidade econômica da Espanha, isso significou um crescimento econômico, mas o modelo de pacto construído no processo de democratização começava a dar sinais de cansaço. Neste mesmo período o PP tentou combater o grupo terrorista ETA⁴⁹ e passou a restringir a autoridade das regiões autônomas, em especial o País Basco.⁵⁰

Durante a segunda metade da década de 1990, a Espanha observou a crescente entrada de imigrantes em seu território. É possível dizer que a imigração foi fruto do crescimento

⁴⁷ DELGADO, José Luis García; FUSI, Juan Pablo & RON, José Manuel Sánchez. *Historia de España: España y Europa*. Barcelona: Crítica-Marcial Pons, 2008. Vol.11. p.143.

⁴⁸ *Ibidem*.

⁴⁹ ETA do basco, *Euskadi Ta Askatasuna* (Pátria Basca e Liberdade). Era um grupo que lutava pela independência da região do País Basco. No início do ano de 2011, o grupo declarou cessar fogo. Em outubro do mesmo ano, o grupo declarou o fim das atividades.

⁵⁰ DELGADO, José Luis García; FUSI, Juan Pablo & RON, José Manuel Sánchez. *op. cit.* p.144.

econômico e da entrada da Espanha no cenário mundial. Entretanto, a imigração foi encarada como um problema social.⁵¹ Em suma, na década de 1990, a sociedade espanhola passou por profundas transformações que acirravam os conflitos sociais e os movimentos nacionalistas.

1.2. O FC BARCELONA: FUTEBOL E NACIONALISMO

Se retornarmos aos princípios do clube, observamos que um ano antes da fundação do FC Barcelona, 1898, a Espanha perdia suas colônias ultramarinas em uma guerra contra os Estados Unidos da América. Esse acontecimento afetou significativamente a política e a economia espanhola, determinando e expondo aquilo que se desenrolou no século XX:⁵² a Espanha teve que reconstruir sua economia, já que o Império não seria mais o elemento de coesão. A popularização do futebol e o aumento dos seus torcedores, sem dúvida, relacionaram-se com esse contexto de recusa da história imperial nacional e tradicional no qual as gerações intelectuais de 1898 e 1914 tiveram um importante papel.⁵³

O fato da cidade de Barcelona já ter características cosmopolitas no final do século XIX se refletiu no esporte. O esporte em Barcelona, de início, segregava as classes sociais. O hispismo, por exemplo, era o esporte dos mais ricos e o futebol era mais popular. Cabe lembrar que o ciclismo e o futebol foram práticas pioneiras na Catalunha.⁵⁴

Nesse sentido, “l’estrangerismo és un element comú quan es dissecciona l’origen de les primeres societats esportives a Barcelona”.⁵⁵ Os britânicos influenciaram as práticas esportivas na Espanha, principalmente o futebol. Todavia, os estrangeiros não influenciavam apenas nas práticas esportivas, influenciavam também com investimento financeiro, esta prática também é atribuída aos franceses.⁵⁶

A fundação do *Football Club Barcelona* estava envolvida neste contexto. A abertura para o capital estrangeiro somada à influência de colônias suíças, britânicas e alemãs em Barcelona, resultou na fundação do clube. Com o intuito de rememorar as partidas de futebol

⁵¹ *Idem.* p.145.

⁵² BERNECKER, Walther L. *Espanha entre tradição y modernidad – Política, economía, sociedad. (siglos XIX y XX)*. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 1999. p.198.

⁵³ NEMI, Ana Lúcia. “A guerra civil espanhola e suas raízes decimonônicas – a nação entre as luzes e as brumas” In: MEIHY, José Carlos S. B. *Guerra Civil espanhola – 70 anos depois*. São Paulo: Edusp, 2010. p.49-80.

⁵⁴ BARNILS, Ramon. *et al. Història crítica del Futbol Club Barcelona (1899-1999)*. Barcelona: Editorial Empúries, 1999. p.7.

⁵⁵ “O estrangeirismo foi um elemento comum quando se analisa as origens das primeiras sociedades esportivas em Barcelona” Tradução nossa. BARNILS, Ramon. *et al. Història crítica del Futbol Club Barcelona (1899-1999)*. *op. cit.* p.7.

⁵⁶ BARNILS, Ramon. *et al. Història crítica del Futbol Club Barcelona (1899-1999)*. *op. cit.* p.7.

que vivenciara na Suíça, o suíço Hans Gramper, que era um administrador de empresas e ex-jogador, decidiu fundar um clube de futebol, quando ainda tinha 22 anos de idade.

Na virada do século XIX para o XX, outros eventos de massa atraíam o público, como por exemplo, as touradas, e o ciclismo, muito popular principalmente na Catalunha. Gramper entrou em contato com outros representantes comerciais estrangeiros com o intuito de formalizar o “joc del carrer a través d’una entitat”, visto que o futebol “actua como a element integrador”.⁵⁷ O administrador decidiu criar um “un vehicle de cohesió social, un club”⁵⁸, anunciando em um jornal as suas pretensões de montar um clube de futebol.

Em 29 de novembro de 1899, Gramper enviou a documentação do clube para o Governo Civil, e então o Football Club Barcelona foi oficialmente fundado. Os primeiros anos do clube catalão foram marcados pela precariedade econômica. De início o clube recém criado teve que compartilhar o velódromo de Bonanova com outro clube de futebol, o FC Català. Já o seu plantel era composto majoritariamente por estrangeiros de origem britânica.

Nas décadas que precederam à Guerra Civil, o futebol na Espanha não era fortemente politizado da mesma maneira que viria a ser no período franquista. Depois de 1939 o futebol passou a destacar-se na questão do regionalismo, na ditadura franquista ficou evidente o questionamento do centralismo de Castela.⁵⁹ É importante ressaltar que “antes de la guerra civil el fútbol reflejó el regionalismo de manera mucho más explosiva em Cataluña que em el País Vasco”.⁶⁰

Foi na década de 1920 – durante a ditadura de Primo de Rivera (1923-1930) – que esse questionamento do FC Barcelona teve uma reação por parte do governo militar de Barcelona, que fechou o então estádio, *Les Corts*, durante seis meses, pois quando foi executada a marcha Real espanhola os torcedores do FC Barcelona vaiara; tal decisão só serviria pra aumentar a hostilidade do clube catalão para com Castela.⁶¹

A posição política tomada pelo clube durante a ditadura de Primo de Rivera seria o prelúdio daquilo que viria ocorrer na ditadura de Francisco Franco.⁶² Já às vésperas da Guerra Civil em julho de 1936, o então presidente do clube e deputado que era a favor da República, Josep Sunyol, em seu discurso de boas vindas aos jogadores, ressaltou a importância de

⁵⁷ “[...] o jogo da rua através de uma entidade [...]”; “[...] atua como elemento integrador [...]” Tradução nossa. BARNILS, Ramon. *et al. Història crítica del Futbol Club Barcelona (1899-1999)*. *op. cit.* p.8.

⁵⁸ “[...] um veículo de coesão social, um clube [...]” Tradução nossa. BARNILS, Ramon. *et al. Història crítica del Futbol Club Barcelona (1899-1999)*. *op. cit.* p.10.

⁵⁹ SHAW, Duncan. *Futebol y Franquismo*. Madri: Alianza Editorial, 1987, p.22.

⁶⁰ *Ibidem. Idem.*

⁶¹ *Ibidem.* p.23

⁶² *Ibidem. Idem.*

ressuscitar a vida econômica do clube.⁶³ Pouco tempo depois deste acontecimento, na primeira quinzena de agosto, Sunyol foi fuzilado por soldados franquistas quando passava por uma região de conflito.⁶⁴

Durante a Guerra Civil a situação econômica do FC Barcelona não era das melhores, pois enfrentava um déficit de aproximadamente 177.700 pesetas, os salários dos jogadores por volta de 500 pesetas e o número de sócios em baixa. Este quadro era agravado não apenas pela política econômica da época, mas principalmente pela guerra.⁶⁵ Na temporada 1937-1938, o campeonato espanhol foi suspenso, o campeonato da Catalunha ainda durou mais esta temporada, já na temporada de 1938-1939, as atividades futebolísticas foram suspensas.⁶⁶ Em meio à guerra, em março de 1938, uma bomba atingiu a sede social do clube, onde havia troféus e documentos, causando um prejuízo de mais de duas mil pesetas.⁶⁷

No caos da guerra e com o campeonato espanhol suspenso, o clube resolveu fazer um tour pelos Estados Unidos da América, onde conseguiu levantar fundos para sanar suas dívidas.⁶⁸ Todavia, o patrimônio do clube se resumia ao estádio *Les Corts*, uns poucos dólares que recebeu nos Estados Unidos, e alguns jogadores, sendo que uma parte ficou na América e outra na França.⁶⁹

Com o fim da guerra, em 1943, já consolidado o golpe de Francisco Franco, FC Barcelona e Real Madrid disputaram a semifinal da copa do Generalíssimo. No jogo de ida, em Barcelona, uma vitória por 3 a 0, o clube foi obrigado a pagar uma multa devido à hostilidade da torcida azul-grená.⁷⁰ No jogo de volta, pressionado pelo governo central, por policiais e pelo árbitro, que visitaram o vestiário do FC Barcelona antes da partida, o clube azul-grená foi derrotado por 11 a 1.⁷¹ Esta goleada assinala o ponto no qual se inicia a fobia contra o Barcelona, por parte do Real Madrid,⁷² e contribuiu para reforçar a rivalidade Barcelona-Real Madrid.

Durante a década de 1950, a contratação de dois jogadores foi disputada entre o Barcelona e o Real Madrid. Em 1950, o FC Barcelona influenciou e praticamente tirou o húngaro Lászlo Kubala do clube merengue, atravessando as negociações do Real com o

⁶³ BARNILS, Ramon. *et al. Història crítica del Futbol Club Barcelona (1899-1999)*. *op. cit.* p.89.

⁶⁴ SODRÉ I SABATÉ, Josep M. & FINISTRES, Jordi. *El Barça em guerra (1936-1939)*. Barcelona: Angle Editora, 2006. p.48-49.

⁶⁵ BARNILS, Ramon. *et al. Història crítica del Futbol Club Barcelona (1899-1999)*. *op. cit.* p.91-92.

⁶⁶ *Ibidem.* p.93.

⁶⁷ *Ibidem.* p.94.

⁶⁸ GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2010. p.43-44.

⁶⁹ BARNILS, Ramon. *et al. Història crítica del Futbol Club Barcelona (1899-1999)*. *op.c it.* p.95.

⁷⁰ *Ibidem.* p.104.

⁷¹ *Ibidem. Idem.*

⁷² *Ibidem. Idem.*

jogador. Três anos depois o “troco” do Real Madrid veio com Di Stéfano. O argentino já havia acertado com o clube catalão e disputado alguns amistosos, quando assinou com o Real. O Ministério del Deporte, influenciado pelo Real Madrid, limitou o número de contratações de jogadores estrangeiros, e apresentou como solução da disputa pelo jogador dividi-lo em temporadas alternadas entre os dois clubes. O clube catalão, se recusando a dividir o jogador com um clube do governo centralista, liberou Di Stéfano para o Real Madrid. Mais tarde o argentino se naturalizou espanhol e tornou-se o maior jogador da história do Real.

No final da década de 1950, o FC Barcelona já contava com o estádio *Camp Nou*, que fora construído mesmo sob acusações de empréstimos superfaturados e desvios de verba, reflexo de uma má administração que o clube viveu naqueles anos.⁷³ A dívida da construção do estádio só viria a ser quitada com a venda do antigo estádio *Les Cortes*, e apenas depois da intervenção e autorização de Franco que o antigo estádio pôde ser vendido. Nesse sentido, o clube valeu-se do regime franquista para sanar sua dívida, mas a ação de Franco pode ser vista como uma tentativa de aproximação com o clube, haja vista que o generalíssimo gostava de futebol e usava-o como propaganda de seu governo.⁷⁴

Na década de 1960, mais especificamente em 1968, Narcís de Carreras então presidente do clube proferiu a frase: *Barça, més que un club*. Essa frase explicitava que o FC Barcelona ultrapassava o terreno futebolístico, atingindo o âmbito sócio-político, em outras palavras, o clube identificava-se com a Catalunha, representando-a. O clube tornou-se o “veículo de uma oposição popular nacionalista na Catalunha”.⁷⁵

Antes de Narcís de Carreras assumir a presidência do FC Barcelona o cargo estava sob o comando de Enric Llaudet, que nele permaneceu por seis anos (1961-1967). O período de Llaudet à frente do FC Barcelona coincidiu com o desenvolvimento histórico da sociedade catalã, em grande parte devido ao crescimento econômico da região.⁷⁶ Tal desenvolvimento econômico da Catalunha impulsionou um fluxo migratório – quase um milhão de pessoas vindas das regiões mais pobres da Espanha – e o desenvolvimento urbano, principalmente da cidade de Barcelona.⁷⁷

A sociedade catalã do final da década de 1960 oferecia novos aspectos se comparados ao início da mesma década. Gradualmente havia uma reconquista do espaço civil, que ainda era, em grande medida, controlado fortemente pelo regime franquista. De 1960 a 1970 a

⁷³ *Ibidem.* p.148.

⁷⁴ BARNILS, Ramon. *et al. Història crítica del Futbol Club Barcelona (1899-1999)*. *op. cit.* p.174.

⁷⁵ Tradução nossa. SHAW, Duncan. *Futebol y Franquismo*. Madri: Alianza Editorial, 1987. p.13.

⁷⁶ SANTACANA, Carles. *El Barça y el Franquismo – Crónica de unos años decisivos para a Cataluña (1968-1978)*. *op. cit.* p.55.

⁷⁷ *Ibidem. Idem.*

população da Catalunha cresceu, este crescimento é atribuído principalmente ao citado fluxo migratório.⁷⁸ Espanhóis saíam, principalmente, do norte da Espanha rumo a Barcelona. O FC Barcelona soube agregar esse contingente de migrantes, e o clube aumentou o número de sócio-torcedores. No início da década de 60 eram um pouco mais de 39 mil, no final da década esse número chegava perto dos 50 mil.⁷⁹

Já em 1974, o FC Barcelona enfrentou o Real Madrid pelo campeonato espanhol, o jogo foi realizado no estádio Santiago Bernabéu, na capital da Espanha e do regime franquista. A Espanha vivia os últimos respiros da Era Franco e o clube catalão ganhou com de 5 a 0 do rival. A vitória saiu do âmbito esportivo e tomou forma no terreno político: “toda la periferia se sintió vengada de Castilla com el 5-0 de Barcelona en el Bernabéu”⁸⁰. O clube periférico e separatista havia ganhado do clube franquista, configurando, assim a vingança – mesmo que simbólica – do mais fraco contra o mais forte.

Nesse período o franquismo estava enfraquecido, juntamente com a saúde de Franco. Como reflexo do enfraquecimento do regime observa-se que o clube recuperou o seu nome original, voltando a ser *Football Club Barcelona*, nome este que fora modificado por Franco.

Neste ano do 5-0, o Barcelona já contava com a presença de Cruyff, a sua contratação em 1973 foi a mais cara da época, o holandês era considerado um dos melhores de seu tempo. Como aponta Carles Santacana, a sua popularidade dentro e fora da Espanha era grande, e assim, a sua imagem foi explorada em campanhas publicitárias, o que resultou na “*cruyffmanía*”.⁸¹ Vale lembrar que a imagem de Cruyff refletia o FC Barcelona e a Catalunha, o holandês se identificou com o clube, e deste modo é possível dizer que Cruyff corroborou para intensificar ou renovar o *catalanismo*.

O *catalanismo* renovado na imagem de Cruyff e a vitória de goleada na casa do rival corroboraram para a propagação da frase “*Barça, més que un club*”. A frase de Carreras já era conhecida dentro do clube, seu substituto na presidência do clube catalão, Augustí Montal i Costa, fez uso da frase de Carreras como título de sua campanha, em 1973.

Se observarmos a frase “*Barça, més que un club*” veremos que ela está inserida no campo da representação. Para Mauricio Murad pensar futebol no âmbito cultural é trabalhar

⁷⁸ BARNILS, Ramon. *et al. Història crítica del Futbol Club Barcelona (1899-1999)*. *op. cit.* p.186.

⁷⁹ Dados estatísticos em: BARNILS, Ramon. *et al. Història crítica del Futbol Club Barcelona (1899-1999)*. *op. cit.*

⁸⁰ *Don Balón*, Barcelona, núm. 17, 27 de janeiro de 1976. *Apud*: SHAW, Duncan. *Futebol y Franquismo*. Madri: Alianza Editorial, 1987. p.212.

⁸¹ SANTACANA, Carles. *El Barça y el Franquismo – Crónica de unos años decisivos para a Cataluña (1968-1978)*. *op. cit.* p.168.

no “universo das representações sociais”⁸². Já Richard Giulianotti entende que o futebol pode ser usado para “expressar formas particulares de identidade social e cultural”⁸³. Deste modo, o FC Barcelona assumiu não só uma identidade social como também cultural. Neste sentido, sua complexidade não pode ser resumida na idéia de que a frase citada constitui um mito, ela encerra um processo longo de construção que se reporta à experiência dos catalães, às disputas políticas encetadas em meio ao regime de Franco e que sofreram forte inflexão no momento de crise do referido regime.

No final dos anos 1970, Josep Lluís Núñez foi eleito presidente do clube. Com objetivo de colocar o clube catalão dentro do mercado mundial do futebol. Já nos final dos anos 1980,⁸⁴ o clube iniciou a montagem de um elenco para disputar títulos continentais. Todavia, os projetos esportivos ficaram de lado devido a fatores econômicos, o clube só voltou a conquistar o Campeonato Espanhol em 1985.

Durante a segunda metade da década de 1980, e principalmente nos anos 1990, o FC Barcelona passou integrar no mercado mundial da bola. Em outras palavras, o clube começou a sentir os efeitos da globalização do futebol. Antes de analisar o caso específico do FC Barcelona na última década do século XX, é necessário entender o processo de globalização do futebol que se observou nesse período. Sobre este tema, os trabalhos de Richard Giulianotti⁸⁵ demonstram que esse processo entrou em choque com as peculiaridades culturais dos clubes. Como o autor afirma, o futebol pode ser usado para “expressar formas particulares de identidade social e cultural”⁸⁶. Por outro lado, “a globalização do futebol e a circulação de capital internacional de esportes causaram a erosão de muitas dessas peculiaridades culturais”.⁸⁷ Para além do aumento da circulação de jogadores estrangeiros, Giulianotti aponta que a *erosão das particularidades regionais* pode ser observada na “privatização” dos clubes, sobretudo os ingleses, que passaram a pertencer não apenas a acionistas, mas também a empresas, ou até mesmo a um único dono. Os novos mandatários dos clubes, normalmente, eram de regiões sem nenhuma ligação com o local de origem do clube, e muitas vezes os clubes eram comprados por milionários do leste europeu, da Ásia ou dos Estados Unidos. Acompanhado a isso, existiu a mercantilização do futebol e a comercialização do clube, que

⁸² MURAD, Mauricio. *Dos pés à cabeça: elementos básicos de sociologia do futebol*. Rio de Janeiro: Editora Irradiação Cultural, 1996. p.19.

⁸³ GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010. p.25.

⁸⁴ BARNILS, Ramon. *et al. Història crítica del Futbol Club Barcelona (1899-1999)*. *op. cit.* p.246.

⁸⁵ GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

⁸⁶ *Idem.* p.116.

⁸⁷ *Idem.* p.116.

alterou a relação torcedor-clube, transformando-a em relação consumidor-clube. Essa mudança da relação também pode ser atribuída ao papel da televisão que contribuiu para a difusão e consolidação das marcas dos clubes em novos territórios comerciais.

Paulo Miranda Favero entende que “a globalização é contra o futebol: ela aniquila as escolas nacionais, por causa da grande circulação de atletas de diferentes nacionalidades, esvazia as periferias de jogadores e os concentra em clubes transnacionais.”⁸⁸ Apesar de sua preocupação ser a geopolítica do futebol, o autor vai ao encontro de Giulianotti, uma vez que ambos entendem que a globalização do futebol tensiona as especificidades culturais de determinada região.

Ainda para entender a globalização do futebol, assim como sua mercantilização, cabe lembrar o trabalho intitulado *Esporte-Espetáculo e Futebol-Empresa*, de Marcelo Weishaupt Proni.⁸⁹ Apesar de estudar o esporte como espetáculo e a sua mercantilização, o autor dedica um capítulo para discutir a globalização do esporte como um todo. Proni analisa o futebol em dois momentos, primeiro a sua mercantilização, tomando como exemplo o futebol inglês, e em um segundo momento, analisa os desdobramentos dessa mercantilização e o modelo exportado do “futebol-empresa” em experiências brasileiras.

Da maneira oposta aos autores citados, Pablo Alabarces demonstra que os clubes possuem dimensões locais, e que devido à globalização do futebol existe sempre uma relação conflituosa entre o local e o global. Para o autor, “as tendências esportivas locais seguem muito poderosas, e obrigam continuamente a reescrever o relato global do futebol”⁹⁰. Nesse sentido, Alabarces cita o caso contemporâneo do FC Barcelona:

E a suposta globalização de uma equipe como o Barcelona, onde jogam Messi, Alves, Sánchez e Iniesta, não pode desvincular-se do funcionamento tribal da equipe catalã: apesar de suas tradições holandesas e suas estrelas globais, o Barcelona não pode, nem deseja, deixar de ser o símbolo de uma identidade local: a representação regional catalã perante o centralismo do estado espanhol.⁹¹

Sendo assim, nesse processo de globalização, o clube aceitou e buscou se internacionalizar, ao mesmo tempo em que buscava passar a imagem de exceção à globalização, além de explorar a sua identificação com a Catalunha. Nessa perspectiva, o

⁸⁸ FAVERO, Paulo Miranda. *Globalização, mercantilização e geopolítica do futebol*. 2006. 61 f. Monografia (Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. p.56

⁸⁹ PRONI, Marcelo Weishaupt. *Esporte-Espetáculo e Futebol-Empresa*. 1998. 275 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

⁹⁰ ALABARCES, Pablo. *Futebol e globalização: as formas locais das mercadorias globais*. Bauru: revista faac, v. 1, n. 2, out. 2011/mar. 2012. p.196.

⁹¹ *Idem*. p.199.

choque entre a dimensão global que o clube ganhou e as suas particularidades regionais implicam em uma ressignificação das dimensões do clube, e está é uma questão fundamental para esta pesquisa.

Os trabalhos citados até aqui levantam algumas questões que serão melhor analisadas ao longo desta dissertação, a saber: a espetacularização do futebol, que é fruto da midiaticização do esporte por meio da entrada da televisão nas transmissões dos jogos, e é elemento verificado principalmente nas décadas de 1980 e 1990. Acompanhando esse processo de espetacularização do esporte, está a mercantilização do futebol, o esporte passou a ser visto como produto e, portanto, configuram-se mercados consumidores. O fator decisivo para o futebol conquistar novos territórios e, conseqüentemente, novos mercados, pode ser atribuído à televisão. Deste modo, é necessário problematizar esse novo futebol, tido como “moderno”, assim como todo o processo que o tornou um produto, em que os clubes viraram empresas, e os seus torcedores assumiram o papel de consumidores. Por fim, considera-se, também, o caso Bosman⁹² que alterou toda a política de contratação de jogadores dos países membros da União Europeia, sua resolução foi determinante para a crescente contratação de jogadores de nacionalidades diversas pelos clubes, reforçando as particularidades locais e acirando o debate sobre a globalização dos clubes. Tais questões serão exploradas nos capítulos seguintes.

⁹² Jean-Marc Bosman, jogador belga que processou o clube que defendia devido a divergências contratuais. O caso foi levado a todas as instâncias jurídicas da corte belga e da União Europeia. Ao final do caso, a resolução alterou toda a política de contratação do futebol europeu e mundial.

II – OS ANOS, OS JOGOS, AS TENSÕES: O FC BARCELONA ENTRE 1988 E 1999

¡La culpa es del entrono!⁹³

Na década de 1980, o FC Barcelona vivenciou um período de poucas conquistas esportivas e de muitos conflitos internos, as disputas entre jogadores e diretoria, ou entre a diretoria e a comissão técnica eram recorrentes, e apareciam constantemente nas páginas dos jornais. O final dos anos 1980 e no início dos anos 1990, após alguns anos difíceis em termos desportivos, o clube passou por um processo de reformulação, o projeto teve início no final da temporada 1987-1988.

Com o péssimo desempenho na temporada 1987-1988, o FC Barcelona entrou em uma crise dentro e fora de campo. O presidente do clube, Josep Lluís Núñez, se viu obrigado a trocar de treinador no meio da competição. O inglês Terence Frederick Venables, deu lugar ao espanhol Luis Aragonés como técnico da equipe principal. O catalão Carles Rexach, que trabalhava nas categorias de base, se juntou à comissão técnica de Aragonés como auxiliar. Na mesma semana em que o clube anunciava a troca de comando técnico, Núñez colocou o seu cargo a disposição. Mesmo tendo apresentado sua carta de demissão aos conselheiros do clube, Núñez permaneceu à frente do clube, pois os conselheiros se recusaram a aceitar sua demissão, demonstrando total apoio ao presidente.

Também foi entre 1987 e 1988 que os jogadores do clube começaram a questionar a forma como os seus contratos eram elaborados. O FC Barcelona firmava, junto com os jogadores, dois contratos, um de trabalho, como jogador do clube, e um de direito de imagens. Os contratos duplos permitiram ao clube pagar menos impostos. Assim, como aponta Xavier G. Luque, os jogadores recebiam valores equivalentes do contrato de trabalho e do direito de imagens. Por exemplo, Schuster recebia 20 milhões de pesetas do contrato oficial e mais 25 milhões pelos direitos de imagem, já Zubizarreta recebia 18 e 27 milhões, respectivamente, Lineker recebia 24 milhões de cada contrato.⁹⁴ O clube declarava apenas os salários, obrigando, assim, os jogadores a declararem os direitos de imagem.

Todavia, quando o Ministério da Fazenda da Espanha (o *Ministerio de Hacienda y Administraciones Públicas*) tomou conhecimento da prática, declarou que os valores não declarados deveriam ser pagos. Os jogadores cobraram um posicionamento da diretoria,

⁹³ Johan Cruyff criticando os dirigentes do clube após uma derrota na Copa de Europa. *La Vanguardia*, 2 de abril de 1992, p.41.

⁹⁴ SANTACANA, Carles (dir.). *Barça, 110 anys fent història*. Barcelona: Angle Editorial, 2010, p.187.

esperando que os dirigentes assumissem o ônus, entretanto, Núñez declarou que o não pagamento dos impostos era um problema dos jogadores, e não do clube.

A crise entre jogadores e diretoria afetou diretamente o treinador, que foi afastado por problemas de estresse e depressão, e culminou com o chamado *Motí de L'Hespèria*. No dia 28 de abril de 1988, enquanto os jogadores estavam concentrados no Hotel Hespèria, em Barcelona, para o jogo contra o Real Madrid, válido pela Liga, foi anunciada uma coletiva de imprensa. Em uma carta, todos os jogadores (com exceção de Schuster, que já estava acertado para jogar no Real Madrid na temporada seguinte) e a comissão técnica exigiam uma explicação do presidente sobre os contratos duplos, além disso, pediam a demissão imediata de Núñez alegando que era um direito dos sócios que o clube passasse por novas eleições.

Nas páginas dos jornais, a nota dos jogadores foi reproduzida da seguinte forma: “Los jugadore azulgrana en guerra abierta con Núñez”⁹⁵, enquanto que *ABC* de Madrid reproduziu a carta na íntegra:

1. «Queremos dejar claro que la plantilla está unida pese a lo continuos intentos del presidente y directiva de dividirla, y a la vez hacemos constar que el enentrenador nos ha respaldado todo momento. La profesionalidad y honestidad de la plantilla en duda por nada ni por nadie».
 2. «Hemos perdido toda la confianza en el presidente, que nos ha decepcionado como persona y humillado como profesionales».
 3. «Nos sentimos totalmente engañados por el presidente al no haber cumplido los compromisos pactados y además es inaceptable que responsabilice a los jugadores y demás de sus propios errores».
 4. «El presidente no tiene ningún respeto a la afición a la cual critica, y provoca, a nosotros los jugadores, para enfrentarnos a ella».
 5. «No existe relación humana entre jugadores y presidente. Siempre ha intentado comprarnos y separarnos. Durante los últimos tres meses no se ha atrevido a entrar en los vestuarios, y en la final de la Copa del Rey no tuvo ni la obligada cortesía de saludarnos y felicitarnos por miedo a una airada reacción delante del presidente de la Generalidad y del alcalde de Barcelona».
 6. «El presidente nos ha demostrado en varias ocasiones que su directiva realmente no existe».
 7. «A los jugadores nos produce tristeza ver como este histórico club con valores que siempre han representado la idiosincrasia del pueblo catalán se va deshumanizados de esta forma. Nuestro criterio es recuperar un club serio y respetado por todos, que afronte y resuelva los problemas personales, profesionales y económicos que puedan plantearse. El clima de relación persona y serenidad, hoy, no existe».
- «Un club como el nuestro no puede permitirse vivir en un clima de constante intranquilidad. En conclusión, aunque la petición de dimisión es derecho de los socios del club, la plantilla sugerimos dicha dimisión. *VISCA EL BARÇA*».⁹⁶

A carta foi assinada pelo técnico Luis Aragonés e por mais 21 jogadores, Alexanco, Calderé, Carrasco, Clos, Covelo, Cristóbal, Gerardo, Julio Alberto, Manolo, Miguéli,

⁹⁵ *La Vanguardia*, 29 de abril de 1988, p.54.

⁹⁶ *ABC*, 29 de abril de 1988, p.91.

Morataila, Nayim, Pedraza, Roberto, Rojo, Salva, Sergi, Urbano, Urruti, Víctor y Zubizarreta⁹⁷. Schuster teria assinado outro documento, dizendo que o clube não lhe devia mais nada.

Após reproduzir o documento, o *ABC* colocou, de forma irônica, um adendo na nota:

Con estos siete puntos concluyen la misión de los futbolistas del Barcelona por esta temporada. Sólo les queda hacer el pasillo a los nuevos campeones de Liga [Real Madrid] mañana en el Nou Camp. Y, luego, esperar. Esperar la reacción de su presidente y confiar en su dimisión.⁹⁸

Já periódico de Barcelona, na coluna de opinião assinada com as iniciais J.A.C., questionava os rumos que o clube representante da Catalunha estava tomando.

Costaba pensar que se iba a legar tan lejos, pero ahí tenemos al club rompiendo moldes negativos. Porque no recordamos ningún precedente en el deporte mundial en que en un club de elite se produzca una acción de este tipo, con la plantilla pidiendo formalmente la dimisión de su presidente. Es la ruptura absoluta y probablemente, el comienzo del último capítulo de una crisis de dimensiones inéditas.⁹⁹

E o autor finaliza a coluna com uma pergunta: “Pero, la vespera de enfrentarse al Real Madrid; ¿quedará todavía algún iluso que crea en aquella utopia de la identificación con unos colores?”¹⁰⁰ Enquanto os jogadores faziam acusações públicas aos dirigentes, e principalmente a Núñez, expondo a realidade da gestão do então presidente, Nicolau Casaus foi a público, como porta-voz do clube, tentar esclarecer e amenizar as tensões. O vice-presidente lembrou diversas crises que o clube enfrentou em sua história, crises de ordem política, econômica e esportiva, mas segundo Casaus essa era a maior crise já vivida pelo clube azul-grená, todavia, era uma crise estritamente desportiva. Casaus pontou também que:

1. La dimisión sólo pueden pedirla los socios.
2. Los jugadores se han equivocado.
3. En el Barcelona no existe precedente de este tipo, pero sí en el fútbol español. Recuerdo el caso del Lorca. La plantilla se encerró solicitando la dimisión de su presidente.
4. Lo de ahora no es una mancha negra en el club. Se ha de tomar como un accidente.
5. De todas formas, en los sesenta años que de una forma u otra he estado y estoy ligado al club, nunca he vivido nada parecido.

⁹⁷ *La Vanguardia*, 29 de abril de 1988, p.54.

⁹⁸ *ABC*, 29 de abril de 1988, p.91. *Pasillo* é um corredor formado pelos jogadores adversário no qual o time campeão, ao passar por esse corredor, é aplaudido pelo time adversário.

⁹⁹ *La Vanguardia*, 29 de abril de 1988 – Caderno Deportes. p.54.

¹⁰⁰ *Idem*.

6. Cada club tiene su especie idiosincrasia y no toda la gente que está dentro o rodea al club, llega a entenderla.

7. Los directivos "dormiremos" el tema y mantendremos la serenidad y, cada cual en criterio y conciencia, que tome la decisión más conveniente en la reunión de mañana.¹⁰¹

Nos bastidores do clube, a reunião à qual Casaus se referiu ocorreu, mas é curioso notar que desde janeiro de 1988 o assunto sobre a declaração de impostos já era debatido entre os dirigentes e conselheiros, quando as primeiras notícias de que o clube não declarava parte dos impostos para *Hacienda*, principalmente aqueles referentes aos direitos de imagem dos jogadores. Essas notícias começaram a ganhar força após a não renovação de contrato do jogador Schuster. O estopim foi o *Motí de L'Hespèria*, mas desde o dia 05 de abril de 1988 o assunto já era debatido internamente na alta cúpula do clube catalão.

O quarto na sucessão presidencial do FC Barcelona e presidente da Comissão Jurídica, Anton M^a Muntañola afirmou em reunião sobre as questões tributárias e sobre o pagamento de impostos era de responsabilidade dos jogadores a declaração dos direitos de imagem, e não do clube,¹⁰² cabia ao FC Barcelona declarar apenas os contratos de trabalho. No dia 25, do mesmo mês, uma das pautas daquela reunião foi à declaração de impostos por parte do clube. Núñez afirmou em reunião com os jogadores que o “El club ha col.laborat a resoldre el problema tributari del jugadors i está dispost a complir estrictament totes les obligacions de a dret públic.”¹⁰³

Já no dia 29 de abril de 1988, ou seja, no dia seguinte ao *Motí de L'Hespèria*, os conselheiros se reuniram para discutir a atual crise do FC Barcelona. Um conselheiro, identificado como Francesc Polido se dirigiu ao presidente Núñez e disse que “amb el punt de vista tècnic i no laboral tenim un enfrontament. El jugadors mai no poden enfrontar-se amb el Consell, contràriament sera una guerra.”¹⁰⁴ Polido tentou desviar o foco, dizendo que a crise era técnica, ou seja, esportiva, e não trabalhista ou financeira, assim como Casaus havia feito um dia antes, em entrevista para a imprensa. Então o presidente abriu uma discussão entre os dirigentes e conselheiros perguntando qual decisão o clube tomaria para lidar com os jogadores, “una via dura o una fluixa”¹⁰⁵.

¹⁰¹ *La Vanguardia*, 29 de abril de 1988, p.55.

¹⁰² *Actas del Consell – 02/07/85 al 12/09/88*, 05 de abril de 1988, s/p.

¹⁰³ “O clube tem trabalhado para resolver o problema tributário dos jogadores e está disposto a cumprir rigorosamente as obrigações de direito público.” Tradução nossa. *Actas del Consell – 02/07/85 al 12/09/88*, 25 de abril de 1988 s/p.

¹⁰⁴ “Do ponto de vista técnico, e não laboral, temos um enfrentamento. Os jogadores jamais podem enfrentar o Conselho, caso contrário, será uma guerra.” Tradução Nossa. *Actas del Consell – 02/07/85 al 12/09/88*, 29 de abril de 1988 s/p.

¹⁰⁵ “Uma via dura ou branda”. Tradução nossa. *Actas del Consell – 02/07/85 al 12/09/88*, 29 de abril de 1988 s/p.

Ao final da deliberação, a cúpula azul-grená decidiu que “el Club és una associació i no convén una lluita amb els jugadors”, que “No és possible governar una societat contra el primer equip”. Assim, ficou decidido que o clube buscaria uma solução em conjunto com os jogadores e que o Conselho estava disposto a negociar com os jogadores, ainda que “actuant en defensa dels justos interessos del Club”¹⁰⁶.

A resolução do caso se arrastaria até o início da temporada seguinte, mas a resolução imediata tomada pelo FC Barcelona foi colocar alguns jogadores a venda, como por exemplo, Alexanco, Víctor e Gerardo, além de ter publicado uma nota, na qual buscava esclarecer cada ponto levantado pelos jogadores. A nota assinada pela Comissão Econômica do clube concluía assim:

La Comisión Económica del Barcelona no puede olvidar que el club tiene unas elecciones, unos equipos y unos socios y que el patrimonio del Club no se puede sacrificar en beneficio de la ambición de los componentes del primer equipo.¹⁰⁷

Em outras palavras, a Comissão Econômica não cederia à pressão feita pelos jogadores, uma vez que dentre todos os patrimônios do clube, os sócios eram mais importantes que os jogadores. Concomitantemente as trocas de notas e cartas públicas, o grupo de oposição ao presidente Núñez, intitulado “*Grup d’Opinió*”¹⁰⁸ apoiou a decisão dos jogadores de exporem os problemas internos do FC Barcelona.

Com a crise instaurada, o FC Barcelona enfrentou o Real Madrid no dia 1 de maio daquele ano. Mesmo com o título assegurado pelo equipe da capital, o clube catalão venceu o Real Madrid por 2 a 0, contrariando todas as expectativas dos periódicos e dos torcedores. O que se viu nesse jogo foi “Un Barcelona más unido que nunca en el campo superó tanto la mala acogida del público como la escasa resistencia del campeón”.¹⁰⁹

Uma semana após o *Motí de L’Hespèria*, Núñez anunciou que o ex-jogador e agora técnico de futebol, Johan Cruyff, assumiria como treinador da equipe principal na temporada 1988-1989. A contratação do holandês pode ser vista como uma medida populista por parte de Núñez, uma vez que o nome do treinador já era conhecido e bem aceito pelos sócios, e Cruyff já havia passado pelo FC Barcelona na década de 1970, quando ainda era jogador. Em sua

¹⁰⁶ “O Clube é uma associação que não convém lutar contra os jogadores.”; “Não é possível governar uma sociedade contra a equipe principal.”; “Atuando em defesa dos justos interesses do Clube.” Tradução nossa. *Actas del Consell – 02/07/85 al 12/09/88*, 29 de abril de 1988 s/p.

¹⁰⁷ *La Vanguardia*, 30 de abril de 1988, p.46.

¹⁰⁸ “Grupo de Opinião”. Tradução nossa. Era um grupo formado por ex-presidentes, ex-dirigentes e ex-conselheiros que fazia oposição ao então presidente do FC Barcelona, Josep Lluís Núñez.

¹⁰⁹ *La Vanguardia*, 1 maio de 1988, p.47.

primeira passagem, Cruyff assumiu não só um papel de liderança em campo, mas também o status de ídolo e herói do clube catalão.

Cruyff atuara como jogador do FC Barcelona entre 1973 e 1978, nesse período conquistou um título da *Liga Espanõla*¹¹⁰ (1974) e um da *Copa del Rey da Espanha*¹¹¹ (1978). O título da Liga foi conquistado pelo Barcelona após 14 anos, esse feito foi tão significativo que o jogador ganhou o status de herói¹¹² do time catalão.

Vale ressaltar que, segundo Rexach, em sua biografia, o nome de Cruyff surgiu como possibilidade para o FC Barcelona, porque o holandês estava tendo problemas com a *Hacienda*, e Núñez poderia ajudá-lo. Também é importante destacar que em 1978, quando Cruyff saiu do clube, o então presidente já era Núñez. Um dos principais motivos de sua saída foi uma divergência quanto à renovação de contrato. Segundo Rexach:

Núñez necessitava un nom de prestigi per reconstruir l'equip i, a més, fixtant Cruyff, li robava a l'oposició l'as a la màniga que tenien amagat per plantar-li cara. Cruyff tenia uns problemes pendents amb la Hisenda espanyola que, si fitxava pel Barça, Núñez li resoldria.¹¹³

Em sua biografia, Rexach não deixa claro quais eram os problemas de Cruyff com o Ministério da Fazenda, mas mostra como o presidente se valeu do nome do técnico holandês para usá-lo em sua campanha política, apropriando-se de um nome que seria usado pela sua oposição. Essa questão também não foi encontrada nas páginas dos jornais, mas foi tema da reunião do dia 05 de abril de 1988. Nas Atas do Conselho do FC Barcelona consta que houve uma discussão entre dirigentes e conselheiros sobre a situação de Johan Cruyff, ainda que o secretário não tenha redigido toda a discussão, há uma pequena anotação referente ao técnico holandês e ao clube. O então responsável pela Comissão Jurídica, Muntañola, informou que

¹¹⁰ O campeonato espanhol também é chamado de *Primera División de España* ou *La Liga*. É um campeonato de pontos corridos da primeira divisão do futebol espanhol, atualmente conta com 20 clubes.

¹¹¹ Também chamado apenas de *Copa del Rey*. É um campeonato de jogos eliminatórios com jogos de ida e volta. Atualmente conta com 83 equipes das quatro primeiras divisões da Espanha.

¹¹² Entende-se o termo “herói” a partir dos trabalhos: CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cutrix, s/d.; GIGLIO, Sergio Settani. *Futebol: mitos, ídolos e heróis*. 2007.162 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2007.; HELAL, Ronaldo. *Mídia, Construção da Derrota e O Mito do Herói*. Motus Corporis (UGF), Universidade Gama Filho, Rio d, v. 5, n. 2, p. 141-155, 1998.; e RUBIO, Kátia. *O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

¹¹³ “Núñez necessitava de um nome de prestígio para reconstruir a equipe, e mais, contratando Cruyff, roubava da oposição um nome que estava escondido na manga. Cruyff tinha problemas pendentes com a Fazenda espanhola que, se contratado, Núñez resolveria.” In: REXACH, Carles. *Ara parlo Jo*. Badalona, ARA Llibres, 2008, p.124. Tradução nossa.

havia um “plet pendent entre el FC Barcelona i Johan Cruyff.”¹¹⁴ Tal questão foi registrada nas Atas do FC Barcelona, entretanto o seu conteúdo não.

O nome de Cruyff já era cogitado para assumir o FC Barcelona, em janeiro daquele ano, mas foi às vésperas da sua contratação que a imprensa de Madrid não poupou críticas à escolha de Núñez para o comando técnico da primeira equipe.

El Barcelona es algo más que un club (a ver cuándo es simplemente un equipo como el Real Madrid, lo cual es deseable desde la emoción de la competitividad) y su nuevo profeta – de un momento a otro – Cruyff, pero con condiciones. «El Barcelona, en lo técnico, sólo en lo técnico, es él; en todo lo demás, en la inmensidad de todo lo demás, el Barcelona sigo siendo yo» (J. L. Núñez). Cruyff cae bien a los catalanes, entre los cuales tiene carisma, y a Cruyff le gusta preferencialmente de Cataluña la pasta. Cruyff, ahora mismo, está en sus horas altas como técnico, a pesar de que en el Barcelona va a actuar sin carné, pero eso es lo de menos: en España también, de cuando en cuando, hay quien consigue colarse y situarse sin carné.¹¹⁵

Na crónica assinada por Miguel Ors, o jornalista questiona o papel centralizador exercido por Núñez, ironizando a frase o “*més que un club*”, frase que o clube usava para exaltar não apenas a sua condição distinta enquanto gestão, mas também para lembrar o nacionalismo catalão tão presente no clube.¹¹⁶ Ors ressaltava o quanto Cruyff era querido pelos torcedores do clube, mas dava a entender também que o técnico holandês havia optado em se transferir para o FC Barcelona devido ao dinheiro envolvido. Por fim, o cronista resalta que Cruyff não possuía a licença de técnico de futebol exigida pela *Federación Española de Fútbol* e pela *Liga de Fútbol Profesional*.

É curioso notar que enquanto a bibliografia dá conta de que o retorno de Cruyff ao FC Barcelona teve respaldo e apoio da diretoria, as notícias dos jornais mostram o contrário. Enquanto a contratação do holandês era aceita por grande parte dos torcedores, em sua apresentação, no Camp Nou, que contou com cerca de 20 mil torcedores, Cruyff pediu o apoio da torcida e paciência para esse processo de renovação.¹¹⁷ Entretanto, Cruyff tinha problemas pessoais com o presidente Núñez, ainda em novembro de 1987 havia cobrado uma

¹¹⁴ “Ação judicial pendente entre FC Barcelona e Johan Cruyff .” Tradução nossa. *Actas del Consell – 02/07/85 al 12/09/88*, 05 de abril de 1988, s/p.

¹¹⁵ *ABC*, 16 de abril de 1988, p.77.

¹¹⁶ Ver: FIGOLS, Victor de Leonardo. *Barça, més que un club: o FC Barcelona durante o Franquismo (1968-1969)*. 2013. 63 f. Monografia (Bacharelado/Licenciatura em História) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2013. Ver também: FIGOLS, Victor de Leonardo. “Barça, més que un club – dimensões sociopolíticas do futebol clube Barcelona”. *Revista Tempo Brasileiro*, jan-mar. – nº184 -2011- Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, ed. p.363-372.

¹¹⁷ TORRAS, David & LÓPEZ, Marcos (orgs.). *El libro de oro del Barça – 1899/1995*. Barcelona: El Periódico de Catalunya, 1995. p.163.

dívida não paga pelo clube, referente à sua passagem pelo clube catalão, quando era jogador, na década de 1970. O *ABC* evidenciou o problema:

[...] el ex jugador barcelonista, Johan Cruyff, que acaba de abandonar el Ajax holandés, está en primer plano de la actualidad del Barcelona. El profesional holandés dijo, en una ocasión que mientras Núñez fuera presidente el no regresaría al Barcelona. [...] Por otro lado, y en relación con Cruyff, el vicepresidente barcelonista, Nicolas Casaus, ha dicho que el club nada adeuda al ex jugador. Este presentó el pasado mes de noviembre una demanda para que el Barcelona fuese admitido como tercera parte en el pleito que mantiene con Banca Catalana. Esta entidad reclama a Cruyff, a través del Tribunal de Utrech, el pago de una deuda de 32 millones de pesetas. Cruyff estima que el club le debe dinero pero su demanda ha sido denegada. La sentencia, dictada por el citado Tribunal, argumenta que la petición de Cruyff tiene un origen distinto que la pretensión del futbolista respecto al Barcelona.¹¹⁸

Outra questão importante que deve ser lembrada é que Cruyff era o nome que a oposição usaria na campanha presidencial para derrotar Núñez. Fato que exemplifica a artilosidade do presidente Núñez, que valia-se de vários mecanismos para manter-se a frente do FC Barcelona.

Ao final da temporada 1987-1988, o FC Barcelona ficou na sexta posição da *Liga Española*, com 23 pontos a menos que o campeão Real Madrid. Além do insucesso na principal competição nacional, o clube catalão ainda viu o seu rival em Barcelona, o Reial Club Deportiu Espanyol de Barcelona (o Espanyol) chegar à final e ser vice-campeão da Taça UEFA¹¹⁹. O único título que o FC Barcelona conquistou naquela temporada foi a *Copa del Rey*, contra a Real Sociedad de Fútbol. Os catalães venceram por 1 a 0 o time basco, sendo que a Real Sociedad foi uma das melhores equipes daquela temporada.

Fora de campo, a instituição fechava aquela temporada com um superávit de 2,5 milhões de pesetas¹²⁰, um valor muito abaixo daquele esperado pelos dirigentes. Diante da crise interna, Cruyff assumiu o clube catalão com a missão de fazer uma ampla remodelação no futebol do FC Barcelona, para isso, tinha o respaldo dos dirigentes e, principalmente, dos sócios e dos torcedores.

No dia 4 de maio de 1988, depois de grande especulação por parte a imprensa, Johan Cruyff assinou o contrato de treinador da primeira equipe do FC Barcelona. A renovação começou com a saída de 13 jogadores, Cruyff apresentava uma postura dura, e deixava bem claro a sua posição diante do presidente: “Empezaré a trabajar con el equipo mañana mismo y

¹¹⁸ *ABC*, 10 de janeiro de 1988, p.91.

¹¹⁹ Segunda maior competição de clube da Europa. Desde 2009 o torneio passou a ser conhecido por UEFA Europa League.

¹²⁰ SANTACANA, Carles (dir.). *Barça, 110 anys fent història. op. cit.*, p.187.

seré yo quien diga a la directiva los jugadores que hay que fichar, si bien serán ellos los que lo hagan y lleven el peso de las negociaciones.”¹²¹.

A lista apresentada pelo treinador pedia os seguintes jogadores: Unzué, Goikoetxea, Soler, Valverde, Eusebio, Salinas, Aloisio, Bakero, Begiristain, López Rekarte, Manolo Hierro e Serna. A diretoria atendeu o seu pedido e gastou 2.000 milhões de pesetas. Na manutenção do elenco, alguns jogadores permaneceram na equipe principal, entre eles Zubizarreta, Alexenko, Julio Alberto, Miguéli, Carrasco, Lineker, Robert e Urbano.¹²² Nas páginas do *ABC* era comum encontrar críticas à política de contratação dos jogadores, principalmente aqueles que não pertenciam à Catalunha, apontando a crescente presença de jogadores bascos, tidos como estrangeiros, no clube catalão:

Con Cruyff, un holandés, el Barcelona, la próxima temporada, será el Fútbol Club Euskadi o la selección Euskadi si cuajan lis fichajes que se leen esto días: Baquero, López Recarte, Beguiristáin, Loren, más los ya empadronados Zubizarreta y Alesanco.¹²³

Dentre esses jogadores, Alexenko foi um dos jogadores que encabeçou o *Motí de L'Hespèria*, devido a isso, a sua permanência no clube sempre foi alvo de críticas por parte da diretoria do clube, entretanto, Cruyff defendia a importância técnica do jogador no elenco do FC Barcelona.

O auxiliar técnico, Rexach, foi mantido no cargo, a pedido de Cruyff. O catalão havia jogado ao lado do holandês na década de 1970, e ambos eram amigos. A permanência de Rexach no cargo pode ser vista como uma forma de integração das equipes da base com a equipe principal, uma vez que Rexach havia passado pelas categorias de base do FC Barcelona. A figura do auxiliar foi fundamental na incorporação dos jovens jogadores Amor, Roura, Serer e Milla à equipe principal.

Antes de iniciar sua primeira temporada no comando do FC Barcelona, Cruyff viu o goleiro Urruti se aposentar do futebol, além da saída de mais dois jogadores, Víctor Muñoz foi contratado pelo clube italiano Unione Calcio Sampdoria, enquanto que o alemão Schuster trocou o clube catalão pelo Real Madrid, após uma longa negociação fracassada de renovação de contrato com o FC Barcelona.

¹²¹ *ABC*, 05 de maio de 1988, p.96.

¹²² Para identificar a nacionalidade de cada jogador que atou pelo FC Barcelona durante o período pesquisado, estou me baseando nas tabelas contidas no trabalho SANTACANA, Carles (dir.). *Barça, 110 anys fent història*. *op. cit.* p.277-282 e 287-288.

¹²³ *ABC*, 05 de maio de 1988, p.98.

Já nos primeiros dias como treinador, ainda na pré-temporada, Cruyff teria questionado porque os jogadores Carrasco e Julio Alberto recebiam prêmios sem jogar, devido a uma cláusula prevista no contrato dos dois jogadores. O treinador teria afastado os atletas, e pretendia não contar com os jogadores durante a temporada. Mais uma vez, deixava claro a sua posição ante a diretoria.¹²⁴

A renovação promovida por Cruyff visava melhorias em questões técnicas e táticas da equipe, o treinador buscou um jogo ofensivo de posse de bola. Todavia, a maneira de jogar também passava pelas arquibancadas, entendia-se que o time teria “el compromiso de devolver al público a un Camp Nou que nunca había estado tan triste, tan vacío; hasta la pasada temporada”¹²⁵. No primeiro jogo, válido pelo troféu Joan Gamper¹²⁶, o clube catalão levou 55 mil espectadores, um aumento de vinte por cento em relação à temporada passada.¹²⁷

Ao longo da temporada 1988-1989, a equipe comandada por Cruyff apresentou uma maneira de jogar diferente daquela que fora praticado na temporada passada. Com um futebol ofensivo, de troca de passes e de uma marcação forte na saída de bola do adversário, a equipe começou a atrair os torcedores ao estádio *Camp Nou*. Ainda na metade daquela temporada, o FC Barcelona registrou um aumento de meio milhão de espectadores a mais em relação à temporada anterior (1987-1988).¹²⁸

Mesmo apresentando um bom futebol, o FC Barcelona não conquistou a *Liga Española*, a *Copa del Rey de España* e nem a *Supercopa da España*¹²⁹. Isso porque, defensivamente, a equipe apresentava alguns problemas, o que acarretou em alguns tropeços durante a *Liga*, deixando o FC Barcelona longe do título. A competição acabou com o FC Barcelona em segundo lugar, com 57 pontos, e mais uma vez os catalães viram o rival, Real Madrid, ser campeão nacional. Na *Copa del Rey*, o FC Barcelona caiu nas quartas-de-final para o Atlético de Madrid, e mais uma vez o título ficou com o Real Madrid, que eliminou o Atlético de Madrid nas semifinais, e se consagrou campeão vencendo o Valladolid.

A esperança do FC Barcelona para a conquista de uma taça estava na Recopa Europeia. Por ter conquistado a *Copa del Rey* da temporada 1987-1988, o FC Barcelona poderia

¹²⁴ TORRAS, David & LÓPEZ, Marcos (orgs.). *El libro de oro del Barça – 1899/1995*. *op. cit.* p.164.

¹²⁵ *La Vanguardia*, 22 agosto de 1988, p.23.

¹²⁶ Torneio organizado pelo FC Barcelona que servia para o clube apresentar a equipe antes do início oficial da temporada.

¹²⁷ *La Vanguardia*, 24 agosto de 1988, p.32.

¹²⁸ SANTACANA, Carles (dir.). *Barça, 110 anys fent història*. *op. cit.*, p.190.

¹²⁹ Jogo único entre o campeão da Liga Espanhola e o campeão da *Copa del Rey*.

disputar a Recopa da Europa¹³⁰. O clube catalão chegou à final daquela competição, e venceu, por 2x0, a Unione Calcio Sampdoria, da Itália. Foi o primeiro título que Johan Cruyff conquistou no comando do FC Barcelona.

Ao final da temporada, o FC Barcelona chegou à marca de 80 gols marcados na *Liga Española*, um número que não era alcançado desde 1962. Ao lado do Valencia Club de Fútbol, o clube catalão foi coroado, mesmo com problemas defensivos ao longo da temporada, como uma das melhores defesas da competição, com 26 gols sofridos.¹³¹ A imprensa catalã ressaltou o fato de o clube ter voltado ao cenário europeu, com a capa do dia 11 de maio de 1989, um dia depois da conquista do título. O *La Vanguardia* estampou a capa do seu jornal com a seguinte manchete: “El Barça europeo renace en Berna”¹³² e na manchete da capa do caderno esporvio: “El Barcelona recuperó su orgullo europeo”.¹³³ Enquanto o jornal de Madrid, o *ABC* deu destaque ao FC Barcelona na capa do caderno de esportes do periódico: “El Barça, brillante vencedor de la Recopa”.¹³⁴ É curioso notar que enquanto o jornal de Madrid destacava a conquista desportiva do clube, o *La Vanguardia* ressaltava a importância simbólica de conquistar um título dentro de território europeu.

A conquista da Recopa Europeia permitiu que Cruyff seguisse com o seu projeto de renovação. O treinador liberou o atacante inglês Gary Lineker, que estava insatisfeito com o seu novo posicionamento em campo, para se transferir para o Tottenham Hotspur Football Club, da Inglaterra. Na temporada seguinte, com a transferência do jogador inglês, o clube investiu no holandês Ronald Koeman (contratado junto ao PSV Eindhoven, da Holanda) e no dinamarquês Michael Laudrup (contratado junto a Juventus Football Club, da Itália). O jogador holandês custou 1.000 milhões de pesetas (a mais cara da história do clube até então). A contratação de Koeman foi utilizada por Núñez na campanha eleitoral, e resultou em sua vitória contra Sixte Cambra, com 58,27% das intenções de votos (25.441 votos válidos). Núñez também marcou as eleições para o mesmo dia do clássico contra o Real Madrid, no Camp Nou. A justificativa utilizada era usar a partida para levar mais sócios ao *Miniestadio* (estádio anexo ao complexo do Camp Nou), aproveitando o bom momento da equipe.

Como foi mencionado, Cruyff não conquistou nenhum título nacional naquela temporada, mas a equipe havia mostrado um bom futebol, despertando a vontade dos

¹³⁰ Era o segundo torneio mais importante entre clubes europeus. Disputado em jogos eliminatórios de ida e volta, participavam deste torneio os campeões das copas nacionais, por exemplo, o FC Barcelona assegurou participação neste torneio após conquistar a *Copa del Rey* da temporada 1987-1988.

¹³¹ SANTACANA, Carles (dir.). *Barça, 110 anys fent història. op. cit.*, p.190.

¹³² *La Vanguardia*, 11 de maio de 1989, capa.

¹³³ *La Vanguardia*, 11 de maio de 1989, p.55.

¹³⁴ *ABC*, 11 de maio de 1989, p.103.

torcedores de irem ao estádio. Os efeitos foram sentidos na abertura da temporada seguinte, levando 40 mil pessoas ao Camp Nou. Entretanto, a irregularidade acompanhou aquela equipe durante toda a temporada, a começar com uma derrota contra o Football Club Sochaux-Montbéliard (da França) no troféu Joan Gamper, na abertura oficial da temporada 1989-1990. E o mau momento da equipe se repetiu também no início da Liga, com uma derrota de 2 a 0 contra o Real Valladolid Club de Fútbol.

Com os péssimos resultados da equipe, Cruyff utilizou-se dos meios de comunicação para fazer duras críticas ao plantel e principalmente, contra a diretoria. Na Supercopa da Europa, contra o Associazione Calcio Milan (da Itália), o FC Barcelona empatou em 1 a 1 no Camp Nou, e perdeu por 1 a 0, no jogo de volta, no estádio San Siro. Já na Recopa daquela temporada, o FC Barcelona enfrentou o Royal Sporting Club Anderlecht. No primeiro jogo, na Bélgica, a equipe de Cruyff perdeu por 2 a 0, já no jogo de volta, no Camp Nou, o FC Barcelona conseguiu empatar o confronto no placar agregado, mas tomou um gol na prorrogação, e acabou sendo eliminado daquela competição. Com as derrotas nas competições continentais, restavam apenas as competições nacionais, a Liga e a Copa.

A crise daquele ano parecia não ter fim, fora da Recopa, e com poucas esperanças de conquistar a Liga, o FC Barcelona também teve que lidar com os problemas de renovação contratual de Luis Milla. O jogador foi afastado por Cruyff, Milla teria aceitado um contrato com o Real Madrid, após não aceitar os termos econômicos do novo contrato. Diante da crise, Núñez teve que intervir e sustentar a presença do treinador no comando técnico.

A salvação daquela temporada estava na *Copa del Rey*. Com dois gols, de Amor e Salinas, o FC Barcelona conquistou aquele título, o que deu uma sobrevida ao técnico holandês, e força política para Núñez continuar no comando. Enquanto o Real Madrid chegava a sua quinta taça consecutiva, o FC Barcelona ficava com o título da *Copa del Rey*. Após a final da *Copa*, o capitão do Real Madrid, Miguel Porlán Noguera (Chendo), teria insinuado que o FC Barcelona era uma equipe estrangeira, dizendo: “Hemos jugado una final contra un equipo extranjero y la hemos perdido”. E completava lamentando “Lo que me molesta es que la Copa del Rey se la ofrezcan a unos que no se sienten españoles.”¹³⁵, expondo assim, o *madridismo* e questionando fortemente a identidade catalã que o FC Barcelona assumia. Diante da polêmica aberta pelo jogador, Chendo teve que se explicar publicamente nas páginas dos jornais. Segundo o jogador, a crítica foi dirigida a uma pequena parcela da torcida do FC Barcelona:

¹³⁵ TORRAS, David & LÓPEZ, Marcos (orgs.). *El libro de oro del Barça – 1899/1995. op. cit.* p.172.

Yo no he criticado a toda la afición del Barcelona, ni al Barcelona ni a Cataluña. Yo he dicho que es una pena que los jugadores del Barcelona tengan que ofrecer la Copa del Rey a un sector de la afición del Barcelona que desde el principio del encuentro estuvo cantando “España, a sufrir” y “Españoles, h... de p...”. Me considero español y me duele escuchar esos insultos en una final de una competición que lleva el nombre del Rey. Y los silbidos al himno nacional y esos insultos a España y a los españoles también son una ofensa al Rey.¹³⁶

Ao passo que nas páginas do *La Vanguardia*, em tom quase revanchista, a conquista do título da *Copa de Rey* era dada da seguinte forma: “El Barcelona acabó con la prepotencia blanca”.¹³⁷ Além disso, o jornal catalão fez questão de publicar o seguinte trecho do pedido de desculpas de Chendo: “Si he faltado a Cataluña y a los jugadores del Barcelona, les pido perdón públicament.”¹³⁸ Enquanto o clube conquistava o título da Recopa da Europa, o FC Barcelona registrava o crescimento de sua torcida que na última temporada havia somado mais 26 novas *penyes*¹³⁹, formando um total de 514, sendo que 248 localizadas na Catalunha, 249 no resto da Espanha e 17 no exterior.¹⁴⁰

Durante as comemorações na praça Sant Jaume (onde estão localizadas a Prefeitura de Barcelona e a *Generalitat da Catalunya*), a torcida aproveitou a oportunidade para vaiar o técnico holandês, que estava no terraço do prédio da Generalitat com os jogadores, com o presidente Núñez e Jordi Pujol (presidente da *Generalitat da Catalunya*). Aqui vemos a torcida se manifestar contra a postura dura do técnico, mas também uma forte intersecção das dimensões do clube com a Catalunha. Apresentar a taça da *Copa del Rey* para a sua torcida, no centro da cidade de Barcelona, utilizando o edifício administrativo do governo da Catalunha, a *Generalitat*, juntamente com o seu presidente, demonstram o quanto a *Copa del Rey* era importante, ainda que simbolicamente, para o FC Barcelona.

Para a temporada 1990-1991, Cruyff seguiu com o seu projeto de reformulação. O jogador Milla, que não tinha mais espaço no clube após a crise contratual, se transferiu para o Real Madrid, Roberto assinou com o Valencia, Valverde com o Athletic Club de Bilbao, Aloisio com o Futebol Clube do Porto, e Unzué foi envolvido na contratação de Nando junto ao Sevilla Fútbol Club. No total, o clube recebeu 1.170 milhões de pesetas, e gastou 550 milhões nas contratações de Nando e do búlgaro Stoichkov, que deixou o PFC CSKA Sofia da Bulgária para jogar no time catalão. Cruyff ainda contou com o retorno de empréstimo dos

¹³⁶ *ABC*, 7 de abril de 1990, p.95.

¹³⁷ *La Vanguardia*, 6 de abril de 1990, p.55.

¹³⁸ *La Vanguardia*, 7 de abril de 1990, p.25.

¹³⁹ *Penyes* é uma espécie de “fã clube”, na qual os adeptos se reúnem para torcerem. Pode ser de cidade ou da região de origem do clube, mas também existem fora do país de origem do clube.

¹⁴⁰ *Actas del Consell* – 26/09/88 al 03/09/90, 07 de maio de 1990, s/p.

jogadores Ferrer (emprestado ao Club Deportivo Tenerife) e a volta de Goikoetxea (que estava na Real Sociedad).

Diferente dos anos anteriores, o FC Barcelona dominou a Liga durante toda a temporada. Todavia, a equipe catalã sofreu com ausências importantes, como de Koeman, que ficou afastado por cinco meses após rompimento no tendão de Aquiles, Ferrer, que teve uma grave lesão, no joelho, e Stoichkov que foi suspenso por dois meses após uma agressão ao árbitro Urizar Azpitarte, durante a Supercopa da Espanha disputada no Camp Nou, contra o Real Madrid. Para substituir Koeman, Cruyff pediu a contratação de Jan Molby, mas o presidente Núñez recusou os valores pedidos, acirrando assim a disputa que Cruyff mantinha com o presidente.

Mesmo com problemas para montar a equipe, o FC Barcelona conseguiu manter-se líder do campeonato espanhol, graças às mudanças táticas durante o campeonato. Alexanko assumiu o lugar de Koeman e, pelas suas características, o jogador fortaleceu o setor defensivo, e no ataque, Salinas entrou no lugar de Stoichkov. Cruyff também teve que recorrer às categorias de base, promovendo, assim, a profissionalização de Josep Guardiola. Para além dos problemas dentro de campo, o técnico holandês também sofreu com problemas de saúde. Cruyff tinha insuficiência coronária grave, e no dia 26 de fevereiro de 1991, o holandês teve um enfarte, forçando uma intervenção cirúrgica. Por dois meses, o auxiliar técnico Charles Rexach assumiu a equipe, e durante esse período a equipe continuou conquistando bons resultados.

O futebol – ofensivo e goleador – garantia bons resultados em campo, e o espetáculo atraía cada vez mais os torcedores ao Camp Nou. Em três meses de Liga, o FC Barcelona abriu sete pontos de vantagem sobre o segundo colocado, o Real Madrid, além de imprimir uma goleada por 5 a 2 contra o Espanyol, o rival da cidade de Barcelona, e que historicamente possuía posições políticas bem distintas do FC Barcelona.

Cruyff também protagonizou momentos de ruptura com os dirigentes. Após o clube anunciar a renovação de Goikoetxea, o técnico holandês teria dito “En este club aparece el miedo muy pronto, simplemente por la posibilidad de que un jugador, que maneja un señor, se vayá. Si el jugador no quiere quedarse, pues que no se quede”,¹⁴¹ fazendo alusão ao empresário Miguel Santos, que aproveitou o bom momento de Goikoetxea para forçar a sua renovação contratual.¹⁴²

¹⁴¹ *La Vanguardia*, 5 de maio de 1991, p.53.

¹⁴² TORRAS, David & LÓPEZ, Marcos (orgs.). *El libro de oro del Barça – 1899/1995. op. cit.* p.178.

Após seis anos, o FC Barcelona voltou a conquistar a Liga. A equipe catalã foi ao estádio Ramón de Carranza, do Cádiz Club de Fútbol, o 18º na classificação geral, e sofreu uma goleada por 4 a 0. Entretanto, a confirmação do título veio no dia seguinte, com a derrota do Atlético de Madrid para a Real Sociedad, por 2 a 1. Naquela altura, o Atlético de Madrid era o segundo colocado com 45 pontos, e faltando apenas quatro rodadas (8 pontos possíveis¹⁴³) para o final do campeonato o FC Barcelona foi considerado o campeão matematicamente, com 54 pontos. Depois de tantos anos sem o título nacional, o *ABC* classificou a conquista assim:

El Barcelona ha conseguido su undécimo título de Liga, y puede considerarse que éste es el más importante de su historia, tanto a efectos de su aplastante dominio durante toda la temporada – aunque hubo otras conquistas semejantes – como por la exhibición que ha realizado de su propia superación ante adversidad.¹⁴⁴

Mas o periódico não deixou de questionar o dinheiro investido para a conquista do título da Liga, “Ocho mil millones, precio de las satisfacciones de Núñez”.¹⁴⁵ Esse foi o investimento feito na gestão Núñez para montar um time campeão. Durante a comemoração do título nacional, um jogador valenciano, do alto da sacada do *Ayuntamiento de Barcelona*, gritou: “Visca el Barça y visca Catalunya”, enquanto que o jogador basco Txiki Begiristain repetiu o gesto, todavia com uma adendo: “Visca el Barça, visca Catalunya y agora Euskadi”,¹⁴⁶ expondo, assim, a influente presença de jogadores bascos no FC Barcelona.

Depois de três dias, o clube catalão entrou em campo para disputar a final da Recopa Europeia contra o Manchester United FC. Os ingleses venceram por 2 a 1, com dois gols de Mark Hughes, um ex-jogador do clube catalão. A forma como havia conquistado a Liga deu tranquilidade para Cruyff montar a equipe para a próxima temporada visando a Liga dos Campeões da Europa¹⁴⁷, o maior título europeu.

No início da temporada 1991-1992, os problemas entre Núñez e Cruyff se tornaram públicos, o treinador estudou a possibilidade de deixar o clube catalão, e teria declarado, em dezembro de 1991 que “si ganamos algún título y las cosas no cambian, la próxima temporada volverán a pasar las mismas cosas. Y yo estoy dispuesto a dejarlo [o clube], porque una vez se

¹⁴³ Sendo que em caso de vitória, a equipe conquistava dois pontos, em caso de empate, um ponto.

¹⁴⁴ *ABC*, 13 de maio de 1991, p.88.

¹⁴⁵ *Idem*.

¹⁴⁶ *La Vanguardia*, 13 de maio de 1991, Suplemento Deportivo, p.2.

¹⁴⁷ Era o torneio mais importante entre clubes europeus. A Liga dos Campeões da Europa era um torneio organizado pela UEFA (União das Federações Europeias de Futebol). Disputado em jogos eliminatórios de ida e volta, participavam clubes de futebol da Europa que haviam sido campeões nacionais na temporada anterior.

puede tropezar en una piedra, pero dos no”¹⁴⁸, fazendo alusão à sua primeira passagem no clube, enquanto era jogador, na qual também teve problemas com o presidente Núñez.

Em 1992, mesmo com uma temporada irregular, o FC Barcelona de Cruyff iniciou sua caminhada para conquistar o título da Liga dos Campeões. O clube catalão estreou na competição contra a equipe alemã Fußballclub Hansa Rostock. No primeiro jogo, o FC Barcelona venceu com tranquilidade no Camp Nou, com o placar de 3 a 0, já no jogo de volta, a equipe da Catalunha perdeu por 1 a 0 para o Hansa Rostock. Na soma dos placares, o FC Barcelona se classificou para a segunda fase da competição, na qual enfrentou outra equipe alemã, o 1.Fußball-Club Kaiserslautern. Mais uma vez a equipe catalã venceu no Camp Nou, com o placar de 2 a 0, no jogo de volta os alemães venceram por 3 a 1. Assim, os alemães empataram em 3 a 3 na soma dos placares, todavia, o gol marcado pelo FC Barcelona no estádio do adversário garantiu a classificação para a fase seguinte.

Na terceira fase da Liga dos Campeões, oito equipes eram divididas em dois grupos de quatro. Devidamente divididas, as equipes se enfrentavam em jogos de turno e retorno, aquele que alcançasse a maior pontuação no grupo estava automaticamente classificado para a final, sendo que a vitória valia 2 pontos e o empate 1 ponto. O grupo do FC Barcelona foi composto pelo Atetický Club Sparta Praha (da República Checa), Sport Lisboa e Benfica (Portugal), FC Dynamo Kyiv (Ucrânia). No primeiro turno, a equipe da Catalunha venceu o Sparta Praha (3 a 2), o Dynamo Kyiv (2 a 0) e empatou sem gols com a equipe de Portugal. No retorno, o FC Barcelona venceu dois jogos – 3 a 0 sobre o Dynamo Kyiv, e 2 a 1 sobre o Benfica – e perdeu para o Sparta Praha pelo placar de 1 a 0. Cruyff culpou a diretoria e a condução do clube por Núñez dizendo que “la culpa es del entorno”¹⁴⁹, fazendo alusão às constantes interferências do presidente do clube no trabalho do treinador holandês.

A final da Liga dos Campeões da Europa foi contra a Sampdoria, da Itália. No tempo normal, as duas equipes empataram em 0 a 0, foi apenas na prorrogação que o placar foi aberto. No 111º minuto, o holandês Koeman fez o gol que deu ao FC Barcelona seu primeiro título da Liga dos Campeões da Europa, título este muito almejado pelos catalães, uma vez que seu maior rival, o Real Madrid, já havia conquistado seis vezes.

Como aponta Jordi Finestres, o gol de Koeman passou a compor o imaginário dos torcedores do FC Barcelona. Para o autor, o gol “forma part de la memòria col·lectiva del barcelonismo”.¹⁵⁰ Para além disso, a conquista do título europeu significou a projeção do FC

¹⁴⁸ *La Vanguardia*, 15 de dezembro de 1991.

¹⁴⁹ TORRAS, David & LÓPEZ, Marcos (orgs.). *El libro de oro del Barça – 1899/1995*. op. cit. p.187.

¹⁵⁰ SANTACANA, Carles (dir.). *Barça, 110 anys fent història*. op. cit. p.199.

Barcelona – e da Catalunha – não só para a Europa, mas para todo o mundo. Tanto o *ABC*, quanto o *La Vanguardia*, estamparam as capas dos seus respectivos jornais com uma foto dos jogadores do FC Barcelona comemorando o título europeu. No *ABC* a foto era acompanhada dos dizeres: “El Barça conquistó para España la Copa de Europa”,¹⁵¹ já o jornal catalão, trouxe em sua capa a seguinte manchete: “Barça campeón de Europa - Un soberbio gol de Koeman da al Barcelona el título más ansiado”¹⁵². Pela forma como a notícia foi anunciada, fica bem clara a ideia que o *ABC* tinha sobre o clube da Catalunha, isto é, considerando-o como mais um clube representante da Espanha, e não da região histórica. Durante as comemorações do título, Núñez disse que “Es un hito histórico que nuestra afición y nuestro país se merecía”.¹⁵³ No dia seguinte, assim que a delegação chegou a Barcelona, os jogadores foram recebidos por uma centena de milhares de torcedores.

Um mês depois o clube conquistou a Liga após ficarem oito pontos atrás do líder, o Real Madrid. Enquanto o rival liderava o campeonato, Cruyff e Rexach saíram publicamente para criticar o rival dizendo que “el fútbol del Madrid aburre, pero lo mismo puede ganar”¹⁵⁴, a ideia de um jogo coletivo do FC Barcelona empolgava e dava espetáculo em campo já começava a aparecer na imprensa, principalmente após a conquista da Europa.

Após 14 rodadas perseguindo o rival na tabela, o FC Barcelona chegou na última rodada da competição dependendo do resultado do jogo do Real Madrid, em Tenerife. O FC Barcelona recebeu o Athletic de Bilbao no Camp Nou, enquanto que os madridistas foram a Tenerife, enfrentar o time da cidade. O Tenerife não tinha nenhuma pretensão na competição, estava em 15º e não corria o risco de rebaixamento para a segunda divisão. O Real Madrid precisava da vitória para se tornar campeão, enquanto isso, a equipe catalã recebia o Athletic de Bilbao, que estava em 14ª e em uma situação semelhante ao Tenerife.

Na imprensa, muito se falou na possibilidade do Tenerife facilitar o caminho para o Real Madrid, pois o técnico da equipe das ilhas canárias era Jorge Valdano, um ex-jogador do Real Madrid que havia começado a sua carreira como técnico de futebol nas equipes de base do clube da capital espanhola. O FC Barcelona venceu o seu jogo por 2 a 0 e dependia da vitória do Tenerife para se tornar campeão, concomitantemente, no jogo nas Ilhas Canarias, o Real Madrid foi par ao intervalo com 2 a 0 a seu favor, mas no segundo tempo, o Tenerife virou o jogo, vencendo por 3 a 2.

¹⁵¹ *ABC*, 21 de maio de 1992, capa.

¹⁵² *La Vanguardia*, 21 de maio de 1992, capa.

¹⁵³ *La Vanguardia*, 21 de maio de 1992, p.48.

¹⁵⁴ *La Vanguardia*, 31 de maio de 1992, p.49.

Após o apito final, o técnico do Tenerife respondeu às críticas sobre uma possível facilitação para o Real Madrid. O treinador do Tenerife teria dito: “¡Viva al fútbol limpio!”¹⁵⁵. Com a vitória da equipe das ilhas canárias, o FC Barcelona conquistou sua segunda Liga de forma consecutiva, algo que não acontecia há 32 anos.

Depois da conquista do título, Soitchkov, que já tinha assinado um pré-contrato com a Società Sportiva Calcio Napoli, da Itália, repensou a sua decisão e decidiu pela renovação de quatro anos de contrato com o clube catalão.

Com o título da Liga nos últimos minutos da partida, tirando a taça das mãos do rival Real Madrid, e conquistando a primeira Copa da Europa, os torcedores achavam que aquilo era um sonho, e de fato Cruyff estava montando o Time dos Sonhos¹⁵⁶ do FC Barcelona, um time que dava espetáculo, atraía o público para o estádio e dava um orgulho aos torcedores, depois de anos de espera por títulos.

O ano de 1992 também foi marcado pelos Jogos Olímpicos, na cidade da Barcelona. Ainda que para a cidade o evento tenha sido de grande êxito, por parte do clube, o título europeu na temporada anterior, dava tranquilidade para a preparação da próxima temporada. O FC Barcelona fez apenas três contratações: Vucevic, Pablo e Herrera (que voltava de empréstimo). Com a chegada de Vucevic, o clube somava seis estrangeiros no elenco, além do croata, o FC Barcelona contava com Koeman, Laudrup, Stoichkov, Witschge (holandês) e Ekelund (dinamarquês). Vale lembrar que o número de estrangeiros permitido por partida era de três.

Apesar do clima de tranquilidade entre a equipe principal, o alto comando do clube passava por momentos turbulentos. O presidente Núñez, valendo-se do seu populismo, e apoiando-se nas recentes vitórias da primeira equipe, afirmava que “si los socios creen que sirvo bien al Barça, no me puedo ir”¹⁵⁷. Aos poucos, a indefinição na presidência começou a afetar o elenco, já no primeiro jogo eliminatório da Copa da Europa o FC Barcelona sofreu para ganhar do modesto Viking Fotballklubb, da Noruega, com 1 a 0 no jogo de ida em Barcelona, e um empate sem gols no jogo de volta.

A turbulência na gestão do clube, somado ao desempenho instável do time principal, fez Cruyff questionar as escolhas de Núñez, a começar pela empresa de material esportivo, a Kappa, que havia colocado uma faixa branca na manga da camisa. Vale lembrar que um ano

¹⁵⁵ ABC, 8 de junho de 1992, p.99.

¹⁵⁶ Time dos Sonhos, ou *Dream Team*, faz referência à seleção de basquete dos Estados Unidos da América que foi campeã da Olimpíada de Barcelona em 1992. O termo passou a aparecer na imprensa ainda na década de 1990, mais especificamente a partir do ano de 1993.

¹⁵⁷ TORRAS, David & LÓPEZ, Marcos (orgs.). *El libro de oro del Barça – 1899/1995. op. cit.* p.197.

antes, em 1991, Núñez havia assinado um contrato com a empresa italiana Kappa, encerrando um acordo com a empresa Meyba, da Catalunha, pelas Atas do Conselho, tanto a Meyba quanto a Kappa apresentaram propostas semelhantes, em termos de valores, todavia, não fica claro a escolha da marca italiana, em detrimento da catalã.¹⁵⁸ Além disso, Cruyff queria autonomia para contratar jogadores, acertar salários e prêmios dos jogadores, poderes que o presidente do clube não abria mão.¹⁵⁹

Os problemas entre Cruyff e Núñez seriam intensificados com a negociação de renovação de seu contrato. O técnico holandês usou dos meios de comunicação para deixar claro que não renovaria com o clube, caso Núñez não apresentasse uma nova proposta. A insatisfação de Cruyff com a diretoria afetou diretamente o plantel. O técnico holandês passou a questionar a conduta do jogador Stoichkov, que constantemente arrumava brigas dentro de campo, e sendo expulso. Cruyff passou a multar o jogador búlgaro.

O estopim veio em agosto, quando o técnico, dias antes de uma partida pela Copa da Europa, contra o CSKA Moscow, afirmou que sem acordo de renovação o seu cargo já estava à disposição da diretoria. A instabilidade política do clube refletiu dentro de campo, e o FC Barcelona foi eliminado da Copa da Europa pelo time russo, perdendo o jogo de volta no Camp Nou, mesmo tendo empatado por 4 a 4 no placar agregado.

Ainda em dezembro de 1992, o FC Barcelona também disputou a Copa Intercontinental¹⁶⁰, contra o São Paulo Futebol Clube. O clube catalão perdeu para o clube brasileiro por 2x1. Ainda que o torneio sugerisse uma dimensão global, é importante destacar que a conquista da Copa da Europa dava ao campeão maior prestígio do que a Copa Intercontinental. O torneio europeu colocou o campeão entre os grandes clubes da Europa, além dar uma maior visibilidade ao clube, dando-o dimensões globais.

Naquele mesmo mês, Núñez apresentou a sua candidatura à reeleição. Com uma campanha que pregava a união entre todos membros clube, sendo ou não de oposição, Núñez valeu-se de um projeto que visava a não conversão do clube em uma Sociedade Anônima Desportiva, colocando-se, assim, contra a Ley de Deporte¹⁶¹. Dentro do terreno esportivo o clube começava a sair da crise, em janeiro de 1993 o técnico holandês e o presidente do clube

¹⁵⁸ *Actas del Consell* – 23/09/90 al 21/01/93, 11 de novembro 1991, s/p.

¹⁵⁹ SANTACANA, Carles (dir.). *Barça, 110 anys fent història. op. cit.*, p.202.

¹⁶⁰ Torneio que era realizado em Tóquio, no Japão, com jogo único. Reunia o campeão da Liga dos Campeões da Europa e o campeão da Copa Libertadores da América.

¹⁶¹ Uma lei que visava a mudança da razão social dos clubes para *Sociedad Anónima Deportiva* (S.A.D.), na qual entrariam nessa categoria os clubes devedores, e assim deixariam de ser Associações Esportivas. Falaremos dessa lei mais atentamente no capítulo 2.

selaram definitivamente o acordo de renovação, após Cruyff fazer inúmeras ameaças de deixar o clube, caso Núñez não aceitasse suas condições.

As resoluções políticas colocaram o clube de volta no caminho de títulos. Os únicos contratemplos foram às lesões e Goikoetxea e Guardiola, que o clube questionou o excesso de jogos e esforços desses jogadores pela Seleção Espanhola. Aqui é importante destacar que nesse período, a base da Seleção Espanhola era formada pelos jogadores do FC Barcelona, e que Cruyff constantemente questionava o trabalho do técnico espanhol Javier Clemente. Também é curioso notar a origem desses dois jogadores, Goikoetxea nasceu no País Basco, e Guardiola na Catalunha. Os problemas entre Clemente e Cruyff eram também na forma de pensar o jogo. No dia 9 de novembro de 1993, Clemente ficou especialmente irritado em uma coletiva de imprensa após ser questionado sobre as ideias de Cruyff. O técnico da Seleção Espanhola respondeu assim: “Cruyff tiene un criterio, que por supuesto no comparto, pero son tantas cosas en las que no estoy de acuerdo con Cruyff que no me voy a poner a responder continuamente a todo lo que haga o diga”.¹⁶²

Na reta final a Liga, os FC Barcelona sofreu duas derrotas – 1 a 0 para o Real Oviedo e 3 a 2 para o Real Club Celta de Vigo – que colocaram o Real Madrid na liderança do Campeonato Espanhol, ambos empatados com 52 pontos, e restando apenas mais quatro rodadas para o final da competição. Vale lembrar que o Real Madrid já havia eliminado o FC Barcelona da Copa del Rey, nas semifinais, com uma vitória por 3 a 2, no placar agregado, para o time da capital espanhola.

Já na Liga, o Real Madrid ainda conseguiu abrir uma vantagem de um ponto, restando apenas mais duas rodadas para o fim da competição. Na última rodada, o FC Barcelona precisaria de uma vitória contra a Real Sociedad de Fútbol, além de torcer por uma derrota do Real Madrid contra o Club Deportivo Tenerife. E pelo segundo ano consecutivo o Real Madrid perdeu para o modesto time de Tenerife, e com a vitória do clube catalão por 1 a 0 sobre a equipe basca, foi o suficiente para o FC Barcelona conquistar a terceira Liga em três anos seguidos.

Em decorrência da conquista do título, o FC Barcelona recebeu uma condecoração da prefeitura de Barcelona, a Medalha de Ouro da Cidade ao Mérito Esportivo.¹⁶³ O ato também significou a ratificação de Núñez à frente do clube catalão, após vencer as eleições daquele ano.

¹⁶² *La Vanguardia*, 9 de novembro de 1993, p.29.

¹⁶³ SANTACANA, Carles (dir.). *Barça, 110 anys fent història. op. cit.*, p.203.

Para o início da temporada 1993-1994, Cruyff pediu a contratação do jogador brasileiro Romário, que estava no PSV Eindhoven, da Holanda. A ideia do técnico holandês era criar uma maior concorrência entre os jogadores estrangeiros na equipe, que com a chegada de Romário, o FC Barcelona tinha ao todo seis estrangeiros: Ronald Koeman e Jordi Cruyff, da Holanda, Ronnie Ekelund e Michael Laudrup, da Dinamarca, e Hristo Stoichkov, da Bulgária. Vale lembrar que havia um limite de três jogadores estrangeiros por partida. A forte concorrência promovida pelo técnico entre os jogadores estrangeiros fez com que Laudrup deixasse a equipe ainda naquela temporada. Cruyff também promoveu alguns jogadores da base ao time principal, como por exemplo, Busquets, Jordi Cruyff, Iván de la Peña e Roger Garcia.

O ambiente conturbado entre os jogadores, somado ao temperamento inflexível de Cruyff, fez com que o clube tropeçasse em jogos decisivos, como a derrota por 3 a 1 contra o Futbolniy Klub Dynamo Kyiv, da Ucrânia, na Copa da Europa. Esse placar seria revertido, e o clube catalão se classificaria para a próxima fase da competição, e chegaria a final. Entretanto, a oscilação entre os bons e os maus resultados resultou no afastamento do goleiro Zubizarreta, além de ter recebido uma multa do técnico holandês, por baixo rendimento.

Mesmo diante de um momento conturbado dentro de campo, nos bastidores do clube, os dirigentes e conselheiros discutiam a ampliação do estádio do Camp Nou, ao longo dos anos de 1992 e 1993 foi realizado um estudo para a instalação de novas cadeiras no estádio do FC Barcelona. O estudo chegou à conclusão de que seria necessário rebaixar o campo pelo menos três metros, a fim de criar mais assentos no anel inferior. O projeto ainda visava a remoção do foço que separava a arquibancada do campo. Ao todo, estimava-se que seriam criados mais de 7 mil lugares novos. O gasto estimado para tal reforma girava em torno de 700 milhões de pesetas. Todavia, o estudo também constatou que os novos assentos não atenderiam a todos os pedidos de sócios por assentos no estádio¹⁶⁴.

As coisas começaram a melhorar para o FC Barcelona após uma vitória sobre o Real Madrid por 5 a 0 no Camp Nou. Vale destacar que essa vitória coincidiu com outra vitória, também de 5 a 0, contra o Real Madrid no Estádio Santiago Bernabéu, que aconteceu 20 anos antes, quando Cruyff ainda era jogador do FC Barcelona, uma vitória cheia de significados para a torcida do clube catalão, e para o fortalecimento da identidade catalã que o clube

¹⁶⁴ *Actas de la Junta Directiva – Temporada 1993-94 – Actes de la Sessió de la Junta Directiva del F.C. Barcelona*, 20 de dezembro de 1993, s/p.

assumiu ao longo dos anos. Sobre esse jogo, Cruyff provocou o time da capital espanhola relembando a vitória de 1974: “Espero no tardar tanto en repetir otro 5-0”.¹⁶⁵

Todavia o FC Barcelona continuou oscilando nas competições. Uma derrota por 6 a 3 para Real Zaragoza na Liga, e a eliminação para o Real Betis Balompié, que estava na segunda divisão, na Copa del Rey, colocaram em xeque todos os anos de bons resultados da equipe comandada pelo técnico holandês. A torcida passou a questionar a permanência de Cruyff no comando técnico, e a imprensa dava conta de que um ciclo havia acabado.¹⁶⁶ O “Time dos Sonhos” parecia que havia ficado para trás.

Essas duas derrotas fizeram Cruyff mudar algumas estratégias de jogo, o que ocasionou uma reação surpreendente. Dos 30 últimos pontos disputados na Liga, o FC Barcelona conquistou 28, na Copa da Europa, chegou a final, superando Galatasaray Spor Kulübü (da Turquia), Association Sportive de Monaco Football Club (da França) e o Futbolniy Klub Spartak Moskva (da Rússia) na fase de grupos. Já nas semifinais, uma vitória por 3 a 0 sobre o Futebol Clube do Porto, de Portugal, colocou o FC Barcelona na final da competição, contra o Associazione Calcio Milan, da Itália.

Na Liga, o FC Barcelona chegou à última rodada com um ponto a menos que o Real Club Deportivo de La Coruña. O time da Galícia precisava apenas de uma vitória para ser o campeão daquela temporada, já o clube catalão, dependia de uma vitória, e de um empate entre o Deportivo de La Coruña e o Valencia Club de Fútbol. O FC Barcelona perdia por 2 a 1 para o Sevilla Fútbol Club, em pleno Camp Nou, enquanto que na Galícia, o Deportivo La Coruña seguia empatando. Já no segundo tempo, o clube catalão virou a partida, ganhando por 5 a 2, enquanto o Deportivo La Coruña ainda empatava. No minuto final o time da Galícia ainda teve um pênalti a favor, que foi desperdiçado. Com o empate entre o Deportivo La Coruña e Valencia, e com a vitória do FC Barcelona sobre o Sevilla, o clube catalão chegou a 56 pontos, empatando com o clube da Galícia, entretanto, o FC Barcelona se sagrou campeão graças ao número de vitórias. O FC Barcelona conquistava a Liga Española pela quarta vez consecutiva, algo que nenhum clube havia feito até então.

O último jogo daquela temporada foi contra o Milan, pela final da Copa da Europa. Em Atanas, o FC Barcelona tomou uma goleada de 4 a 0. Antes mesmo de retornar à Barcelona, Cruyff e Núñez decidiram fazer uma drástica reformulação na equipe. O goleiro Andoni Zubizarreta já não estava mais nos planos do técnico holandês, assim como Julio Salinas, Juan

¹⁶⁵ ABC, 9 de janeiro de 1994, p.96.

¹⁶⁶ TORRAS, David & LÓPEZ, Marcos (orgs.). *El libro de oro del Barça – 1899/1995. op. cit.* p.213.

Carlos e Esteberanz, além do jogador Laudrup, que trocou o azul-grana do FC Barcelona pelo branco do Real Madrid.

O jogador dinamarquês foi substituído pelo romeno Gica Hagi, que foi uma das grandes revelações da Copa do Mundo de 1994. Com a conquista do tetracampeonato com a Seleção Brasileira, Romário alargou as suas férias, retornando a Barcelona com 23 dias de atraso. Nas primeiras rodadas da Liga, Cruyff não pode contar também com Hagi e Soichkov, que também haviam brilhado na Copa do Mundo.

O péssimo início de temporada, somados aos problemas internos fez a equipe de Cruyff oscilar entre bons e maus momentos nas duas competições, na Liga e na Copa da Europa. A vitória por 4 a 0 sobre o Manchester United Football Club, talvez tenha sido a última boa partida daquele time na temporada. Também foi uma das últimas aparições de Romário com a camisa do FC Barcelona. Ainda em dezembro de 1994, o jogador brasileiro recebeu uma proposta do Clube de Regatas do Flamengo, que a diretoria e Cruyff aceitaram a transação.

Em campo, uma derrota por 5 a 0 contra o Real Madrid, no Santiago Bernábeu, e a eliminação contra o Paris Saint-Germain Football Club, da França, na Copa da Europa, colocou os jogadores contra o técnico holandês. O búlgaro, Stoichkov, fez duras críticas ao trabalho de Cruyff, que o afastou da primeira equipe. Além disso, o holandês teve que lidar com as inúmeras ausências por lesão.

Ronald Koeman, que havia se tornado um dos heróis do FC Barcelona, em 1992, quando fez o gol do título da Copa da Europa, também anunciou que deixaria o clube catalão no final da temporada. Txiki Begiristian e Eusebio também anunciaram que deixariam o clube. Ao final da temporada 1994-1995, o FC Barcelona não conquistou nenhum título, ficou em quarto colocado na Liga, eliminado da Copa del Rey e da Copa Europa nas oitavas de final.

Com o fracasso da temporada passada, Cruyff pediu a Núñez a contratação de alguns jogadores estrangeiros: Luís Figo (de Portugal), Meho Kodro (da Iugoslávia), Robert Prosinečki (da Croácia) e Gheorghe Popescu (da Romênia). O objetivo do técnico catalão era recolocar o FC Barcelona entre os grandes clubes da Europa, e voltar a conquistar títulos importantes. Todavia, Cruyff não obteve sucesso na temporada 1995-1996, e o FC Barcelona não conquistou nenhum título naquela temporada. Além disso, o trabalho do técnico holandês passou a ser fortemente criticado pelo presidente Núñez, dando indícios de que tanto o *Dream Team*, quanto Cruyff, haviam chegado ao fim.

Como demonstra Antoni Bassas, apesar da relação conturbada entre Cruyff e Núñez, o FC Barcelona conseguiu se colocar entre os grandes clubes da Europa, apresentando um

futebol espetacular, o que poderia levar a mudança de postura dos torcedores do clube, que anos antes da chegada do holandês, assumiam uma postura vitimista.¹⁶⁷ Cruyff ajudou a mudar o sentimento dos torcedores com o clube, enquanto que Núñez aproveitava os bons resultados dentro de campo para manter-se na presidência do clube.

A falta de títulos, e algumas derrotas chaves, fizeram Cruyff deixar o clube. Em janeiro de 1996, o clube perdeu para o rival regional, o Real Club Deportivo Espanyol de Barcelona, por 5 a 1, em jogo válido pela Copa da Catalunha. Na Recopa Europeia, um empate por 2 a 2 no jogo de ida, e uma derrota por 2 a 1, diante do Fußball-Club Bayern München, eliminaram o FC Barcelona nas semifinais da competição. Já na Copa del Rey, uma derrota por 1 a 0, na prorrogação, para o Club Atlético de Madrid. Enquanto que na Liga Espanhola, a terceira posição não foi o suficiente pra o técnico holandês continuar no cargo.

Depois de uma sequência de seis temporadas seguida ganhando pelo menos um título por temporada, às duas temporadas sem conquistas foram determinantes para a saída de Cruyff, mesmo somando 11 títulos com o FC Barcelona. No dia 18 de maio, na última rodada do campeonato, Joan Gaspart (vice-presidente do clube) informou ao técnico que aquele seria o seu último jogo como comandante da primeira equipe e também informou o seu substituto, o inglês Bobby Robson, que estava no FC Porto.

Assim como boa parte de sua passagem pelo FC Barcelona, a saída de Cruyff também foi conturbada, em seu último dia como técnico do clube azul-grená, o holandês afirmou que “Mi respecto hacia la Junta es bastante poco. Uno pone la música y el resto baila. Todo estaba sentenciado desde el 25 de abril”.¹⁶⁸ E de fato a demissão de Cruyff foi decidida no dia 25 de abril de 1996, em reunião dos dirigentes e conselheiros, que teve como pauta “el problema de l’Entrenador”.¹⁶⁹ Do outro lado, Núñez rebatia Cruyff dizendo que o técnico deveria se calar, pois se “negó a reunirse conmigo”¹⁷⁰ para discutir a renovação.

A tarefa de Robson era fazer do FC Barcelona campeão de novo, para isso contava com a contratação de Luis Enrique, que estava no Real Madrid e de Ronaldo, que estava no PSV Eindhoven, além de outro brasileiro, Giovanni, e do nigeriano Emmanuel Amunke. A contratação de Ronaldo foi fundamental para o sucesso do clube catalão naquela temporada, o jogador fez 34 gols em 37 partidas.

¹⁶⁷ SANTACANA, Carles (dir.). *Barça, 110 anys fent història. op. cit.*, p.200.

¹⁶⁸ ABC, 19 de maio de 1996, p.87.

¹⁶⁹ *Actas de la Junta Directiva – Temporada 1995-96 – Actes de la Sessió de la Junta Directiva del F.C. Barcelona*, 25 de abril de 1996. s/p.

¹⁷⁰ *La Vanguardia*, 19 de maio de 1996, Suplemento Deportivo, p.4.

Há de se destacar que tanto na temporada 1995-1996, quanto na temporada 1996-1997, a Liga Espanhola estava passando por uma reformulação no número de participantes (22 para 20), e na distribuição dos pontos, sendo 3 por vitória e 1 por empate. Naquela Liga, o FC Barcelona chegou a 102 gols marcados, 28 vitórias, 6 empates e 8 derrotas. Entretanto, esse desempenho não garantiu o título, que ficou com o Real Madrid, por apenas 2 pontos de diferença. Ainda assim, Robson levou a equipe catalã a final da Recopa Europeia e a final da *Copa del Rey*, em ambos os torneios, o FC Barcelona se tornou campeão, vencendo o Paris Saint-Germain por 1 a 0, e o Real Betis por 3 a 2. Além desses dois títulos, o clube catalão também conquistou a Supercopa da Espanha, vencendo o Atlético de Madrid por 6 a 5 no placar agregado.

O título da *Copa del Rey* daquela temporada foi significativo, pois o FC Barcelona igualou ao número de títulos do Athletic Club de Bilbao. Agora, ambos, com 23 títulos cada um, eram os maiores vencedores da competição. Além disso, o jogo aconteceu no Santiago Bernabéu, no estádio do Real Madrid. O estádio construído com ajuda de Francisco Franco, que levava o nome do maior presidente do clube merengue, que também era amigo pessoal do ditador, viu o clube que representava a Catalunha comemorar um título da *Copa del Rey*, um torneio em que o rei da Espanha entregava a taça ao campeão, e que nos tempos da ditadura, era o generalíssimo que fazia a entrega da taça.

Robson deixou o FC Barcelona após a conquista de três títulos. Para o cargo de técnico, Núñez contratou Louis Van Gaal. O técnico holandês aproveitou as mudanças nas regras de contratação de jogadores estrangeiros, uma das resoluções do caso Bosman, e pediu a contratação de diversos jogadores, sobretudo holandeses. Além daqueles que já estavam no elenco, como Luís Figo, Rivaldo, Stoichkov, Amunke e Giovanni, chegaram ao FC Barcelona os portugueses Vítor Baía e Fernando Couto, os holandeses Ruud Hesp, Winston Bogarde e Michael Reiziger, o sérvio Dragan Ćirić, o francês Christophe. Já Ronaldo havia deixado o clube após divergências na renovação de contrato entre Núñez e os representantes do jogador brasileiro.¹⁷¹

Em julho de 1997, Núñez venceu mais uma vez as eleições presidenciais do clube. Entretanto, a longevidade de Núñez a frente do clube, mais de duas décadas, começou a ser questionada, principalmente, por uma nova geração de torcedores e sócios. Um dos líderes da

¹⁷¹ Ver: FIGOLS, V. L. “As Copas de Ronaldo: a imagem de um herói”. In: GIGLIO, Sérgio Settani; SILVA, Diana M. M. (Org.). *O Brasil e as Copas do Mundo: Futebol, História e Política*. 1ed. São Paulo: Zagodoni Editora, 2014, v. 1, p. 97-108.

oposição de Núñez foi Joan Laporta i Estruch, como a plataforma *Elefant Blau*¹⁷². Publicamente a plataforma deixava bem clara as suas intenções: “acabar amb el nunyisme”¹⁷³, além de impedir que o clube se transformasse uma Sociedade Anônima Desportiva e colocasse o FC Barcelona definitivamente no mercado mundial da bola.

No dia 7 de março de 1998, o *Elefant Blau* conseguiu mais de seis mil assinaturas para fazer o pedido de *Voto de Censura*, um mecanismo previsto no estatuto do clube, em que um sócio, ou um número de sócios, pode questionar as decisões tomadas pelo presidente ou pela junta diretiva. Mesmo com um número significativo de assinaturas, o pedido para rever as decisões de Núñez foi negado.

Em campo, Van Gaal e seus estrangeiros, conquistaram a Supercopa da Europa, vencendo o Ballspiel-Verein Borussia 1909 e. V. Dortmund (Borussia Dortmund), da Alemanha, por 3 a 1 no placar agregado. Na Supercopa da Espanha, uma derrota para o maior rival, o Real Madrid, por 5 a 3 no placar agregado, colocou o FC Barcelona como vice-campeão da Supercopa. Na Copa da Europa, o FC Barcelona ficou em último lugar no grupo, não se classificando para a fase eliminatória. Já na *Copa del Rey*, o clube catalão chegou a final juntamente com o Real Club Deportivo Mallorca. Após um empate em 1 a 1, o jogo foi para a disputa de pênaltis, com o placar de 5 a 4, o FC Barcelona se tornou o maior campeão da *Copa del Rey*.

Já na Liga Espanhola, o FC Barcelona se tornou campeão, depois de três temporadas seguidas sem conquistar o título nacional. Com uma campanha consistente, o título foi alcançado com quatro rodadas de antecedência, terminando a competição com nove pontos de vantagem sobre o segundo colocado o, Athletic de Bilbao, e onze do quarto colocado, o Real Madrid.

Para temporada 1998-1999, o FC Barcelona organizou as comemorações do centenário do clube. As comemorações começaram na segunda metade de 1998 e duraram até o final de 1999. Entre os eventos comemorativos estava a disputa de jogo amistoso, como por exemplo, um amistoso com a Seleção do Brasil. Estava previsto também a realização de eventos culturais que promovessem a cultura catalã. Nesse sentido, é possível dizer que aproximação do clube com a identidade nacional da Catalunha estava consolidada, isso fica evidente com a promoção da cultura da região durante as festividades. Em contra partida, devido ao caso

¹⁷² “Elefante Azul”. Tradução nossa.

¹⁷³ “[...] acabar com o nuñismo”. Tradução nossa. SANTACANA, Carles (dir.). *Barça, 110 anys fent història. op. cit.*, p.214.

Bosman, o clube catalão começou a ter um número significativo de jogadores estrangeiros, colocando em dúvida o *catalanismo* do clube.

A discussão sobre contratar jogadores estrangeiros, pelo menos no futebol espanhol vem desde a década de 1960, com o caso dos falso descendentes de espanhóis, isto é, jogadores da América Latina que falsificavam documentos para conseguir jogar no futebol espanhol. O caso foi denunciado pelo FC Barcelona, e a regra foi revista, entretanto, a limitação de jogadores estrangeiros ficou restrita a apenas dois.¹⁷⁴ Já nos final dos anos 1980, a *Federación de Fútbol Español* e a *Liga de Fútbol Profesional* começaram a fazer alguns estudos para mudar a restrição para três jogadores estrangeiros, seguindo as regras que o basquete espanhol utilizava. O terceiro jogador estrangeiro só seria aceito na metade dos 1990, e as regras seriam radicalmente alteradas após a resolução do caso Bosman.¹⁷⁵

Valendo-se do caso Bosman, Van Gaal contratou mais três holandeses para a temporada 1998-1999: Phillip Cocu, Patrick Kluivert e Boudewijn Zenden, além do brasileiro Sonny Anderson, do nigeriano Samuel Okunowo e do argentino Mauricio Pellegrino. Vale lembrar também que, no meio desta temporada, o clube contratou mais dois jogadores holandeses, os irmãos Frank e Ronald de Boer. Contratações que geraram uma grande repercussão, pois com a chegada dos irmãos holandeses o clube passou a contar com oito holandeses, três brasileiros, dois nigerianos e dois portugueses, um sérvio e um argentino, totalizando 17 estrangeiros contra 13 jogadores espanhóis. É importante ressaltar que dentre esses jogadores de origem espanhola, nove eram de catalães.

Além da crescente internacionalização do elenco, o FC Barcelona também passava por uma reformulação econômica. Se até meados dos anos 1990 a principal renda do clube vinha dos sócios, nos últimos anos daquela década os direitos de imagem, vendidos para a TV, eram os principais responsáveis pela sustentação econômica do clube. Esse movimento foi fruto da espetacularização do futebol acompanhado de outros dois processos, a mercantilização e a midiaticização do esporte mais popular do mundo. Somados à esse movimento, também se observa a globalização do jogo.

A internacionalização do elenco, e a globalização da imagem do clube, acarretaram em um distanciamento entre a torcida e o time.¹⁷⁶ Também é preciso considerar a antipatia que a torcida tinha com Van Gaal, diferente do que acontecia com Cruyff, o técnico que veio a

¹⁷⁴ Ver: FIGOLS, Victor de Leonardo. *Barça, més que un club: o FC Barcelona durante o Franquismo (1968-1969)*. 2013. 63 f. Monografia (Bacharelado/Licenciatura em História) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2013.

¹⁷⁵ Falaremos mais detidamente do caso Bosman no capítulo 4.

¹⁷⁶ SANTACANA, Carles (dir.). *Barça, 110 anys fent història. op. cit.*, p.218.

substituí-lo tinha uma postura extremamente arrogante com os torcedores e com os jornalistas, além disso, a figura de Núñez também estava desgastada entre os torcedores e sócios, que cada vez mais o queriam fora do comando do clube.

Dentro de campo, o FC Barcelona buscou celebrar o seu centenário com pelo menos um título importante. Entretanto, na Supercopa da Espanha, o FC Barcelona ficou com o segundo lugar, após perder para o Mallorca por 3 a 1. Na Copa da Europa o clube catalão foi eliminado ainda na fase de grupos, ficando em terceiro lugar, atrás do Bayern München e Manchester United. Na *Copa del Rey*, o FC Barcelona também não conseguiu progredir na competição, sendo eliminado nas quartas-de-final pelo Valencia após duas derrotas, uma por 3 a 2 no Camp Nou, e outra por 4 a 3 no Estádio de Mestalla.

A Liga Espanhola era a única frente possível para o FC Barcelona ser campeão naquela temporada. Mesmo com um começo instável, o clube catalão conseguiu conquistar a Liga com três rodadas de antecedência, ficando com 79 pontos, enquanto o segundo colocado, o Real Madrid, tinha somado 68 pontos. Com o título da Liga, o FC Barcelona comemorou o seu centenário com um título relevante, e mais do que isso, todas as outras modalidades que o clube promovia também conquistaram o campeonato nacional, foi assim no futebol, no basquete, no handebol e no hóquei.

A longa narrativa dos jogos e dos primeiros passos de Cruyff no FC Barcelona permite observar as tensões internas do clube, mas também a tensão entre o *catalanismo* e a globalização do futebol. Como a chega de Van Gaal ao clube que, se valendo da resolução do caso Bosman, contratando jogadores estrangeiros, é possível observar como o clube construiu, entre tensões internas e jogos públicos, a ideia do futebol espetáculo e da representação do *catalanismo*. Tais ideias contrastavam especialmente em relação à globalização e mercantilização do futebol, nos capítulos seguintes, serão discutidas tais tensões, levando em consideração a mercantilização, a midiaticização, a espetacularização e a globalização do futebol em contrasta com a identidade catalã que FC Barcelona construiu.

III – O FC BARCELONA ENTRE MUDIATIZAÇÃO, ESPETACULARIZAÇÃO E MERCANTILIZAÇÃO DO FUTEBOL

Love the game, hate the business!¹⁷⁷

A década de 1990 foi marcada pela crescente midiática do futebol. Dentro desse processo a mídia televisiva teve um papel fundamental na difusão do esporte, primeiro porque passou a tratar o futebol como um negócio, e segundo, como um espetáculo. Assim, é possível dizer que as empresas de telecomunicação contribuíram para transformar o futebol em um negócio, concomitantemente, o transformava também em um espetáculo.

Como bem demonstrou Guy Debord, na segunda metade do século XX, o espetáculo assumiu a forma de mercadoria.¹⁷⁸ Nesse sentido, é possível dizer que o futebol não ficou alheio a esse processo, pelo contrário, o esporte se tornou rapidamente uma mercadoria, na medida em que o caráter espetacular do jogo era explorado economicamente. As televisões passaram a transmitir os jogos de futebol como um espetáculo a partir da Copa do Mundo de 1974, quando a televisão em cores era uma novidade. Há que se destacar, também, o papel do então presidente da FIFA, João Havelange¹⁷⁹, como um dos principais responsáveis por acelerar esse processo.

Após a década de 1970, a “telecracia”¹⁸⁰ tomou conta definitivamente do futebol. Se nos primeiros anos daquela década as televisões estavam entrando no mercado do futebol, foram nas duas décadas seguintes que as empresas de comunicação assumiram definitivamente o mercado do futebol, restando aos clubes se adaptarem a esse processo.

Em 1988, o FC Barcelona estava buscando novas formas de alavancar a economia do clube, e encontrou na televisão uma ótima fonte de renda, uma vez que o clube não aceitava que patrocinadores estampassem a sua camisa de jogo. O socorro financeiro veio da televisão, na reunião do dia 20 de junho daquele ano, o então vice-presidente, Joan Gaspart perguntou no conselho se o clube assinaria um “contracte de 2.000.000.000 ptes. pels drets de Televisió

¹⁷⁷ Frase utilizada por torcedores ingleses para questionar a lógica mercantil do futebol.

¹⁷⁸ DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

¹⁷⁹ Jean-Marie Faustin Goedefroid Havelange foi presidente da FIFA de 1974 a 1998, o seu mandato foi marcado pelo crescimento da entidade, sobretudo no que diz respeito a contratos publicitários e de televisão.

¹⁸⁰ Termo usado pelo jornalista uruguaio, Eduardo Galeano, para se referir à influência e ao monopólio das redes televisivas sobre o futebol. Ver GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2010. p.165.

Catalana durant sis anys i relatiu a les transmissions de partits”¹⁸¹. Além disso, o Conselho também discutiu a exploração das publicidades estáticas no Camp Nou.

Após um longo debate, em que os conselheiros discutiram as melhores formas de investir o dinheiro vindo da *Televisió Catalana*, ficou decidido que:

El Consell acorda, per unanimitat, felicitar el President, Joan Gaspart, Tusquets, i tots els que han col.laborat amb ells, en la concertació del contracte televisiu amb la Televisió de Catalunya, T.V.3, i complementaris de publicitat, i es felicita pel nivell que ha adquirit el F.C. Barcelona en la seva objectivació i capacitat de convocatòria i la seva repercussió de la propria valoració publicitària en la Societat Civil catalana i espanyola.¹⁸²

Em menos de seis meses, o FC Barcelona assinou outro contrato televisivo, agora com exclusividade para o público asiático. O clube aceitou a proposta da empresa japonesa I.T.C., que previa que o FC Barcelona jogasse pelo menos duas partidas a cada ano durante quatro temporadas, com os jogos sendo realizado no Japão. O contrato estava avaliado em 125 milhões de pesetas por ano, e foi renovado em 1990.¹⁸³

Nesse mesmo período o clube já possuía um acordo com a TVE (*Televisión Española*), e devido ao acordo assinado com a TV3 da Catalunha, havia uma questão de prioridade nos direitos televisivos. Essa disputa por prioridade foi motivo de discussão entre o presidente do Atlético de Madrid, Jesús Gil, e o FC Barcelona. O clube catalão precisava negociar uma nova data para o jogo contra o Atlético de Madrid, em jogo válido pela Liga Espanhola, pois havia um compromisso pela Liga dos Campões Europa que coincidiria com a data do jogo da Liga.

Devido a tais mudanças, a TV3 teria prioridade em transmitir o jogo:

La obligatoriedad se duplica al solicitar las televisiones autonómicas la transmisión del partido, derecho contraído por las cadenas regionales y firmado por el Atlético según el contrato que acordaron las televisiones públicas españolas y la Liga.¹⁸⁴

Em outras palavras, como o jogo estava marcado para uma rodada ímpar, a TV3 da Catalunha tinha prioridade em transmitir, independente do dia. O presidente Jesús Gil

¹⁸¹ “contrato de 2.000.000.000 de pesetas pelos direitos da *Televisió Catalana* durante seis anos e relativo às transmissões das partidas”. Tradução Nossa. *Actas del Consell – 02/07/85 al 12/09/88*, 20 de julho de 1988, s/p.

¹⁸² “O conselho aprova, por unanimidade, e felicita o Presidente [Josep Lluís Núñez], Joan Gaspart, [Carles] Tusquets e todos os que colaboraram com eles, no acerto de contrato televisivo com a *Televisió Catalana*, T.V.3, e pelos complementos publicitários, também felicita o nível alcançado pelo FC Barcelona no seu objetivo e capacidade de convergência e de sua repercussão própria em se valorizar publicitariamente na Sociedade Civil catalã e espanhola.” Tradução nossa. *Actas del Consell – 02/07/85 al 12/09/88*, 20 de julho de 1988, s/p.

¹⁸³ *Actas del Consell – 26/09/1988 al 03/09/1990*, 6 de fevereiro de 1989, s/p. e 5 de novembro de 1990, s/p.

¹⁸⁴ *ABC*, 17 de fevereiro de 1988. p.77.

questionou se o Atlético de Madrid receberia pela transmissão da partida, pois Gil se recusava aceitar que o jogo fosse levado para o sábado:

O nos pagan treinta millones de pesetas, o jugaremos el domingo. Pongo el circo, los enanos, el espectáculo... para sacar la mitad de lo que recaudariamos si jugásemos el domingo. Y no estoy dispuesto. Si el partido lo televisasen las emisoras autonómicas, el Atlético sólo cobraría seis millones, cantidad que quedaría embargada por el Banco de la Pequeña y Mediana Empresa, por un acuerdo que firmó la anterior directiva. La Liga de Fútbol Profesional no me puede obligar a cumplir un acuerdo que no he firmado.¹⁸⁵

A proposta garantia o direito de prioridade das televisões das comunidades autónomas quando a rodada era ímpar, mas como o FC Barcelona havia solicitado o adiantamento da rodada, a TVE, que originalmente tinha o direito de transmitir, perdeu esse direito para TV3. Com a mudança, o jogo entre Espnyol e Real Valladolid teve que ser remanejado, deixando de ser transmitido pela televisão catalã e passando a ser da Televisão Espanhola.

Os acordos e desacordos entre as redes de televisões da Espanha mostram o quanto essas empresas haviam investido no futebol, e o quanto elas possuíam poder para remanejar os horários e os dias das partidas, para que o direito de transmissão fosse garantido. Por outro lado, os clubes, que haviam aceitado tais acordos, ficavam reféns das mudanças impostas pelas redes televisivas.

Para se ter uma ideia, a TVE garantiu os direitos de transmissão dos jogos da temporada 1988-1989 estabelecendo os valores a partir dos confrontos entre as principais equipes da Liga Espanhola, que ficou distribuído da seguinte forma:

Real Madrid-Barcelona: 40 milhões de pesetas
 Real Madrid-Atlético de Madrid: 30 milhões de pesetas
 Barcelona-Español: 30 milhões de pesetas
 Athletic de Bilbao-Real Sociedad: 30 milhões de pesetas¹⁸⁶

Se por um lado as televisões, com altos investimentos, começavam a ditar as regras de transmissão de jogo pela televisão, os clubes se valiam dessa fonte de renda para solucionar os seus problemas financeiros. Em janeiro daquele ano, antes desse acordo ser firmado com as televisões, o periódico *ABC* noticiava em sua capa o clássico Real Madrid e Barcelona, destacando que o encontro seria televisionado:

¹⁸⁵ *Idem.*

¹⁸⁶ *ABC*, 05 de março de 1988. p.79.

Los eternos rivales del fútbol español disputarán esta noche, en el estadio Santiago Bernabéu, un nuevo encuentro que ha despertado la máxima expectación entre los seguidores de ambos equipos y todos los aficionados en general. Real Madrid y Barcelona, frente a frente, vuelven a poner de manifiesto el fenómeno sociológico en que el fútbol se convierte en ocasiones. El partido de hoy, que podrá verse por televisión, hará olvidar por unas horas los problemas y tensiones de la vida diaria.¹⁸⁷

Nas páginas do jornal de Madrid, o clássico era tratado apenas como um grande evento futebolístico. Ao fazer isso, o jornal retira toda a carga de significados políticos que o jogo entre Real Madrid e FC Barcelona ganhou ao longo do tempo. Segundo o jornal, apesar da distância na tabela, a rivalidade – apenas em termos futebolísticos e desportivos – estaria presente:

En esta ocasión, aunque distanciados por demasiados puntos en la clasificación, el ambiente es el mismo de siempre y todo se paralizará, quedando en segundo plano actividades que marcan el signo diario, como la política, la economía, los actos sociales. A las ocho en punto, el estadio será una fiesta y cada hogar tendrá la posibilidad, por el acceso de la TV, de seguir las incidencias del juego.¹⁸⁸

Se por um lado o jornal de Madrid destacava o jogo, em termos futebolísticos, o *La Vanguardia* de Barcelona noticiava o retorno econômico que o clássico daria ao time da capital espanhola.

La marcha triunfal del equipo que dirige Leo Beenhakker va a producir una nueva recaudación millonaria que, según fuentes próximas al club, se concretará esta vez en la cifra de 100 millones de pesetas, de los que la mitad llegaran por el concepto de la venta de localidades. El resto de ingresos procederá de TVE, Televisa, Odeón y los derechos sobre la publicidad estática del campo.¹⁸⁹

O que significa dizer que, para esse jogo, o Real Madrid teria recebido 50 milhões de pesetas oriundas das redes televisivas e de publicidade, e a outra metade com a venda de ingressos. Aqui já é possível observar o papel das redes de televisão investindo grandes quantias no futebol. Como consequência disso – como veremos mais a adiante – o dinheiro arrecadado pelos direitos televisivos seria um dos maiores responsáveis em manter os clubes espanhóis, principalmente, Real Madrid e FC Barcelona, economicamente ativos e com capacidade de altos investimentos na contratação de jogadores.

O clássico acabou com vitória do time da capital. O placar de 2 a 1 acirrou a crise futebolística que o FC Barcelona já estava sofrendo, entretanto, o péssimo desempenho do

¹⁸⁷ *ABC*, 02 de janeiro de 1988. Capa.

¹⁸⁸ *Idem*.

¹⁸⁹ *La Vanguardia*, 02 de janeiro de 1988, p.29.

clube catalão na *Liga Española* era reflexo da conturbada gestão de Luís Núñez. As críticas ao presidente do clube tomaram lugar nas páginas do *ABC*:

Una mención especial la exigen los extranjeros, donde el asunto ya es más grave. Los fichajes de [Steve] Archibald [escocês], cedido a un equipo inglés [o Blackburn Rovers FC]; Mark Hughes [galês], cedido al Bayern Munich, y [Gary] Lineker [inglês], actuando sin convencer a nadie, salvo al jurado del «Balón de Oro» [Bernd Schuster], son fichajes fracasados. La oposición culpa de ello a Núñez. Y si no es así, también es su responsabilidad.¹⁹⁰

Dois pontos do trecho acima merecem destaque: 1) o papel da imprensa esportiva de Madrid questionando o protagonismo dos estrangeiros no FC Barcelona, com exceção de Schuster (que se transferiria para o Real Madrid ao final daquela temporada); 2) a responsabilidade de Núñez na atual crise, e o papel dos seus opositores no clube catalão. Por outro lado, a imprensa esportiva da Catalunha não procurou achar um culpado para a derrota, e considerou a vitória do Real Madrid justa.¹⁹¹ Já nos bastidores do FC Barcelona, a derrota no clássico, ou a suposta crise de gestão aparecerem nas Atas do Conselho, todavia, uma declaração da Comissão Econômica deixa a entender que houve uma sequência de equívocos na contratação de jogadores e que o clube estaria se precavendo para as futuras contratações: “el club no está disposat a intertir milions en jugadors perquè no serien rendibles i tenim una economia consolidable”.¹⁹²

Poucos dias depois do clássico nacional, o FC Barcelona recebeu o seu rival da Catalunha, o Reial Club Deportivo Espanyol de Barcelona pelo jogo de volta da *Copa del Rey*. O jornal *ABC* ironizou a qualidade do jogo, considerando-o um jogo de equipes da terceira divisão:

¡Vaya espectáculo el que protagonizaron ayer el Barcelona y el Español en el Camp Nou! Más que un partido de octavos de final de la Copa del Rey, parecía un encuentro entre dos equipos de Tercera [divisão], pues ésa fue la impresión que dieron un Barcelona irreconocible en su juego, y que cada vez va a menos conforme pasan los partidos, y un Español que sailó a no forzar mucho su ritmo, pues se consideraban eliminados después del 1-3 con el que concluyó el partido de ida en Sarriá.¹⁹³

O jogo não foi nenhum espetáculo futebolístico, ou mesmo televisivo. Longe disso, os 30 mil torcedores que compareceram ao Camp Nou viram um 1 a 0 do FC Barcelona, em um

¹⁹⁰ *ABC*, 02 de janeiro de 1988. p.74.

¹⁹¹ *La Vanguardia*, 03 de janeiro de 1988, p.33.

¹⁹² “O clube não está disposto a investir milhões em jogadores, porque não seriam rentáveis e, o clube tem uma economia consolidada”. Tradução nossa. *Actas del Consell – 02/07/85 al 12/09/88*, 11 de janeiro de 1988, s/p.

¹⁹³ *ABC*, 07 de janeiro de 1988. p.62.

jogo que um radialista resumiu da seguinte forma: “la pelota se quiere ir, quizás aburrida de lo que están haciendo con ella”¹⁹⁴. Aos presentes ao estádio coube protestar contra os dirigentes, principalmente contra Núñez. A maioria dos sócios presentes no estádio pedia por uma mudança de postura e pela saída do presidente do clube. Um sócio mais exaltado protestou contra Núñez na porta do estádio segurando uma corda e gritando que iria enforcá-lo.¹⁹⁵

Nos bastidores do clube já se pensava em mudanças, ainda que não apareça nas Atas dos primeiros meses de reuniões do Conselho Diretivo, as páginas dos jornais davam conta de que o técnico Johan Cruyff havia assinado uma carta de demissão no Amsterdamsche Football Club Ajax, e que estaria perto de firmar um contrato com o FC Barcelona. A oficialização da contratação do técnico holandês só viria acontecer no dia 4 de maio de 1988, antes disso os jornais apenas especularam o futuro de Cruyff em outros clubes.

Em abril daquele ano, o nome do técnico holandês apareceu pela primeira vez nas Atas do Conselho Diretivo, mas não para discutir a sua contratação, pelo contrário, o Conselho discutiu uma “plet pendent entre el FC Barcelona i Johan Cruyff”¹⁹⁶. Acredita-se que essa pendência judicial diz respeito à sonegação fiscal dos direitos de imagem do holandês, dos tempos em que ainda era jogador do clube, no final da década de 1970.

De fato, Cruyff era o nome capaz de mudar os rumos do FC Barcelona. Em sua passagem como atleta levou o clube catalão a conquistar a *Liga Española* após 14 anos de jejum, e, além disso, o jogador fizera parte Seleção Holandesa que revolucionou o modo de se entender e jogar futebol durante a Copa do Mundo de 1974. Como já foi dito, o nome de Cruyff era um tido como certo para o FC Barcelona, pois chegaria ao clube com o *status* de herói, o que lhe garantiria respaldo da diretoria e dos torcedores para implantar as suas mudanças no futebol do clube catalão.

Enquanto o clube buscava caminhos para enfrentar a crise esportiva, e de gestão, que duraria até o final da temporada 1987-1988, o Conselho Diretivo se reuniu para informar que o clube havia registrado um crescimento no número de torcedores: “Casaus diu, que el creixement de les penyes a la res d’Espanya s’está incrementant i aviat igualarà les penyes de Catalunya.”¹⁹⁷ O clube não informa a distribuição de penyes no território espanhol ou mesmo da Catalunha, fato é que em 1988 o clube registrou 458 penyes, 16 a mais do que no ano

¹⁹⁴ *La Vanguardia*, 07 de janeiro de 1988. p.37.

¹⁹⁵ *Idem*.

¹⁹⁶ “pendência judicial entre FC Barcelona e Johan Cruyff”. Tradução Nossa. *Actas del Consell – 02/07/85 al 12/09/88*, 05 de abril de 1988, s/p.

¹⁹⁷ “Casaus diz que o crescimento das penyes no resto da Espanha aumentando e em breve se igualará ao número de penyes da Catalunha.” Tradução nossa. *Actas del Consell – 02/07/85 al 12/09/88*, 22 de fevereiro de 1988, s/p.

anterior, além disso, entre 1987 e 1988 o FC Barcelona contabilizava mais de 100 mil sócios.¹⁹⁸

Em termos econômicos, a crise esportiva não atingia os cofres do clube. Os mais de 100 mil sócios, em conjunto com outras receitas atípicas¹⁹⁹, representavam 150.000.000 de pesetas anuais, ao final da temporada 1987-1988. Todavia, diferentemente do que o clube, e principalmente o seu presidente, diziam, os sócios não eram os principais responsáveis por manter o clube economicamente saudável, outros investimentos ajudavam o clube a se manter. Para se ter uma ideia, só das redes televisivas o FC Barcelona recebeu 200.000.000 de pesetas, de publicidade foram 80.000.000, do aluguel das dependências do estádio foram 40 milhões.²⁰⁰

Enquanto o presidente da Comissão Jurídica, Antoni M^a Muntañola afirmava que o “que el Club és una associació, que no és una empresa, sino un es constituït per 108.000 socis”²⁰¹, a Comissão Econômica trabalhava para conseguir maiores investimentos, principalmente de origem publicitária. Na reunião do dia 13 de junho de 1988, o presidente Núñez fez questão de iniciar dizendo: “quan ens van fer càrrec del Club hi havia deutes; avui el Club té 2.900.000.000 ptes. de patrimoni social”.²⁰² A tônica dessa reunião foi uma ampla discussão para se pensar em como obter novos recursos, algumas propostas foram levadas pela Comissão Econômica, como por exemplo, a obtenção de um crédito de 650.000 de pesetas junto à *Banca Catalana*, ou recorrer a contratos publicitários. Ao final da reunião, os dirigentes optaram por uma captação de investimentos alternativa, isto é, aumentar o contrato com as televisões, chegando a 2.000.000 de pesetas por 6 anos com aditivo em competições europeias e a possibilidade de alugar o estádio para atividades culturais.²⁰³

Uma semana depois, o Conselho se reuniu de novo para ratificar as decisões.

El Consell acorda, per unanimitat, felicitar el President, Joan Gaspart, Tusquets, i tots els que han col.laborat amb ells, en la concertació del contracte televisiu amb la Televisió de Catalunya, T.V.3, i complementaris de publicitat (...).²⁰⁴

¹⁹⁸ Dados das *penyes* e do número de sócios oferecidos pelo *Centre de Documentació i Estudis* do FC Barcelona.

¹⁹⁹ Ingresso de valores à receitas que não estavam previstas no orçamento do clube.

²⁰⁰ *Actas del Consell – 02/07/85 al 12/09/88*, 20 de junho de 1988, s/p.

²⁰¹ “que o Clube é uma associação, que não é uma empresa, e sim constituído por 108 mil sócios.” Tradução nossa. *Actas del Consell – 02/07/85 al 12/09/88*, 29 de abril de 1988, s/p.

²⁰² “quando eu iniciei carreira no Clube, havia dívidas, hoje o clube tem 2.900.000.000 pesetas de patrimônio social”. Tradução nossa. *Actas del Consell – 02/07/85 al 12/09/88*, 13 de junho de 1988, s/p.

²⁰³ *Actas del Consell – 02/07/85 al 12/09/88*, 13 de junho de 1988, s/p.

²⁰⁴ “O Conselho acorda, por unanimidade, felicitar o Presidente, Joan Gaspart, Tusquets, e todos os que colaboraram com eles, na conclusão do contrato televisivo com a Televisió de Catalunya, T.V.3, e complementos publicitários (...).” Tradução nossa. *Actas del Consell – 02/07/85 al 12/09/88*, 20 de junho de 1988, s/p.

O jornal *La Vanguardia* noticiou o acordo entre a televisão e o clube:

El FC Barcelona y Televisió de Catalunya (TV3) han llegado aun principio de acuerdo por el que la entidad azulgrana cederá los derechos de retransmisión de una buena parte de los encuentros que disputen sus equipos de fútbol, baloncesto, balonmano y hockey sobre patines durante los seis próximos años. El club percibirá a cambio una cantidad global de casi 2.000 millones de pesetas, a razón de no menos de 300 millones por temporada.²⁰⁵

Todavía, o periódico ressalta que “Siete meses después de protagonizar una agria ruptura, las dos entidades vuelven a vincularse”.²⁰⁶ Segundo o *La Vanguardia*, o motivo da disputa e da não renovação de contrato foi o baixo valor oferecido pela TV3, assim, o clube teria assinado um a Televisión Española (TVE). Passados sete meses, o acordo entre o FC Barcelona e a TVE foi desfeito, e o clube catalão voltou a negociar com a TV3, quando esta ofereceu um contrato economicamente mais interessante ao clube catalão. Mais tarde, esse acordo com a TV3 se estendeu, e a rede televisiva ganhou o direito de explorar as publicidades estáticas do Camp Nou. Segundo Jordi Finestres, em valores atuais, o acordo estava avaliado em 12 milhões de euros.²⁰⁷

A falta de clareza nos acordos televisivos e o crescimento econômico dos clubes espanhóis, sobretudo Real Madrid e Barcelona, abriu uma discussão sobre a mudança da razão social dos clubes. A proposta de lei que ficou conhecida como *Ley del Deporte* previa, entre outras coisas, que deixassem de ser Associações para se tornar *Sociedades Anónimas Deportivas* (SAD). Em outras palavras, os clubes passariam a ser entendidos como empresas e, assim, teriam que pagar impostos mais elevados, já que seriam classificados como uma organização empresarial.

Essa lei só seria assinada em 1990, mas nos bastidores do FC Barcelona o assunto já era debatido entre os conselheiros, e já era do conhecimento dos sócios, uma vez que durante a campanha presidencial de 1988, Núñez mostrou-se contrário à mudança. Concomitantemente o tema também era debatido na Federação e na Liga Nacional de Futebol Profissional.

Na primeira reunião em que o tema da mudança da razão social do clube foi colocado em pauta, os conselheiros refutaram qualquer proposta de mudança.²⁰⁸ Nas Atas não constam os argumentos utilizados pelos conselheiros para refutar a *Ley del Deportes*, mas o assunto foi

²⁰⁵ *La Vanguardia*, 15 de junho de 1988. p.37.

²⁰⁶ *Idem*.

²⁰⁷ SANTACANA, Carles (dir.). *Barça, 110 anys fent història. op. cit.* p.189.

²⁰⁸ *Actas del Consell – 26/09/1988 al 03/09/1990*, 14 de novembro de 1988, s/p.

retomado duas semanas depois. Os conselheiros colocaram em pauta o principal argumento da *Liga Nacional de Fútbol Profesional*²⁰⁹, que entendia a mudança para SAD como uma forma de resolver os problemas econômicos de alguns clubes, e assim, criar uma estrutura de responsabilidade administrativa e de gastos. O argumento de Muntañola foi o único que apareceu nas Atas, o conselheiro questionou: “Una cosa és la tutela de l’esport i del Consell Superior dels Esports i l’altra és disposar la forma en què els Clubs s’han d’associar.”²¹⁰ Para Muntañola o projeto da *Ley del Deporte* era mais uma medida intervencionista do Estado espanhol na estrutura organizacional dos clubes.

Enquanto isso, a relação entre FC Barcelona, TVE e TV3 ainda seguia sem uma definição clara. Na reunião do dia 04 de setembro de 1989 Joan Gaspart informou:

(...) que estan molt avançades les negociacions amb TVE, per cedir a aquesta emissora els drets de transmissió dels 12 pròxims partits de Competició Europa [Liga dos Campeões da Europa] que el F.C. Barcelona jugarà al l’Estadi [Camp Nou], per un preu de 900 milions de pessetas, més l’IVA [imposto] o que, dins d’aquest contracte, es concedeix una opció a TVE per la retransmissió del partit de la Super Copa [Recopa Europea] entre F.C. Barcelona i el Milan, en el ben entès que el Club disposa d’aquest dret, ja que actualment té un contracte amb TV3 que pot concedir aquest dret a la Televisió Catalana.²¹¹

A proposta de Gaspart era de que o clube assinasse um contrato de 900 milhões de pesetas com a TVE para a emissora transmitir os jogos que o FC Barcelona disputasse no *Camp Nou* na Liga dos Campeões da Europa. Dentro desse contrato, o clube repassaria os direitos da emissora espanhola à TV3 para retransmitir o jogo da Recopa Europeia, já que a os direitos de transmissão eram da TV3. Nesses termos, a proposta de Gaspart foi vista pelos demais conselheiros como vantajosa para o clube.

Todavia, o FC Barcelona ameaçou acionar a TVE na justiça caso transmitisse o jogo da Recopa Europeia contra o Milan da Itália. Segundo a Comissão Jurídica do clube, os direitos pertenciam a TV3 da Catalunha,²¹² mesmo o clube tendo acordado com a TVE o repasse de transmissão.

²⁰⁹ Organizadora da *Liga Española*, composta pelos clubes de futebol das principais divisões da Espanha.

²¹⁰ “Uma coisa é a tutela do esporte e do Conselho Superior de Esportes, e outra é impor a forma em que os Clubes se associam”. Tradução nossa. *Actas del Consell – 26/09/1988 al 03/09/1990*, 28 de novembro de 1988, s/p.

²¹¹ “(...) que estão muito avançadas as negociações com a TVE, para ceder à essa emissora os direitos de transmissão das próximas 12 partidas da *Competició Europa* [Liga dos Campeões da Europa] que o FC Barcelona jogar no Estádio [Camp Nou], por um preço de 900 milhões de pesetas, mais o [imposto] IVA o que, dentro desse contrato, se concede uma opção a TVE para a transmissão da partida da Super Copa [Recopa Europea] entre FC Barcelona e o Milan, e que fique bem entendido que o Clube possui esse direito, já que atualmente tem um contrato com TV3 que pode conceder esse direito pra a Televisió Catalana.” Tradução nossa. *Actas del Consell – 26/09/1988 al 03/09/1990*, 2 de julho de 1989, s/p.

²¹² *Actas del Consell – 26/09/1988 al 03/09/1990*, 4 de setembro de 1989, s/p.

Para além dos acordos televisivos, o clube buscava novas formas para aumentar a sua renda. Uma das saídas foi aumentar em 7% a cota para os sócios, isto é, o valor anual para se associar ou renovar o seu carnê de sócio. Para a temporada 1989-90, um adulto desembolsaria 9.200 pesetas, e caso esse adulto quisesse adquirir o melhor lugar no estádio – as tribunas –, teria que desembolsar mais 41.700 pesetas anuais, já o assento mais barato, que ficava atrás dos gols e em locais descobertos, custava 17.100 pesetas.²¹³

Vale lembrar que na temporada 1988-89, o clube registrou uma receita de 5.225 milhões de pesetas, sendo que 2.899 milhões vinham dos sócios, entretanto, as despesas do clube giravam em torno de 5.200 milhões de pesetas,²¹⁴ registrando assim um superávit acima do esperado, cerca de 64 milhões de pesetas.²¹⁵ A saída dos dirigentes para aumentar da receita do FC Barcelona foi cobrar mais dos sócios do clube, entretanto, a resolução desagradou os sócios, que meses antes haviam reeleito Núñez.

No dia 5 de fevereiro de 1990, o FC Barcelona fechou as contas relativas à temporada anterior. O conselho aprovou os seguintes valores:

INGRESSOS	Milions de pessetes
Competicions Esportives	547
Socis i abonaments	2.766
Accessoris	1.771
Altres ingressos	141
Total	5.225 ²¹⁶

Diante do crescimento econômico do clube, mais uma vez a *Ley del Deporte* foi colocada em pauta. Nas atas a discussão não foi informada pelo escrivão, mas se observamos o conteúdo da *Ley*, veremos os reais motivos para o clube se preocupar com as mudanças. Entendendo o fenômeno esportivo como uma atividade livre e voluntária, a nova lei tinha alguns pilares fundamentais:

La práctica deportiva del ciudadano como actividad espontánea, desinteresada y lúdica o con fines educativos y sanitarios.
 La actividad deportiva organizada a través de estructuras asociativas.
El espectáculo deportivo, fenómeno de masas, cada vez más profesionalizado y mercantilizado.²¹⁷

²¹³ *Actas del Consell – 26/09/1988 al 03/09/1990*, 4 de setembro de 1989, s/p.

²¹⁴ *Actas del Consell – 26/09/1988 al 03/09/1990*, 5 de junho de 1989, s/p.

²¹⁵ *Actas del Consell – 26/09/1988 al 03/09/1990*, 2 de outubro de 1989, s/p.

²¹⁶ “Receitas/ Milhões de pesetas/ Competições Esportivas ... 547/ Sócios e assinaturas ... 2.766/ Acessórios ... 1.771/ Outras receitas ... 141/ Total ... 5.225”. Tradução nossa. *Actas del Consell – 26/09/1988 al 03/09/1990*, 5 de fevereiro de 1990, s/p.

²¹⁷ Boletín Oficial del Estado. Agencia Estatal - Ministerio de la Presidencia - Gobierno de España. «BOE» núm. 249, de 17 de octubre de 1990, páginas 30397 a 30411. p.30397. Grifo nosso.

Entendendo o esporte como um fenômeno cada vez mais profissionalizado e mercantilizado, a nova lei tinha como objetivo criar um tratamento específico para o esporte.

Fomentar la práctica deportiva y ordenar su funcionamiento, cuando ésta trasciende del ámbito autonómico.

Reconocer y facilitar la actividad deportiva organizada a través de estructuras asociativas.

Regular el espectáculo deportivo, considerándolo como una actividad progresivamente mercantilizada.²¹⁸

A *Ley del Deporte* era bem clara, um dos seus objetivos era regulamentar o espetáculo esportivo e a estrutura mercantil criada sobre o esporte. Em outras palavras, a lei fazia referência ao *asociacionismo desportivo*, isto é, à estrutura a partir da qual os clubes espanhóis se organizavam. É neste ponto que os clubes de futebol, principalmente o FC Barcelona, questionavam a nova lei. Uma mudança que não afetava apenas a razão social dos clubes:

(...) la Ley propone un nuevo modelo de asociacionismo deportivo que persigue, por un lado el favorecer el asociacionismo deportivo de base, y por otro, establecer **un modelo de responsabilidad jurídica y económica** para los Clubes que desarrollan actividades de carácter profesional. (...), mediante la conversión de los clubes profesionales en **Sociedades Anónimas Deportivas**, o la creación de tales Sociedades para los equipos profesionales de la modalidad deportiva que corresponda, nueva forma jurídica que, inspirada en el régimen general de las Sociedades Anónimas, incorpora determinadas especificidades para adaptarse al mundo del deporte.²¹⁹

Os maiores receios do FC Barcelona com a *Ley del Deporte* recaíam na *responsabilidad jurídica y económica* que o clube passaria a ter, uma vez que o clube catalão entrava na nova lei como uma exceção:

(...) es preciso señalar también las novedades que suponen las Disposiciones Adicionales. Por un lado, se contempla la posibilidad de una excepción en la transformación en Sociedades Anónimas Deportivas para aquellos clubes que estando participando ya en competiciones deportivas profesionales, **hayan demostrado una buena gestión con el régimen asociativo, manteniendo un patrimonio neto positivo durante los cuatro últimos ejercicios**. A estos clubes se les impone, en el caso de que opten por su transformación en Sociedad Anónima Deportiva, un régimen específico y personal de responsabilidad de los directivos que garantice la estabilidad económica de los clubes. Por otro lado, se modifica la Ley del IVA para favorecer el asociacionismo deportivo de base, recogiendo el espíritu

²¹⁸ *Idem*. Grifo nosso.

²¹⁹ *Idem*. Grifo nosso.

de la directiva europea y equiparando el régimen fiscal de los clubes aficionados españoles a sus homónimos comunitarios.²²⁰

Vale destacar que o patrimônio do clube estava avaliado, em 1989, em 2.900.000.000 pesetas. Mesmo com as receita do FC Barcelona sendo minimante maior que as despesas do clube, o patrimônio do clube era calculado a partir dos seu plantel, do centro de treinamento, do estádio, e no caso do FC Barcelona, de terrenos espalhados por cidades próximas à cidade de Barcelona. Sobre os terrenos, é importante destacar que Núñez possuía uma agência imobiliária²²¹ em conjunto com o seu filho, José Luis Núñez i Navarro, que curiosamente ocupava um cargo na Comissão Econômica. Era o filho do presidente um dos principais responsáveis pela compra e venda de terrenos em nome do clube catalão, como por exemplo, a venda dos terrenos de Viladecans e de Fabra Coats, e a compra de uma parcela da propriedade de Laietà.²²²

A receita do clube continuava crescendo, assim como a torcida do FC Barcelona. Na reunião do dia 7 de maio de 1990, a *Comissió Social i dels Actes Socials* informou que o clube contabilizava 26 novas *penyes* ativas, chegando ao total de 514, sendo que 248 estavam localizadas na Catalunha, 249 no resto da Espanha e 17 no exterior.²²³ Do outro lado, a Comissão Econômica registrava um incremento de 144 milhões de pesetas, em relação ao orçamento acordado em 31 de março de 1990. A Comissão não informou a origem desse dinheiro, mas isso possibilitou ao clube contratar o jogador Hristo Stoichkov.

O búlgaro havia sido o artilheiro e o campeão do Campeonato Búlgaro de 1990, atuando pelo CSKA Sófia. Stoichkov também havia recebido o prêmio de maior artilheiro do continente europeu (Chuteira de Ouro), prêmio que dividiu com o mexicano Hugo Sánchez, do Real Madrid. Em suma, o jogador búlgaro era um dos melhores jogadores europeus no início dos anos 1990.

Para o começo da temporada 1990-91, a Comissão Econômica anunciava um superávit de 611 milhões de pesetas, fruto das transações e empréstimos dos jogadores Valverde, Milla, Hierro, Roberto i Unzué. Além disso, a Comissão ressaltava a entrada de dinheiro proveniente do Tour no Japão, dos acordos televisivos.²²⁴ As contratações e vendas de jogadores não

²²⁰ Boletín Oficial del Estado. Agencia Estatal - Ministerio de la Presidencia - Gobierno de España. «BOE» núm. 249, de 17 de octubre de 1990, páginas 30397 a 30411. p. 30398. Grifo nosso.

²²¹ *Grupo Empresarial Inmobiliario Núñez y Navarro*.

²²² SANTACANA, Carles (dir.). *Barça, 110 anys fent història*. op. cit. p.189. & *Actas del Consell – 26/09/1988 al 03/09/1990*, 24 de outubro de 1988, s/p.

²²³ “Comissão Social e de Atos Sociais”. Tradução nossa. *Actas del Consell – 26/09/1988 al 03/09/1990*, 7 de maio de 1990, s/p.

²²⁴ *Actas del Consell – 26/09/1988 al 03/09/1990*, 3 de setembro de 1990, s/p.

significaram apenas um incremento aos cofres do clube, mas também que o projeto de reestruturação do futebol promovido pelo técnico Johan Cruyff estava em curso.

Em outubro de 1990, quando a *Ley del Deporte* foi oficializada, os conselheiros do FC Barcelona convocaram uma reunião para discutir o conteúdo da lei. A Comissão Jurídica ficou encarregada de estudar a lei, e só em dezembro de 1990 concluiu que a lei continha princípios que se chocavam com os interesses do clube, então ficou decidido pelo conselho não aceitar a proposta de tornar o clube em uma *Sociedad Anónimas Deportiva*, e sim em manter-se organizado como uma associação.²²⁵

Enquanto a *Ley* era discutida pela Comissão Jurídica, a Comissão Econômica anunciava que havia recebido uma proposta de uma empresa catalã de material esportivo, a Meyba, e que as negociações com a empresa I.T.C. sobre o novo acordo, no qual o FC Barcelona faria um tour pelo Japão, estavam adiantadas.²²⁶ O acordo com a empresa japonesa era uma forma do clube internacionalizar a sua marca, uma característica da globalização do futebol. Para se ter uma ideia, em 1991 a Comissão Social informou “la constituició de 12 noves penyes, de les qual 2 són a Catalunya i les altres 10 fora de Catalunya”,²²⁷ não consta em ata se essas 10 *penyes* estavam situadas na Espanha ou em outros países, mas vale lembrar que um ano antes, o clube contabilizava 17 *penyes* ao redor do globo. Um efeito prático do tour asiático do clube foi a constituição de uma *penya* na China, na cidade de Tianjin.²²⁸ Quanto ao número de sócios, o clube registrava, no ano de 1991, 100.197 sócios.²²⁹

Os primeiros anos da década de 1991 do FC Barcelona foram marcados pelo desenvolvimento do futebol, pela conquista de títulos, mas também pelo crescente volume de dinheiro que o clube conseguia arrecadar. Ao final da temporada 1990-91 tinha fechado as suas receitas no valor de 6.705.207 milhões de pesetas, ao passo que as despesas foram avaliadas em 6.363.331 milhões de pesetas, isso significava um superávit de 341.876 de pesetas. E para a temporada seguinte, o orçamento foi calculado em 6.388 milhões de pesetas, com variáveis conforme o desempenho da equipe nas competições e os acordos publicitários.²³⁰

Outra variável importante para o clube incrementar a sua renda era, como já foi mencionando, a venda de terrenos. Em julho de 1991 o Conselho autorizou a vende de parte

²²⁵ *Actas del Consell – 23/09/1990 al 21/03/1993*, 04 de outubro de 1990 e 03 de dezembro de 1990, s/p.

²²⁶ *Idem*.

²²⁷ “a constituição de 12 novas *penyes*, das quais 2 estão na Catalunha e a outras 10 fora da Catalunha.” Tradução nossa. *Actas del Consell – 23/09/1990 al 21/03/1993*, 11 de março de 1991, s/p.

²²⁸ *Actas del Consell – 23/09/1990 al 21/03/1993*, 11 de novembro de 1991, s/p.

²²⁹ Dados do número de sócios oferecidos pelo *Centre de Documentació i Estudis* do FC Barcelona.

²³⁰ *Actas del Consell – 23/09/1990 al 21/03/1993*, 1 de julho de 1991, s/p.

de um terreno em Sant Joan Despí, dos mais de 135 mil m² do terreno, o clube vendeu 50 mil m² ao preço de 2.000 milhões de pesetas.²³¹

Outra fonte de renda do clube vinha do distribuidor de material esportivo. O clube negociava com a empresa material esportivo, Meyba, quando recebeu uma oferta da empresa italiana Kappa. Nas atas os conselheiros não discutem valores, mas deixam entender que a empresa catalã fez uma oferta melhor ou igual²³² à empresa italiana. Três meses depois o clube oficializou o acordo com a Kappa.²³³ A escolha da empresa italiana em detrimento da empresa catalã para a produção e distribuição do material esportivo do FC Barcelona pode ser entendida como uma forma de internacionalizar a marca do clube, uma vez que a Kappa já era mundialmente reconhecida por distribuir uniforme nas três últimas décadas. A Kappa, ou qualquer outra empresa de material esportivo, oferecia ao clube não apenas um incremento financeiro em suas receitas, mais também visibilidade, pois é de responsabilidade da marca dar visibilidade à camisa do clube.

A conquista de títulos também era um fator importante para recheiar os cofres do clube, ainda mais com a conquista da maior competição do continente europeu. Em 1992, o FC Barcelona conquistou o título da Liga dos Campeões da Europa, uma competição que além de dar prestígio aos clubes vencedores, colocava-os entre os maiores clubes do mundo, ajudando assim na visibilidade global. É importante destacar que, o vencedor desta competição enfrentava, em jogo único, o campeão da Copa Libertadores da América, em jogo realizado no Japão. Apesar da dimensão global do jogo, um clube europeu enfrentando um clube da América do Sul em território asiático, para os clubes europeus a conquista continental significava maior prestígio em dimensão global.

Mesmo com uma receita minimamente equilibrada e crescente, o presidente Núñez se preocupava com a proporção que o futebol havia atingido:

[...] el President inicia una àmplia reflexió sobre el futur dels Clubs de futbol, en general, i del F.C. Barcelona, en particular. El President fa avinent que, fins ara, s'han pogut anar compensant els creixements desproporcionats del futbol i dels altres esports, a base d'una política d'increment constant dels ingressos, en especial el indirectes, que ha assolit quase el 50% dels totals, compaginant-ho amb un moderat augment de les quotes de socios i abonaments, que són molt inferiors a la mitjana dels altres Clubs d'Espanya i d'Europa.²³⁴

²³¹ *Actas del Consell – 23/09/1990 al 21/03/1993*, 15 de julho de 1991, s/p.

²³² *Actas del Consell – 23/09/1990 al 21/03/1993*, 11 de novembro de 1991, s/p.

²³³ *Actas del Consell – 23/09/1990 al 21/03/1993*, 13 de janeiro de 1992, s/p.

²³⁴ “Presidente inicia uma ampla reflexão sobre o futuro dos clubes de futebol, em geral, e do F. C. Barcelona, em particular. O Presidente lembra que, até agora, têm sido compensado o crescimento desproporcional do futebol e dos outros esportes, com base em uma política de aumentar as receitas constantes, especialmente as [receitas] indiretas, que atingiu quase 50% do total, combinando-a com aumento moderado das em taxas e

Todavia, mesmo mostrando-se preocupado, Núñez se sentia aliviado de ser uma exceção à *Ley del Deporte*:

Aquesta política, acompanyada d'un enfortiment patrimonial de tanta solidesa que fins i tot ens ha fet estar eximits d'aportar els avals previstos a la "Ley del Deporte", ha conduit a una esplèndida realitat actual, de la qual la Junta es pot sentir legitimament orgullosa.²³⁵

No entanto, toda essa inserção no mercado da bola, seja via conquista de títulos (principalmente o da Copa de Europa), seja pelo aumento das receitas do clube como investimentos indiretos, tinha um ônus. Para manter-se nesse mercado, o clube precisava passar por mudanças na estrutura do seu estádio, atendendo uma exigência UEFA²³⁶, que previa a instalação assentos em todo o estádio, que diminuiria no número total de lugares. Porém, como cada assento no estádio era de propriedade de um sócio, ou de um sócio que havia adquirido o carnê da temporada, a reestruturação ia de encontro aos interesses do clube.

É importante lembrar que, mesmo com o título europeu, o FC Barcelona registrou, nos anos de 1992, 1993 e 1994, um decréscimo no número de sócios, passando para cerca de 95 mil.²³⁷ O fato é curioso, pois mesmo com uma baixa em associações, o clube catalão registrava um aumento na média de público no *Camp Nou*. Uma explicação possível para essa contração no número de associados é a política de aumento sobre a assinatura de sócio que Núñez implantou após vencer as eleições em 1989. Por outro lado, o aumento de espectadores no estádio pode ser entendido pela forma como a equipe comandada por Cruyff jogava, isto é, um futebol ofensivo e goleador, o que motivava o público a ir ao estádio ver o espetáculo promovido pelo FC Barcelona. Os conselheiros registraram esse crescimento do público nas atas: "favorable tendència de les recaptacions de billetatge per l'afluència de public, a causa de la bona marxa esportiva del primer equip".²³⁸

A solução apresentada para acatar as exigências da UEFA, e ainda assim aumentar o número de cadeiras no estádio, veio com a seguinte proposta: rebaixar o campo pelo menos

assinaturas de sócios, que são muito mais baixos do que a média de outros clubes em Espanha e na Europa." Tradução nossa. *Actas del Consell – 23/09/1990 al 21/03/1993*, 2 de outubro de 1992, s/p.

²³⁵ Esta política, em conjunto com um reforço da equidade tão sólida que, ao fim e ao cabo, nos fez ficar isentos das garantias previstas na 'Ley del Deporte', o que nos levou a uma esplèndida realidade presente, do qual o Conselho pode sentir legitimamente orgulhoso." Tradução nossa. *Actas del Consell – 23/09/1990 al 21/03/1993*, 2 de outubro de 1992, s/p.

²³⁶ União das Federações Europeias de Futebol, do inglês *Union of European Football Associations*.

²³⁷ Dados do número de sócios oferecidos pelo *Centre de Documentació i Estudis* do FC Barcelona.

²³⁸ "favorável tendência de recepção com bilheteria pelo afluxo de público, causado pela boa sequência esportiva da primeira equipe". Tradução nossa. *Actas del Consell – Temporada 1993-94*, 8 de novembro de 1993, s/p.

três metros, a fim de criar mais assentos no anel inferior, isso removeria o foço que separava a arquibancada do campo. Com tais mudanças, estimava-se que mais ou menos 7.000 novos lugares fossem criados. Por outro lado, o gasto girava em torno de 700 milhões de pesetas. Ainda assim, os novos assentos não atenderiam a todos os pedidos dos sócios por assentos no estádio, como foi informado pelo secretário Josep M. Antràs.²³⁹ Apesar de não atender às demandas de todos os sócios, o presidente Núñez se mostrou favorável à proposta, argumentando que aproximaria os torcedores do gramado e lembraria “l’esperit de l’antic camp de Les Corts”.²⁴⁰

Aproveitando as obras no estádio, o clube ampliou as tribunas, acrescentou assentos em todos os anéis e setores do estádio, ampliou e remodelou o museu do clube (que ficava nas dependências do estádio) e construiu a loja do clube (que seria de responsabilidade da Kappa).²⁴¹ Os valores não foram informados nas atas.

Para a temporada 1993-1994, o clube passou por uma mudança na forma gestão. Após as eleições de 1993 em que Núñez se reelegeu, foram organizadas novas comissões dentro do Conselho. Destaque para a *Comissió Gestora de la Fundació, Comissió d’Operacions i Marketing, Comissió d’Imatge i Comunicació* e *Comissió del Centenari*.²⁴² A organização de uma comissão de marketing e uma de imagem mostrava um caráter empresarial na organização do FC Barcelona. Com essa estrutura, ficou comum o pedido para as Comissões Econômica e de Patrimônio para capitalizarem recursos e buscarem patrocinadores e/ou investidores para apoiar a Fundação FCB.

A Comissão de Marketing dava conta de informar os conselheiros sobre as negociações e os contratos com os “sponsors”²⁴³ do clube. Acordos com as redes televisivas *Canal +* e *TV3*, com a *Banca Catalana*²⁴⁴ e com o governo de Andorra. Além disso, a Comissão também informava, com tom de preocupação, a Comissão de Imagem: “la tasca que es fa al Club per rendabilitzar els productes llicenciats, dels que utilitzen indegudament les marques del Club”.²⁴⁵

²³⁹ *Actas del Consell – Temporada 1993-94*, 20 de dezembro de 1993, s/p.

²⁴⁰ “o espírito do antigo campo e Les Corts”. Tradução nossa. *Idem*.

²⁴¹ *Actas del Consell – Temporada 1993-94*, 5 de abril de 1993, s/p.

²⁴² “Comissão Gestora da Fundação, Comissão de Operações e Marketing, Comissão de Imagem e Comunicação e Comissão do Centenário”. Tradução nossa. *Actas del Consell – Temporada 1993-94*, 1 de fevereiro de 1993, s/p.

²⁴³ Do inglês “patrocinadores”, termo utilizado pelos dirigentes do clube.

²⁴⁴ O banco era responsável pela impressão dos carnês e do recebimento do pagamento dos novos associados. Além disso, era responsabilidade da *Banca Catalana* a comercialização das novas cadeiras do estádio Camp Nou.

²⁴⁵ “informa o trabalho do clube em rentabilizar os produtos licenciados, que utilizam indevidamente as marcas clube”. Tradução nossa. *Actas del Consell – Temporada 1993-94*, 10 de maio de 1993, s/p.

Em meados de 1994 a Comissão Econômica elogiava o trabalho da Comissão de Marketing e de Imagem, pois graças ao trabalho das duas comissões, o FC Barcelona havia registrado um aumento significativo da receita do clube: “l’increment d’ingressos per la comercialització i el llicenciament de la imatge i els símbols del Club, que s’han duplicat respecte al pressupost”.²⁴⁶ De fato, para a temporada 1994-1995, o orçamento previsto pelo clube era de 7.895 milhões de pesetas,²⁴⁷ o maior até então registrado pelo clube.

O sucesso da primeira equipe nos gramados espanhóis, e europeus, fez com que o clube retomasse a marca de mais de 100 mil sócios, e chegasse a mais de 900 *penyes* espalhadas pelo globo.²⁴⁸ Na reunião do dia 6 de fevereiro de 1995 foi informada a constituição da *penya* de número 900, além disso, estavam previstas mais duas novas *penyes*, uma na Suécia e outra em Paris, na França. Mais tarde, naquele ano, a Comissão Social do clube informou a constituição de uma *penya* na República do Tajiquistão.²⁴⁹ Ao final daquele ano a Comissão contabilizou todas as *penyes* e a sua distribuição, das 963 registradas, 369 estavam localizadas na Catalunha, 553 no resto da Espanha e 41 no exterior.²⁵⁰

Todavia, vale lembrar que nos primeiros meses do ano de 1995 a equipe de futebol passava por problemas, o jogador brasileiro Romário deixara o clube em janeiro daquele ano, o búlgaro Stoichkov enfrentava problemas de relacionamento com o técnico Cruyff, a sequência de resultados ruins foi pauta de algumas reuniões. Em uma delas, o presidente Núñez informou que confiava na atual linha de trabalho, pois o clube havia conquistado grandes resultados nas últimas temporadas. Núñez também lembrou que o atual comando técnico, isto é, Johan Cruyff, tinha o respaldo dos sócios e dos torcedores. Por fim, declarou que a Comissão de Futebol Profissional já estava estudando uma remodelação do plantel para a próxima temporada.²⁵¹

A temporada conturbada levou o Conselho a decidir por rescindir o contrato com técnico Cruyff, alegando que em abril de 1996, em uma reunião entre o treinador e a Comissão de Futebol Profissional foi constatado “la inexistència d’un projecte seriós de futur, van motivar la pèrdua total de confiança”, que as contratações sugeridas pelo técnico holandês

²⁴⁶ “o incremento da receita, pela comercialização e licenciamento da imagem e dos símbolos do Clube, dobraram em relação ao orçamento”. Tradução nossa. *Actas del Consell – Temporada 1993-94*, 7 de março de 1994, s/p.

²⁴⁷ Pressupost Temporada 1994-1995. *Actas del Consell – Temporada 1993-94*, 4 de julho de 1994, s/p.

²⁴⁸ Dados das *penyes* e do número de sócios oferecidos pelo *Centre de Documentació i Estudis* do FC Barcelona.

²⁴⁹ *Actas del Consell – Temporada 1994-95*, 6 de fevereiro de 1995; *Actas del Consell – Temporada 1995-96*, 2 de outubro de 1995, s/p.

²⁵⁰ *Actas del Consell – Temporada 1995-96*, 21 de dezembro de 1995, s/p.

²⁵¹ *Actas del Consell – Temporada 1994-95*, 3 de abril de 1995, s/p.

“varem fer el ridícul” e que “no eren jugadors transferibles”,²⁵² isto é, não eram jogadores que permitiriam ao clube receber uma boa quantia em dinheiro em futuras transações.

Nessa mesma reunião, o presidente sugeriu o técnico inglês Bobby Robson e seu auxiliar José Mourinho. E para esse “nou projecte del Club”²⁵³ o Conselho oficializou a contratação de três novo jogadores, o espanhol Luis Enrique, o argentino Juan Antonio Pizzi e o francês Laurent Blanc.

Além dos problemas gerados pela equipe principal de futebol, o Conselho também discutia o uso indevido da imagem e dos símbolos do clube. A Comissão de Marketing recorria à Comissão Jurídica, que auxiliava nas denúncias “d’infraccions, frauds, falsificacions i imitacions i ús no autoritzats per part de tercers”,²⁵⁴ para isso, as comissões usavam como base a Legislação espanhola. Em dezembro de 1996 o Conselho se reuniu para discutir meios de proteção aos símbolos e à marca do FC Barcelona.

Outra preocupação que reapareceu como pauta das reuniões foi a relação do clube com o *Ministerio de Hacienda*. Mais uma vez o fisco espanhol questionava a declaração do imposto de renda dos direitos de imagem de jogadores e do técnico. A Comissão Econômica informou que o clube estava dentro da lei e honrando os seus compromissos com o *Ministerio de Hacienda*, já o presidente Núñez alegava que essa novas denúncias eram uma “persecució de la qual es objecte el nostre Club.”²⁵⁵ As escusas de Núñez eram uma forma de não pagar os impostos do Governo Espanhol, considerados abusivo. E de fato, a prática de sonegação fiscal se tornou comum no FC Barcelona, desde a chegada de Núñez a presidência do clube. No final dos anos 1980, o caso dos contratos duplos era uma forma de escapar das taxações da receita, e em 1992, Núñez foi contra a Ley de Deportes, que transformou os clubes em empresas.

As redes televisivas passaram a ter protagonismo na vida econômica dos clubes, tal cenário preocupava o presidente Núñez. O presidente afirmava que o FC Barcelona necessitava “mantenir el protagonisme i la plena autonomia del Club en la defensa dels nostres interessos”.²⁵⁶ A crítica de Núñez pode ser entendida como a formulação dos

²⁵² “a inexistência de um projeto sério para o futuro levou à perda total de confiança”; “fizeram o ridículo”; “os jogadores não eram transferíveis”. Tradução nossa. *Actas del Consell – Temporada 1994-95*, 10 de junho de 1995, s/p.

²⁵³ “novo projeto do Clube”. Tradução nossa. *Idem*.

²⁵⁴ “infrações, fraudes, falsificações, imitações e uso não autorizado por terceiros”. Tradução nossa. *Actas del Consell – Temporada 1996-97*, 4 de novembro de 1996, s/p.

²⁵⁵ “perseguição da qual o objeto era o nosso Clube”. Tradução nossa. *Actas del Consell – Temporada 1996-97*, 4 de novembro de 1996, s/p.

²⁵⁶ “manter o protagonismo e a plena autonomia do clube na defesa de nossos interesses.” Tradução nossa. *Actas del Consell – Temporada 1996-97*, 7 de abril de 1997, s/p.

primeiros argumentos para a criação da *Barça TV*, uma vez que o presidente do clube terminou a sua intervenção dizendo que o “F.C. BARCELONA, amb els seus socis, és un potencial que s’ha de mantenir i valorar de cara a les T.V.”.²⁵⁷

Em meados de 1997 o clube começou a organizar as próximas eleições. Respeitando o estatuto do clube, os Conselheiros formaram a Comissão Eleitoral. Visando alcançar o maior número de sócios, o Conselho decidiu divulgar as eleições nos principais periódicos da Catalunha: o *Avui*, *La Vanguardia*, *El Periódico*, *Sport* e *El Mundo Deportivo*. De todos os periódicos escolhidos, o *El País*, de repercussão nacional em toda Espanha, era o único que não era catalão.

Terminada a temporada 1996-1997, o presidente parabenizou os jogadores e o técnico pela conquista da *Copa del Rey* contra o Real Betis Balompié, também agradeceu os torcedores e os sócios que acreditaram e apoiaram o time durante a campanha. Por fim, Núñez agradeceu

(...) la Real Federació Espanyola de Fútbol, responsable a la final a Madrid, per l’encert i la eficàcia de l’organització, i per la sensibilitat d’haver introduït el català a la megafonia de l’estadi del Real Madrid, em haver difós reiteradament, després de la victòria, l’himne del F.C. BARCELONA, el qual va ser cantat i celebrat pels milers de Barcelonistes que s’hi van aplegar.²⁵⁸

Mais do que um agradecimento à Federação Espanhola, a fala de Núñez possui um tom de provocação ao maior rival, o Real Madrid, uma vez que o clube da capital teve que ver o FC Barcelona ser campeão em seu estádio, além disso, toda a comunicação com o público foi feita em catalão, e por fim, o hino do clube catalão foi tocado em comemoração ao título.

Para a temporada seguinte, o FC Barcelona calculava o seu orçamento em 12.434 milhões de pesetas, que segundo a Comissão Econômica, representava “un increment del 25% respecte al pressupost de la temporada passada”.²⁵⁹ O presidente da Comissão Econômica, Núñez i Navarro, lembrou aos outros conselheiros que o orçamento da temporada 1997-98, como sempre, poderia sofrer variações, pois “depenen de la trajectòria dels equips esportius del Club en les diferents competicions”.²⁶⁰

²⁵⁷ “FC Barcelona, com os seus sócios, e um potencial que deve se manter e valorizar diante das TVs.”. Tradução nossa. *Idem*.

²⁵⁸ “(...) a Real Federació Espanyola de Fútbol, responsável pela final em Madrid, pelo sucesso e eficácia da organização, e pela sensibilidade de introduzir o catalão nos megafones do estádio do Real Madrid, por ter difundido reiteradamente, depois da vitória, o hino do FC BARCELONA, o qual foi cantado e celebrado pelos milhares de Barcelonista que ali se reuniram.”. Tradução nossa. *Actas del Consell – Temporada 1996-97*, 1 de julho de 1997, s/p.

²⁵⁹ “um aumento de 25% com relação ao orçamento da temporada passada”. Tradução nossa. *Idem*.

²⁶⁰ “dependem da trajetória das equipes esportivas do Clube nas diferentes competições”. Tradução nossa. *Idem*.

No dia 30 de julho de 1997, o Conselho do clube se reuniu para fazer o balanço final das eleições realizadas três dias antes. A Comissão Eleitoral informou que dos 91.587 sócios aptos a votar apenas 31.485, ou 34.38% dos sócios votantes, compareceram às urnas. Desse total, 31.127 foram votos válidos, já que 358 sócios anularam seu voto. Dos votos válidos, 24.025 foram para Núñez, correspondente a 76.31% do total, 5.209 foram para a candidatura de Àngel Fernández i Simón, com 16,54%, e 1.893 dos sócios votaram em branco.²⁶¹ Deste modo, Josep Luíz Núñez se reelegera mais uma vez.

Um dos primeiros atos de Núñez após a sua reeleição foi a realização de um discurso para os conselheiros, no qual se mostrava preocupado com a mercantilização do futebol.

El President s'endinsa en l'anàlisi de la problemàtica dels Clubs Esportius i, fonamentalment, els de futbol, per tal de fixar les línies d'actuació futura de la gestió de la nova Junta. Demana un esforç de reflexió sobre la incidència del món econòmic en el món de l'esport, i les repercussions que això suposa. No es tracta solament que el cost de l'activitat esportiva professional d'alt nivell s'ha disparat, la qual cosa exigeix cercar constantment nove fonts de finançament, tal com hem estat fent fins ara, sinó d'un fenomen més transcendent, com és el que l'esport s'ha convertit en l'objecte de grans activitats negocials. La televisió o la premsa gràfica esportiva, les grans marques de roba esportiva, els "sponsors", etc., estan disposats a fer grans inversions al món de l'esport, perquè el necessiten, i aquesta circumstància posa em perill l'autonomia dels Clubs. Aquest fenomen s'ha agreujat amb la conversió dels Clubs en Societats Mercantils, la qual cosa els fa ser més permeables a les tècniques de control de les seves decisions, amb la presa de posicions accionarialis dins dels Clubs, per persones interposades.²⁶²

A intervenção do presidente gerou um grande debate entre os conselheiros, mas poucas informações foram transcritas nas atas. Entretanto, a conclusão deste debate foi transcrita:

La conclusió final que proposa el President és que hem de ser molt conscients de la responsabilitat que escau a la Junta actual respecte al futur del nostre Club, i que cal posar una gran imaginació per enfrontar-se als desafiaments que tindrem, fixant com a fita final mantenir la independència del Club.²⁶³

²⁶¹ *Actas del Consell – Temporada 1996-97*, 30 de julho de 1997, s/p.

²⁶² "O Presidente introduz uma análise da problemática dos Clubes Esportivos e, fundamentalmente, os de futebol, determinar a direção futura da gestão do novo Conselho. Solicita um esforço de reflexão sobre o impacto do mundo econômico no mundo esportivo, e as consequências que isso implica. Não se trata apenas o custo da atividade esportiva profissional de alto nível, que aumentaram, o que requer constantemente a procura por novas fontes de financiamento, como estamos fazendo até agora, mas há um fenômeno que transcende, como é o esporte que se tornou objeto de grandes atividades econômicas. A televisão ou imprensa gráfica esportiva, as grandes marcas esportivas, os patrocinadores, etc., estão dispostos a fazer grandes investimentos no mundo do esporte, porque eles necessitam, e isso coloca em perigo a autonomia do Clube. Este fenômeno se agravou com a conversão dos Clubes em Sociedades Mercantis, o que os tornam mais suscetíveis às técnicas de controle de suas decisões, como a participação de acionistas dentro dos clubes, por intermediários." Tradução nossa. *Actas del Consell – Temporada 1997-98*, 27 de setembro de 1997, s/p.

²⁶³ "A conclusão proposta pelo Presidente é que o Clube deve ser muito consciente da responsabilidade, que recai sobre o atual Conselho, a respeito do futuro do Clube, e cabe ter uma grande imaginação para enfrentar os desafios que temos, fixando como meta final manter a independência [financeira] do Clube." Tradução nossa. *Idem*.

No mês seguinte, o presidente cobrou dos conselheiros alternativas para “manter a independència del Club”, como resposta obteve a possibilidade de entrar no mercado financeiro, de explorar a imagem do clube com merchandising e de abrir um canal próprio de televisão, a *Barça TV*.²⁶⁴ Em outras palavras, o clube estava buscando uma independência econômica, sem se atrelar a nenhum sócio majoritário ou entrar no mercado financeiro. Por outro lado, o discurso era a valorização dos sócios, estes tidos como os verdadeiros donos do clube. Com exceção da possibilidade de entrar no mercado financeiro, isto é, comercializando ações do clube na bolsa de valores, as outras duas propostas podem ser entendidas como formas de explorar ainda mais os símbolos do clube, e no caso da criação de um canal próprio de televisão, uma forma de difundir a imagem do clube.

Ao final daquele ano, a Comissão Social registrava a marca de 1165 *penyes*, sendo que a mais recente oficializada pelo clube se encontrava na República Dominicana.²⁶⁵ Quanto ao número de sócios, o clube contabilizava mais de 103 mil associados.²⁶⁶ Tanto o número de sócios, quanto o de *penyes*, eram os mais altos registrados pelos FC Barcelona até então. Segundo o presidente, essa “masa de seguidors”, atestava “la transcendència que representa a l’àmbit del Club”.²⁶⁷

Não consta nas atas, mas a bibliografia dá conta que no final de 1997 o clube negociava com a Nike, empresa de material esportivo, para vestir o futebol do FC Barcelona. O grupo opositor de Núñez denunciou desvio de dinheiro, o *Elefant Blau* considerava “que Núñez ha utilizat fonts de finançament destinades a futurs exercicis, com só els ingressos per l’acord amb la firma de roba esportiva Nike i amb la televisió”.²⁶⁸

É curioso notar que a empresa americana, até aquele ano, não trabalhava com futebol, na verdade o público alvo e o mercado da Nike era o basquete, sobretudo nos EUA. A escolha de patrocinar o FC Barcelona, e o aceite da proposta da Nike pelo clube, mostra o quanto o clube estava disposto a expandir sua imagem ao redor do mundo, e o quanto a empresa de material esportivo estava disposta a diversificar o seu mercado.

Em dezembro de 1997, o presidente pedia aos conselheiros que verificassem com muito cuidado a situação econômica do clube, e assim, pediu para que analisassem “la posició del Club en el món de l’esport, en general, i en el de l’esport professional”, e que o clube

²⁶⁴ *Actas del Consell – Temporada 1997-98*, 20 de outubro de 1997, s/p.

²⁶⁵ *Actas del Consell – Temporada 1997-98*, 3 de novembro de 1997, s/p.

²⁶⁶ Dados sobre o número de sócios oferecidos pelo *Centre de Documentació i Estudis* do FC Barcelona.

²⁶⁷ “massa de torcedores”; “a transcendència que representa o contexto do Clube”. Tradução nossa. *Actas del Consell – Temporada 1997-98*, 3 de novembro de 1997, s/p.

²⁶⁸ “que Núñez utilizou fontes de financiamento destinadas à investimetnos futuros, como é o caso dos ingressos do acordo com empresa de material esportivo Nike e com a televisão”. Tradução nossa. BARNILS, Ramon. *et al. Història crítica del Futbol Club Barcelona (1899-1999)*. *op. cit.* p.366.

precisava ser imaginativo e criativo para obter mais investimentos²⁶⁹. No mesmo dia, a Comissão Jurídica informava aos demais conselheiros o *Voto de Censura* realizado pelos sócios Sebastià Roca i Roquer e Joan Laporta i Estruch, contra o presidente e a Junta Diretiva. Os dois sócios representavam a oposição de Núñez dentro do clube e faziam parte do *Elefant Blau*, um grupo que conseguiu reunir mais de seis mil assinaturas para questionar, principalmente, a política econômica da atual Junta Diretiva e a possibilidade do clube se tornar uma *Societat Anònima Deportiva*.

Segundo o estatuto do FC Barcelona, para fazer um *Voto de Censura* era necessário ser sócio do clube, reunir pelo menos 15% dos sócios, apresentar a denúncia em uma Assembleia Geral de Sócios. Após a denúncia feita, seria constituído a *Mesa del Vot de Censura*, na qual contaria com pelo menos dois sócios denunciantes, dois membros da Junta Diretiva, indicados pelo Conselho, e um delgado da *Federació Catalana de Futbol*, que assumiria o posto de presidente da mesa. O papel da Mesa era analisar e determinar a validade das denúncias. Caso fosse validada, a Mesa convocaria eleições para decidir, junto aos sócios, se o Voto de Censura era válido ou não, com 50% mais um dos votos válidos a Junta Diretiva deixaria o cargo, caso contrário, o Voto seria cancelado.²⁷⁰

A denúncia feita por Joan Laporta incomodou profundamente os membros do Conselho, especialmente porque Laporta fizera parte da chapa perdedora nas eleições celebradas em julho de 1997. O conselho entendia o Voto de Censura como uma forma de impugnar as eleições, ou na palavra de Antràs:

El Vot de Censura es fonamenta en tres causes: un suposta manyspreu a la cultura democrática i a la catalanitat del Club; el que es qualifica d'“erràtiques” desicions en el terreny esportiu; i la “inquietude” per la manca d’informació sobre la situació econòmica real del nostre Club, que diuen no voler veure convertit en una Societat Anònima.²⁷¹

Antes mesmo da fala do conselheiro, outros se manifestaram a favor de dar continuidade no Voto de Censura, a única preocupação apresentada era com relação aos efeitos negativos que a denúncia poderia causar na governabilidade do clube. Além disso,

²⁶⁹ “a posição do Clube no mundo dos esportes, em geral, e no dos esportes profissionais”. Tradução nossa. *Actas del Consell – Temporada 1997-98*, 15 de dezembro de 1997, s/p.

²⁷⁰ Ver *Estatuts del Futbol Club Barcelona - Juliol, 1992*, p. 42-44. Disponibilizado pelo *Centre de Documentació i Estudis* do FC Barcelona.

²⁷¹ “O Voto de Censura é fundamentado em três causas: um suposto menosprezo à cultura democrática e a catalanidade do Clube; o que se qualifica em decisões “errôneas” no terreno esportivo; e a “inquietação” pela falta da informação sobre a real situação econômica do nosso Clube, que dizem não querem ver converte-lo em uma Sociedade Anônima.”. Tradução nossa. *Actas del Consell – Temporada 1997-98*, 15 de dezembro de 1997, s/p.

outros se mostraram a favor da legalidade, isto é, de que o estatuto do clube fosse respeitado, ainda que considerassem falsas as denúncias.

Outro argumento era de que justificativa usada pelos conselheiros era de que a votação mostraria o quanto os sócios acreditavam e apoiavam a atual Junta Diretiva. É bem verdade que Núñez sempre usou de certo populismo para manter-se no poder, e dessa vez não foi diferente.²⁷² O presidente marcou as eleições para horas antes do clássico contra o Real Madrid, a lotação máxima, por conta do jogo, levaria o maior número de sócios à zona eleitoral que ficava no *Mini Estadi*, anexo ao Estádio Camp Nou, local do jogo. Com 14.358 votos a favor do grupo *Elefant Blau*, o Voto de Censura foi derrotado, e Núñez confirmou o seu posto de presidente obtendo dois terços dos votos válidos. Em campo, o FC Barcelona venceu o clássico por 3 a 0, corroborando ainda mais a força de Núñez.

Até entre os seus conselheiros o presidente lançava mão de seu populismo, após um longo discurso falando sobre as adversidades da temporada, inclusive dando ênfase no Voto de Censura, Núñez terminou a sua fala parabenizando os demais pela “feina ben feta que està cristal.litzant en una Temporada esportiva excepcional”.²⁷³ A referência ao sucesso da temporada não era apenas ao futebol, mas também ao hóquei e ao handball. A equipe principal de futebol havia ganhado a *Copa del Rey* e a Liga, a de hóquei a Copa Intercontinental, e a de handball a Copa da Europa.

O sucesso da temporada 1997-98 também se refletia no crescimento da torcida. A Comissão Social contabilizava 1.224 *penyes*, sendo que as mais recentes eram em Tel Aviv, em Israel e em Cuba. Vale lembrar que o país caribenho possuía uma grande comunidade catalã que fora para aquele país na guerra de independência, ainda no século XIX²⁷⁴.

Ao final daquela temporada o clube registrou a entrada de 15.636 milhões de pesetas, ao passo que as despesas eram no valor de 15.056 milhões. A Comissão Econômica destacava que houve um crescimento inesperado nas receitas do clube, fruto das “noves technologies audiovisuals” que possibilitaram “nou contracte per retransmissions en sistema *Pay per view*”.²⁷⁵ A Comissão também destacava o crescimento no número de visitantes no museu do clube, assim como nas vendas de produtos licenciados pelo FC Barcelona que eram comercializado na loja anexa ao museu. Por último, a venda de quatro jogadores (Ronaldo,

²⁷² Atualmente a expressão “nuñismo” é usada por alguns jornalistas e torcedores, para designar o caráter populista de candidatos, ou até mesmo o atual presidente, em suas propostas.

²⁷³ “pelo trabalho bem feito que està cristalizado em uma Temporada esportiva excepcional.”. Tradução nossa. *Actas del Consell – Temporada 1997-98*, 14 de abril de 1998, s/p.

²⁷⁴ A Guerra de Independência Cubana (1895–1898).

²⁷⁵ “novas tecnologias audiovisuais”; “novos contratos de retransmissão em sistema *Pay per view*”. Tradução nossa. *Actas del Consell – Temporada 1997-98*, 2 de julho de 1998, s/p.

Popescu, Blanc, Quique Martin) também possibilitou um aumento na receita do clube. Para a temporada 1998-1999 a Comissão Econômica previa um orçamento de 14.921 milhões de pesetas, todavia, acreditava que esse valor iria ser maior, uma vez que o FC Barcelona esperava receber investimentos ao longo da comemoração de seu centenário.

Em agosto de 1998 o FC Barcelona realizou o *Congrés de Penyes*, que na avaliação do presidente, as *penyes*:

(...) foranes són, arreu d'Espanya i del món, un focus de barcelonisme i, ensems de catalanitat. El privilegi de tenir més de 700 nuclis vius de barcelonistes a grans ciutats o petites viles, a indrets molt allunyats de Catalunya, és sovint el millor nexxe de comprensió i enteniment dels pobles a través de l'esport o l'afecció a la simbologia del BARÇA.²⁷⁶

Naquele mesmo mês começaram os primeiros atos em comemoração ao centenário do clube. Na maioria dos casos, os eventos relacionavam a história do clube com cultura catalã, alguns com patrocinadores, como por exemplo, o caso do banco catalão, *La Caixa*, que patrocinou uma exposição. Além disso, o centenário do clube contava com a criação de um hino próprio para o evento, um logotipo, uma exposição de artes no museu do clube, uma mascote, a criação de medalhas e insígnias comemorativas, livros oficiais do centenário. E o maior evento promovido pelo clube era o *Partit del Centenari*,²⁷⁷ entre o FC Barcelona e a Seleção Brasileira.

Nas atas não constam os motivos pela escolha da Seleção Brasileira para o jogo comemorativo do aniversário do clube, mas é possível tecer duas hipóteses, uma delas diz respeito à Nike. Não é possível afirmar que houve um acordo ou um contrato entre a empresa de material esportivo, a Confederação Brasileira de Futebol e o FC Barcelona, mas fato é que tanto o clube catalão quanto a Seleção Brasileira tinham a Nike como fornecedora de material esportivo. A segunda hipótese, que não exclui a primeira, é que dentro do desejo de internacionalização da marca do clube (que poderia passar pelas mãos da Nike) a escolha da Seleção Brasileira pode ser vista como mais um exemplo desse impulso por conquistar uma dimensão global. Vale lembrar que a Seleção havia sido campeã do mundo em 1994 e vice em 1998, naquele ano, o Brasil contava com dois dos melhores jogadores do mundo, Ronaldo e

²⁷⁶ “(...) estrangeiras são, ao redor da Espanha e do mundo, um foco de barcelonismo e, de catalanidade. O privilégio de ter mais de 700 núcleos vivos de barcelonismo em grandes cidades ou em pequenas vilas, em lugares remotos da Catalunha, é o melhor nexxe de compreensão e entendimento dos povos através do esporte ou afeição à simbologia do Barça.”. Tradução nossa. *Actas del Consell – Temporada 1998-99*, 2 de setembro de 1998, s/p.

²⁷⁷ “Jogo do Centenário”. Tradução nossa.

Rivaldo, sendo que Ronaldo vestira a camisa do clube na temporada 1996-1997, e Rivaldo era um dos principais jogadores do FC Barcelona.

Em suma, o centenário do FC Barcelona foi uma ótima forma do clube explorar a sua imagem dentro da Catalunha, da Espanha, mais também ao redor do globo, pois a Comissão do Centenário organizou desde atos que dialogavam diretamente com a dimensão local do clube, quanto atos que exploravam a grandiosidade global do FC Barcelona. Economicamente falando, o centenário também serviu para arrecadar grandes quantias com o licenciamento de diversos produtos que levassem o escudo, as cores ou o nome do FC Barcelona.

A Comissão Econômica fez uma profunda reflexão sobre a posição do FC Barcelona no cenário mundial do futebol, lembrando os demais conselheiros:

(...) que la nostra Institució, per les seves pròpies característiques, i per haver mantingut el principi de la independència enfront de les incursions del grans grups econòmics, és més vulnerable. La presència a Espanya i a Europa d'un Club de primera línia com el nostre, en el qual es defensa una estructura social no mercantilitzada, associativa i participativa, i que rebutja expressament convertir-se en una Societat Anònima, és un model que molesta i no encaixa, i això ens fa ser un objecte cobejat pels de dins i els de fora. Ens voldrien veure imersos en un mercat obert, on els grans grups econòmics poguessin intervenir-nos per la força de les seves inversions, i això és impossible amb una estructura associativa com l'actual.²⁷⁸

Além disso, a Comissão criticou os opositores que fizeram o Voto de Censura, alegando que nunca houve a intenção do clube em se tornar uma Sociedade Anônima, e também reiterou que o presidente tinha a confiança dos sócios. Apesar de a Comissão Econômica dizer que o FC Barcelona não possuía uma estrutura social mercantilitzada, pelo que foi demonstrado até aqui, é possível dizer que ainda que se organizasse em forma de associação, o FC Barcelona estava inserido no mercado mundial do futebol. Como bem aponta Richard Giulianotti, no final do ano de 1997, o FC Barcelona estava entre os cinco clubes europeus que mais movimentavam dinheiro, algo em torno de 40 milhões de libras esterlinas.²⁷⁹ Em janeiro de 1999, foi anunciado pelo presidente um superávit 600 milhões de pesetas, que segundo Núñez era uma demonstração de que saúde financeira do clube,²⁸⁰ o que de certa

²⁷⁸ “(...) a nossa Instituição, pelas suas próprias características, e por manter o princípio de independência contra as incursões de grandes grupos econômicos, é mais vulnerável. A presença na Espanha e na Europa de um Clube de primeira linha como o nosso, em que defende uma estrutura social não mercantilitzada, associativa e participativa, e que se recusa expressamente a converter-se em uma Sociedade Anônima, é um modelo que incomoda e não se encaixa, e assim, isso nos torna um objeto cobiçado pelos de dentro e de fora. Nós poderíamos nos ver imersos em um mercado aberto, onde grandes grupos econômicos poderiam interferir com o seu poder de investimento, o que é impossível com uma estrutura social associativa como a atual.”. Tradução nossas. *Actas del Consell – Temporada 1998-99*, 9 de novembro de 1998, s/p.

²⁷⁹ Valores dados por Richard Giulianotti em: GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. op. cit. p.116.

²⁸⁰ *Actas del Consell – Temporada 1998-99*, 11 de janeiro de 1999, s/p.

forma respondia às críticas dos seus opositores. Portanto, o argumento de que o clube possuía uma independência econômica era apenas um recuso retórico dos dirigentes do clube. A Comissão Econômica já havia mostrado preocupação com a capacidade dos sócios em manter o clube economicamente saudável, e os próprios acordos firmados ao longo da década de 1990 demonstra a dependência financeira de outras fontes de renda, isto é, patrocinadores, para manter a estrutura do clube ou até mesmo contratar jogadores.

Em meados daquele ano, a Comissão Social anunciou a criação de mais nove *penyes*, sendo uma na Catalunha, e oito fora da região (não informou as localidades).²⁸¹ Ao final daquele ano, o clube passaria a marca de mais de 1.300 *penyes*, enquanto o número de sócios chegaria à marca de 105 mil.

Diante do fim do contrato com a TV3, com previsão de término ao final da temporada 2002-03, Núñez avaliou, novamente, o cenário do futebol mundial e a relação dos clubes com as redes de televisão:

El President remarca que en el món actual del Futbol i, sobretot, dins la dinàmica econòmica que està experimentant el mercat de les retransmissions esportives, és comprensible que els grans grups financers que controlen els mitjans de comunicació s'esforcin per situar-se amb avantatge per intentar adquirir aquests drets, al moment en què finalitzin les actuals concessions, i per aixó no és estrany que els Clubs de més projecció comercial, com el nostre, recebin propostes de negociació em condicions molt atractives (...).²⁸²

Apesar do clube não ser uma Sociedade Anônima, o clube atuava como tal, ou seja, buscando melhores investimentos e o aumento de sua receita. Diante das opções de contrato, Núñez alertava os demais conselheiros que procurassem uma proposta que melhor atendesse aos interesses financeiros do clube. Por fim, o conselho do clube discutiu a propostas da *Via Digital*, uma empresa da *Telefónica Media S.A.*, no qual o FC Barcelona concederia o direito de “*explotació dels drets audiovisuals de les retransmissions esportives del Club*” a partir de termino de contrato com a TV3, o contrato estava avaliado em 60.000 milhões de pesetas, mas com variáveis que de 10.000 milhões a mais, dependendo da evolução da equipe nas competições.²⁸³ Ao final daquela temporada a Comissão Econômica anunciou a compra de

²⁸¹ *Actas del Consell – Temporada 1998-99*, 7 de junho de 1999, s/p.

²⁸² “O presidente salientou que o mundo atual do Futebol e, sobretudo, dentro da dinâmica econômica que está experimentando o mercado de retransmissão esportiva, é compreensível que os grandes grupos financeiros que controlam os meios de comunicação se esforcem em situar-se com vantagem para tentar adquirir esses direitos, no momento em que finalizam as atuais concessões, e, portanto, não é estranho que os clubes de maior projeção comercial, como o nosso, recebam propostas de negociação em condições muito atrativas (...).” Tradução nossa. *Idem*.

²⁸³ “exploração dos direitos audiovisuais das retransmissões esportivas do Clube”. Tradução nossa. *Actas del Consell – Temporada 1998-99*, 13 de junho de 1999, s/p.

dois terrenos em nome do FC Barcelona para a ampliação do projeto *Ciutat Esportiva*, cada terreno foi adquirido pelo valor de 40.000 milhões e 475.000 milhões de pesetas, respectivamente. Quanto ao orçamento do clube para a próxima temporada, foi anunciado o valor de 17.594 milhões de pesetas.

Mesmo o clube afirmando ser uma exceção no mercado mundial da bola, mantendo-se fiel à forma associativa, o FC Barcelona se aproximava muito das ditas *Sociedad Anónima Deportiva*, ora pelos acordos comerciais com as televisões, ora explorando sua imagem e a sua marca. Essa aproximação fica mais evidente quando o presidente pediu à Comissão Econômica que fizesse um estudo comparativo da situação econômica do FC Barcelona e do Manchester United, da Inglaterra. No início da década de 1990, por exemplo, o Manchester United tornou-se um clube de capital aberto, tendo as suas ações comercializadas no mercado financeiro, além disso, na virada do século XX, o clube de Manchester era considerado o mais rico do mundo, e um modelo de gestão empresarial no futebol.

Após um mês de estudos a Comissão Econômica apresentou parte dos resultados ao Conselho.²⁸⁴ O responsável pelo estudo foi Josep Lluís Núñez i Navarro, que informou:

L'estudi dedica una primer apart a l'anàlisi de l'evolució dels ingressos de socis, abonats i taquillatge; una segona part a l'examen de les inversions dels dos Clubs en instal·lacions, i una tercera part a comparar els resultats dels comptes d'explotació, amb diferenciació del cost de les seccions, publicitat, plantilla, etc. El senyor Núñez fa un resum de l'informe remarcant que la circumstància que el Manchester sigui una societat mercantil, les accions de la qual cotitzen a borsa, i el FC BARCELONA un club en forma associativa, fan molt difícil establir comparances amb criteris d'homogeneïta, però, en tot cas, el que queda molt clar de l'estudi, és que al Manchester el beneficiari es l'accionista en funció de volum de les seves accions, mentre el FC BARCELONA és el soci, amb igualtat entre tots ells. També remarca que l'evolució de la participació del soci al pressupost de l'entitat pràcticament constant els darrers cinc anys, mentre que el Manchester, la pressió sobre el soci s'ha més que doblat. D'altra banda, el cost d'un abonament al camp del Manchester es una mica inferior al del FC BARCELONA a les localitats més cares, sense incloure les competicions europees [sic], però, en canvi, a les més barates hi ha una diferència molt important i es passa de les 28.800 milions de pessetes que cobra el FC BARCELONA, a les 102.600 que cobra el Manchester.²⁸⁵

²⁸⁴ Quando questionado sobre esse estudo, o responsável pelo *Centre de Documentació i Estudis* do FC Barcelona afirmou desconhecer a existência de tal documento.

²⁸⁵ “O estudo dedica uma primeira parte para a análise da evolução das receitas de sócios, assinatura e bilheteria; uma segunda parte ao exame dos investidores dos dois Clubes em instalações, e uma terceira parte que compara os resultados das contas de exploração, com diferenciação do custo das seções, publicidade, plantel, etc. O senhor Núñez faz um resumo do informe, destacando o fato que o Manchester é uma sociedade mercantil, cujas ações estão cotadas na bolsa de valores, e o FC BARCELONA um clube em formato associativo, é muito difícil estabelecer critério homogêneos de comparação, o que fica a partir do estudo é que no Manchester o beneficiado é o acionista, em função do volume de suas ações, enquanto que no FC BARCELONA, é o sócio, com igualdade entre todos eles. Também destaca a evolução da participação dos sócios no orçamento da entidade vem sendo praticamente constante nos últimos cinco anos, enquanto que no Manchester, a pressão sobre o sócio foi mais do que dobrada. Por outro lado, o custo de carnê anual de jogo no campo de Manchester é um pouco inferior ao do FC BARCELONA nas localidades mais caras, sem incluir as competições europeias, mas, em troca, no mais

Após a apresentação da Comissão, o presidente faz um balanço do que foi exposto:

(...) aquesta enorme pressió del Manchester sobre els seus socis i seguidors i els ingressos derivats de la seva sortida a borsa, és el que ha permès, els darrers anys, un volum d'inversions en instal·lacions (ampliació del camp, restaurants, sales de conferències, etc.) molt superior a la del FC BARCELONA. La lliçó que se'n pot extreure és la necessitat de potenciar les inversions en instal·lacions, en el mateix sentit que el Manchester, i el nostre objectiu hauria de ser el projecte BARÇA 2000 i la Ciutat esportiva de Sant Joan Despí.²⁸⁶

Tanto o estudo quanto a fala do presidente revelam que em um curto período de tempo os sócios deixariam de ser protagonistas na manutenção da vida econômica do clube, e que os caminhos para crescer, tal qual uma empresa, deveriam ser a busca por mais investimentos e patrocínios, e o dinheiro deveria ser revertido em projeto que ampliassem o patrimônio do clube, o que torna secundária a discussão sobre ser ou não Sociedade Anônima²⁸⁷ do ponto de vista jurídico.

Pode-se, assim, afirmar que durante a década de 1990, o FC Barcelona cresceu e ganhou projeção mundial. Esse crescimento pode ser entendido a partir do desenvolvimento econômico do clube, mas também a partir do sucesso futebolístico da equipe principal.

A inserção do clube catalão no mercado mundial da bola aconteceu com a junção de vários fatores: a crescente midiaticização do futebol por meio das redes televisivas, que por sua vez tratavam o futebol como um espetáculo; a própria espetacularização do jogo, fruto do sucesso futebolístico FC Barcelona; e a mercantilização do futebol, com acordos de patrocinadores, de investidores e até mesmo nas transações dos jogadores.

Toda essa discussão foi permeada por um argumento quase que maniqueísta formulada pelos dirigentes, isto é, modelo associativo contra as Sociedades Anônimas. Os dirigentes consideravam o primeiro modelo mais puro, original, tradicional, além de se ter maior facilidade em geri-lo, ao passo que as SADs eram vistas como uma forma do governo, e de agentes externos poderem intervir na vida econômica do clube. Fato é que no modelo

barato há uma diferença de muito importante que passa as 28.800 milhões de pesetas que cobra o FC BARCELONA, das 102.600 que cobra o Manchester.”. Tradução nossa. *Actas del Consell – Temporada 1999-2000*, 3 de abril de 2000, s/p.

²⁸⁶ “(...) essa enorme pressão do Manchester sobre os seus sócios e seguidores e as receitas derivadas de sua entrada na bolsa de valores, é o que permitiu, nos últimos anos, um volume de investimento em instalações (ampliação do estádio, restaurantes, salas de conferência, etc.) muito superior ao FC BARCELONA. A lição que se pode extrair é a necessidade de potencializar os investimentos em instalação, no mesmo sentido que o Manchester, e o nosso objetivo deveria ser o projeto BARÇA 2000 e a Cidade Esportiva de Sant Joan Despí.”. Tradução nossa. *Idem*.

²⁸⁷ Vale lembrar que assim como o FC Barcelona, outros três clubes não viraram SADs, a saber: Real Madrid, Athletic Club e Real Sociedad.

associativo a possibilidade de investimento era menor, entretanto, havia mais brechas para o clube se eximir das responsabilidades fiscais. Por outro lado, vale destacar que o FC Barcelona só não se tornou uma Sociedade Anônima graças os sócios, que até a metade da década eram os principais responsáveis por manter o clube economicamente ativo.

IV – O FC BARCELONA ENTRE O GLOBAL E O REGIONAL

Cruyff como jogador nos ubicó en el mapa estatal. Después, como entrenador, nos situó en Europa. Ronaldinho nos convirtió en global, Messi nos ha puesto en el universo y Neymar es el futur.²⁸⁸

4.1. Os primeiros estrangeiros ou o estrangeirismo como elemento de formação de identidade

Como já foi brevemente apresentado no capítulo I, a presença de estrangeiros no FC Barcelona remonta à sua origem. Aliás, a própria fundação do clube foi fruto da vontade de um suíço que buscava lembrar o jogo que praticava em sua terra natal, vale lembrar que Hans Gamper participou da fundação do FC Zürich e chegou a jogar pelo FC Basel. Deste modo, pode-se dizer que o FC Barcelona foi fundado com pretensões universalizantes, diferentemente do Català Sport Club²⁸⁹ ou do Athletic Club de Bilbao²⁹⁰, pois aceitava jogadores de qualquer nacionalidade²⁹¹. Assim como o Català SC, o R.C.D. Espanyol de Barcelona²⁹² também tinha como proposta aceitar apenas jogadores de origem catalã, por outro lado, como bem aponta Jordi Salvador Duch, “La primera dècada de vida del futbol, a Barcelona, té un marca caire cosmopolita i de classe”²⁹³.

O futebol na Barcelona dos anos 1910 era cosmopolita porque reunia diversos estrangeiros em torno do jogo, estrangeiros que chegavam à cidade portuária para fazer comércio, abrir indústrias, trabalhar, ou até mesmo estudar. O futebol também possuía uma

²⁸⁸ Josep Maria Bartomeu, atual presidente do FC Barcelona, falando sobre a projeção global do clube. *Mundo Deportivo Online*, 18 de dezembro de 2015. Último acesso: 20/06/2016 as 16h33. <<http://www.mundodeportivo.com/futbol/fc-barcelona/20151218/30891519840/bartomeu-ronaldinho-convirtio-al-barca-en-un-club-global.html?autoplay=true>>

²⁸⁹ Um clube fundado em 1899 por catalães que só admitia jogadores nascidos na Catalunha. Mais tarde, em dezembro de 1889, o clube foi refundado com o nome de FC Català. Mesmo com novo nome, o clube manteve a sua política de não aceitar jogadores estrangeiros. O clube foi extinto no começo dos anos 1920, com a crescente profissionalização dos jogadores.

²⁹⁰ Clube do País Basco fundado em 1898, e tem até hoje a política de contratar atletas nascidos no País Basco, território que compreende parte da Espanha e da França.

²⁹¹ Assim como o Real Madrid FC, fundado em 1902 por Julián Palacios e pelos irmãos catalães Juan y Carlos Padrós, aceitava jogadores de qualquer nacionalidade e contava com o apoio de comerciantes, pequenos industriais, trabalhadores e militares.

²⁹² Fundado em 1900 com o nome de Sociedad Española de Football, o clube adotou as cores azul e branco em alusão a frota de Catalunha-Aragão do século XIV de Roger de Llúria. O Espanyol só recebeu o título de *Reial* em 1912 pela chancela do Afonso XIII.

²⁹³ “A primeira década de vida do futebol, em Barcelona, tinha uma marca cosmopolita e de classe.” Tradução nossa. DUCH, Jordi Salvador. *Futbol, metàfora d’una guerra freda: Un estudi antropològic del Barça*. 2004. 406 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Departament d’Antropologia, Filosofia i Treball social/Universitat Rovira i Virgili, Tarragona, 2004. p.72.

um caráter classista e, ainda que praticado pelas classes trabalhadoras, o futebol enquanto espetáculo para as massas, era organizado e conduzido por uma burguesia industrial.

Foi dentro desse cenário que o FC Barcelona surgiu, isto é, uma instituição marcada pelo discurso cosmopolita, universalizante. Para se ter uma ideia, o primeiro elenco formado pelo FC Barcelona era composto por nove estrangeiros, sendo cinco ingleses, três suíços, um escocês e um costa-riquenho²⁹⁴, o restante do elenco era formado por espanhóis tanto da Catalunha quanto de outras regiões da Espanha.

Durante esses anos a instituição não ficou alheia ao seu local de origem, pelo contrário, o clube passou a participar e promover eventos cívicos, como por exemplo, a passeata do *Onze de Setembre* em 1918, que lembrou a derrota de 1714, na qual a Catalunha foi anexada pela coroa de Castela. Esses atos em prol da Catalunha eram um reflexo das aspirações políticas da burguesia liberal industrial, que controlava o clube.

O programa *catalanista* dos dirigentes era projetado no clube, e com a popularização do clube nos anos 1920, a torcida também passou a aceitar e a repercutir tais ideias. Como demonstra Duch,

Els dirigents del Barça d'aleshores fan una política social que sintonitza perfectament amb àmplies capes de la població catalanista. Així, l'entitat barcelonista es compromet amb la vida social, cultural i política de Catalunya.²⁹⁵

A aproximação do clube com instituições que promoviam a cultura catalã levaram o clube a homenagear o coral *Orfeó Català* no estádio *Les Corts*. O coral foi fundado em 1891, e durante boa parte das primeiras décadas do século XX era uma das instituições musicais mais importantes da Catalunha. Nos anos 1920, o *Orfeó Català* já era tido como uma referência da cultura catalã, pois fomentava a música regional. O adversário do FC Barcelona era o CE Júpiter, um clube da cidade de Barcelona, que por ter sido fundado por ingleses, possuía uma forte identificação com os britânicos. Durante o evento, no dia 14 de junho de 1925, o hino do clube foi cantado, assim como o hino da Catalunha e a Marcha Real da Espanha. Neste último, a torcida se manifestou contrária ao hino espanhol, vaiando-o. A consequência desse evento foi o fechamento do estádio do FC Barcelona por seis meses.

O historiador Josep Termes apontou que o jogo:

²⁹⁴ Os ingleses eram: Walter Wild, Gillespie, John Parsons, Stanley Harris e Fitzmaurice. Os suíço: Hans (Joan) Gamper, Otto Kunzle e Otto Maier. O escocês era John Morris. E o costa-riquenho era Tomás Soley.

²⁹⁵ “Os dirigentes do Barça, então, fizeram uma política social que sintonizava perfeitamente com amplas camadas da população catalã. Assim, a entidade barcelonista passou a se comprometer a vida social, cultural e política da Catalunha.”. Tradução nossa. DUCH, Jordi Salvador. *Futbol, metàfora d'una guerra freda: Un estudi antropològic del Barça*. op. cit. p.77.

[...] era una clara mostra de suport envers una entitat significada amb la cultura catalana i el catalanisme just en uns anys de màxima repressió per part de la Dictadura de Primo de Rivera contra el fet català.²⁹⁶

O ocorrido no *Camp de les Corts* chegou ao conhecimento do general da Catalunha, Joaquín Milans del Bosch. O general, que apoiava Primo de Rivera e era assumidamente um *antincatalanista*,²⁹⁷ pediu a suspensão de todas as atividades do FC Barcelona até segunda ordem. O pedido de Bosch foi prontamente atendido:

[...] queda suspendida la celebración de partidos, reuniones, y espetáculos de ningún género em el campo de Las Corts, no pudiendo los equipos pertenecientes a este club tomar parte en partido alguno en otros campos.²⁹⁸

Além disso, a resolução do caso previa a expulsão do presidente do clube, que depois da repercussão do caso, havia dado declarações dizendo que a manifestação da torcida era legítima. O suíço Joan Gamper foi expulso não apenas do clube, mas também da Espanha.

Foi nesse contexto, de aspiração cosmopolita/global, mas com forte posicionamento local, que o clube chegou ao início da profissionalização do futebol espanhol (que se deu em 1926) com um histórico de jogadores de diferentes nacionalidades. Da fundação do clube em 1899, passando pela profissionalização do futebol e pela criação da primeira Liga, em 1927-1928, o clube contou com 46 jogadores da Inglaterra, 10 da Alemanha, nove da Suíça, seis da Escócia, três das Filipinas²⁹⁹, dois da França, um da Costa Rica, um da Hungria, um da Polônia e um do Uruguai. Em quase três décadas, passaram pelo clube catalão 80 jogadores de 10 nacionalidades diferentes.³⁰⁰

Com a profissionalização do futebol na Espanha, a política de contratação de jogadores estrangeiros foi revista, e o clube não contratou nenhum jogador de outra nacionalidade até o começo da década de 1930. Assim, o FC Barcelona contava apenas com três jogadores estrangeiros, que eram remanescentes de outras temporadas: o alemão Emyl Walter, Paulino Alcántara das Filipinas e o húngaro Franz Plattko, além deles, o clube também contava com Emili Sagi-Barba, um jogador catalão naturalizado argentino.

²⁹⁶ “[...] era um claro sinal de apoio, no sentido de uma entidade com identificação com a cultura catalã e com o *catalanisme* durante os anos de repressão máxima da ditadura de Primo de Rivera contra a Catalunha.” Tradução nossa. SANTACANA, Carles (dir.). *Barça, 110 anys fent història. op. cit.* p.65.

²⁹⁷ SANTACANA, Carles (dir.). *Barça, 110 anys fent història. op. cit.* p.65.

²⁹⁸ BARNILS, Ramon. *et al. Història crítica del Futbol Club Barcelona (1899-1999). op. cit.* p.61.

²⁹⁹ Um deles foi Paulino Alcántara que jogou de 1912 até 1928, e se tornou um dos maiores jogadores que vestiu a camisa do clube e o maior artilheiro do FC Barcelona até a chegada do argentino Lionel Messi (de 2004 até hoje), que bateu o seu recorde de 357 gols em 369 jogos.

³⁰⁰ Dados obtidos em SANTACANA, Carles (dir.). *Barça, 110 anys fent història. op. cit.* p.287-286.

Essa política de regulamentação do jogo e de restringir estrangeiros pode ser vista como uma política nacionalista do ditador Primo de Rivera, que ficou no poder entre 1923 e 1930. Os anos em que Primo de Rivera esteve no poder foram fortemente marcados pelo nacionalismo espanhol e pela repressão aos nacionalismos catalão e basco. Por outro lado, a regulamentação do esporte, pode ser vista como uma prática comum da época, na qual se entendiam os esportes de massa, principalmente o futebol, como um ótimo elemento de controle político e social.

Com o fim da ditadura e a constituição da República, em 1931, a política para se ter jogadores estrangeiros nos clubes de futebol foi afrouxada, assim o FC Barcelona contratou dois brasileiros, Fausto dos Santos e Jaguaré Bezerra, que ficaram no clube apenas uma temporada, a 1931-1932. Já na temporada seguinte, apenas um costa-riquenho, Alejandro Morera, que ficou no clube entre 1932-1935. A crise econômica que o clube enfrentava impedia-o de fazer grandes investimentos, sobretudo na contratação de jogadores estrangeiros.

Em todo o período republicano, além dos três jogadores já citados, o clube contou com alguns poucos estrangeiros: Loewing da Alemanha (temporada 1933-1934), Faccio da Argentina (1934); Emyl Berkessy (1934-1936) e Szeder (1935), da Hungria; Raúl Rubén Villalba do Peru (1936) e Enrique Fernández do Uruguai (1934-1936). Por outro lado, o clube passou a adotar o lema “*Esport i Ciudadania*”³⁰¹, que mais tarde seria retomado por Jesepe Sonyuol em sua campanha presidencial em 1936, e a defender que o clube possuía um compromisso democrático. Assim, apoiou a criação da *Generalitat da Catalunya*, bem como o ensino da língua catalã nas escolas.³⁰²

Às vésperas da Guerra Civil, o então presidente do clube, Josep Sunyol, foi morto pouco tempo depois de ter assumido o clube, em agosto 1936. Sunyol foi fuzilado por soldados franquistas quando passava por uma região de conflito, tratava-se de um defensor da República e do *catalanismo*.

Em meio à crise econômica que o clube enfrentava, à morte do presidente, e à Guerra Civil, um grupo formado por empregados do clube e do estádio organizaram um comitê, que passou a gerir o clube. A guerra afetou diretamente o clube, que teve a sua sede bombardeada durante um ataque à cidade de Barcelona, mas ainda assim o clube, sob o comando dos empregados, conseguiu manter as atividades futebolísticas até a temporada de 1938-1939, quando todas as competições foram suspensas. Então o clube catalão resolveu fazer um tour pelos Estados Unidos da América, com o intuito de levantar fundos. Entretanto, na viagem de volta, muitos

³⁰¹ “Esporte e Cidadania”. Tradução nossa. SANTACANA, Carles (dir.). *Barça, 110 anys fent història. op. cit.* p.71.

³⁰² DUCH, Jordi Salvador. *Futbol, metàfora d'una guerra freda: Un estudi antropològic del Barça. op. cit.* p.81.

jogadores se recusaram a voltar para a Espanha e preferiram ir para o México, enquanto outros permaneceram na França.

Sem um plantel completo, vivendo uma crise econômica que se arrastava desde antes da guerra – e que fora agravada durante o conflito – o FC Barcelona não tinha condições econômicas de investir em contratações, quanto mais de jogadores estrangeiros. Vale lembrar também que a Europa, como um todo, viveu a II Guerra Mundial entre 1939-1945, dificultando ainda mais a contratação de jogadores de fora da Espanha. Assim, a solução adotada pelo clube foi caseira, isto é, passou a contar apenas com jogadores espanhóis, de origem catalã ou não.

No final da década de 1940, o futebol já era usado pelo regime de Francisco Franco como veículo de propaganda falangista, militar. Além disso, o ditador buscou criar mecanismos para controlar o esporte em várias instâncias, desde a criação de órgãos que regulavam o esporte até a nomeação de presidentes ou conselheiros nos clubes que apoiassem o regime.³⁰³ Por determinação de um desses órgãos, a *Delegacia Nacional de Deportes* (DND), o FC Barcelona foi obrigado a substituir da bandeira catalã no escudo, pela bandeira espanhola, além de castelhanizar o seu nome. Nesta mesma década o Campeonato da Catalunha foi extinto, as saudações fascistas e o hino falangista se tornaram comuns antes de cada partida de futebol.³⁰⁴

Todas as interferências na cultura catalã e no FC Barcelona, aquilo que Duch chamou de “violência simbólica”³⁰⁵, tiveram consequências e reações reais. Aos poucos o clube passou a ser palco de disputas políticas, de um lado falangistas infiltrados e nomeados pelo regime, do outro, a burguesia liberal catalã, que buscava retomar o seu espaço. Das arquibancadas, os torcedores e a população local de diferentes classes sociais viram o clube como um dos poucos representantes da cultura catalã, e de “llibertat”³⁰⁶ diante do regime. A título de exemplo, entre 1940 a 1945, o clube conseguiu mais de 17 mil sócios, passando de 4.760 para 21.900.

Com o crescimento do número de sócios, o clube tornou a ter uma economia saudável, o que resultou na busca de jogadores melhores, principalmente estrangeiros, para fazerem parte do elenco. Entre 1947 e 1950, o clube contratou quatro jogadores da Argentina, dois do Uruguai, um da Romênia, um do Brasil e um da Hungria. Dos nove jogadores, sete vieram da América do Sul, quanto a isso, cabe destacar que nesse período o futebol estava crescendo no continente latino-americano, principalmente na Argentina, Uruguai e Brasil. Sobre a

³⁰³ Ver SHAW, Duncan. *Futebol y Franquismo*. Madri: Alianza Editorial, 1987.

³⁰⁴ SANTACANA, Carles. *El Barça y el Franquismo – Crónica de unos años decisivos para a Catalunya (1968-1978)*. *op. cit.* p.36.

³⁰⁵ DUCH, Jordi Salvador. *Futbol, metàfora d’una guerra freda: Un estudi antropològic del Barça*. *op. cit.* p.90.

³⁰⁶ Cf. DUCH, Jordi Salvador. *Futbol, metàfora d’una guerra freda: Un estudi antropològic del Barça*. *op. cit.* p.90-91.

contração dos dois jogadores europeus, destaque para o húngaro László Kubala, além de ter sido uma contratação emblemática, Kubala também viria a se tornar um dos maiores ídolos do clube.

Como demonstra Duncan Shaw, os jogadores que atuavam no futebol espanhol tinham sérios motivos para contestar o regime franquista. O autor lista sete projetos de Franco para controlar o futebol que afetava diretamente a vida dos jogadores: eram proibidos de formar um sindicato ou uma associação; eram excluídos do sistema de *Seguridad Social*, o que colocava o atleta à margem do profissionalismo; trabalhavam sob o regime do “derecho de retención”, que impedia a circulação do jogador mesmo depois do término de seu contrato; eram proibidos de fazer greve ou reclamar atrasos salariais; todos os aspectos da vida cotidiana eram controlados, pois dirigente e técnicos enxergavam os jogadores como “niños irresponsables que necesitaban un padre severo que los cuidase”; não possuíam representatividade no órgão que regulamentava o futebol, a *Federación Española de Fútbol*, o que impedia o jogador de fazer qualquer tipo de reclamação.³⁰⁷

Entre a década de 1950 e 1960, vários jogadores estrangeiros chegaram ao futebol espanhol sob essa estrutura, Kubala foi um deles. Em 1950, o jogador húngaro trocou o seu país pela Espanha quando percebeu que a estrutura do futebol húngaro estava passando por uma transformação – de uma estrutura profissional para uma amadora-militarizada, efeito da ascensão do comunismo no país, e vários jogadores e técnicos seguiram esse caminho. Segundo Shaw, “la afición española estaba hambrienta de fútbol internacional desde 1939”³⁰⁸. Já para Juan Pablo Fusi:

Estos jugadores y entrenadores de Europa oriental fueron políticamente importantes porque permitieron al régimen de Franco demostrar, tanto interna como internacionalmente, la dureza del comunismo y el carácter comparativamente liberal de España. Con el pleno estímulo del régimen, fueron efectivamente convertidos por los medios de comunicación de masas en símbolos anticomunistas.³⁰⁹

A contratação de Kubala foi disputada entre FC Barcelona e Real Madrid. O clube catalão prometeu ao húngaro que regulamentaria a sua situação de jogador de futebol junto a FIFA, que perdera quando deixou a Hungria. Além disso, o técnico Ferdinand Daucik, que comandava o FC Barcelona na época, foi importante, já que o Daucik treinara o jogador

³⁰⁷ Ver SHAW, Duncan. *Futebol y Franquismo. op. cit.* p.136-138.

³⁰⁸ SHAW, Duncan. *Futebol y Franquismo. op. cit.* p.147.

³⁰⁹ Entrevista personal con Juan Pablo Fusi, Madrid, 22 de octubre de 1984. *Apud* SHAW, Duncan. *Futebol y Franquismo. op. cit.* p.146.

quando atuava na Hungria. A liberação de Kubala só veio na temporada 1950-1951, e rapidamente o jogador caiu nas graças da torcida.

O período em que Kubala esteve no plantel do clube correspondeu ao período das maiores conquistas do FC Barcelona. Em uma década foram quatro títulos da Liga Espanhola, cinco Copas da Espanha. Dentro desse período de glórias, o ano de 1952 foi mágico para o clube, em uma temporada o clube ganhou cinco títulos: Liga Espanhola, Copa da Espanha, Copa Latina, Copa Eva Duarte e Copa Martini Rossi³¹⁰ Nesse mesmo período o clube viu a sua torcida crescer, fruto do futebol apresentado pelo elenco, mas principalmente, pelo futebol do húngaro. O clube registou um crescimento de mais de 25 mil sócios, enquanto no ano de 1950 o clube contava com 26 mil, em 1960 esse número já havia sido dobrado.

O jogador húngaro tinha uma enorme capacidade de levar torcedores para o estádio *Les Corts*, que em poucos anos se tornou pequeno diante do crescimento acelerado da torcida. Internamente, a proposta de se construir um novo estádio já era discutida entre os dirigentes do clube. Com a crescente popularização após a passagem de Kubala pelo clube catalão, a construção de um novo estádio finalmente saiu do papel.

Três anos após a contratação do jogador húngaro, o FC Barcelona tentou contratar o melhor jogador sul-americano da época, o argentino Alfredo Di Stéfano. O jogador havia acertado com o FC Barcelona, que o contratou do Millonarios Fútbol Club, da Colômbia, mas o Real Madrid também estava interessado no futebol do jogador, e procurou o seu antigo clube, o Club Atlético River Plate, da Argentina. Vale ressaltar que o futebol colombiano havia sido suspenso pela FIFA devido ao aliciamento de jogadores e por fazer contratos obscuros com os jogadores. Enquanto o clube da Catalunha havia fechado o acordo com o clube colombiano, o Real Madrid fechou com o clube que detinha os direitos legais perante a FIFA do jogador.

Mesmo com toda essa questão envolvendo a contratação do jogador argentino, Di Stéfano chegou a vestir a camisa do FC Barcelona e até disputou alguns jogos amistosos, até a *Delegación Nacional de Deportes* e a *Federación Española de Fútbol* intervirem no caso. Os dois órgãos, influenciados pelo Real Madrid, limitaram os clubes espanhóis de contratar jogadores estrangeiros, assim, passou a ser aceito apenas aqueles que possuíam descendência espanhola. Por fim, as entidades apresentaram como solução do caso, a divisão dos serviços do jogador em temporadas alternadas entre os dois clubes. O clube catalão, recusando a dividir o jogador com o clube da capital, liberou Di Stéfano para o Real Madrid.

³¹⁰ SANTACANA, Carles (dir.). *Barça, 110 anys fent història. op. cit.* p.107.

A proibição de jogadores estrangeiros entrou em vigor 1953, e durou até 1973. Tanto o governo, quanto a imprensa espanhola, argumentavam que o real motivo para a proibição era a política de austeridade que Espanha enfrentava. Entretanto, a proibição corresponde ao período de contratação do jogador Di Stefano. Em linhas gerais, só eram aceitos jogadores de origem hispânica, de preferência filhos de espanhóis, falantes da língua espanhola, que em sua maioria eram da América do Sul. Além disso, o jogador não poderia ter atuado pela sua seleção nacional. Se um jogador não atendesse todos os critérios não poderia ser contratado, pois era considerado estrangeiro.

Entre 1954 e 1960, o FC Barcelona contratou treze jogadores de outros países, sendo um alemão (Schwart), um argentino (Carlos Domingo Medrano), um brasileiro (Evastito de Macedo), um peruano (Miguel Loayza), dois uruguais (Ramón Alberto Villaverde e Dagoberto Moll), três paraguaios (Eulogio Martínez, Melanio Olmedo e Hermes González), além de quatro húngaros (Josza Nyers, Laszlo Kaszner, Zoltan Czibor e Sandor Kocsis). Com exceção de Evaristo de Macedo³¹¹, todos os jogadores latino-americanos possuíam documentação que comprovavam a sua origem espanhola, respeitando, assim, a determinação das *Delegación Nacional de Deportes*. Quanto aos húngaros, cabe dizer que foram contratados entre 1956 e 1957, período que coincide com o levante popular na Hungria contra a URSS, em 1956. A instabilidade política e a repressão soviética foram usadas pelos jogadores como argumento para deixarem a Hungria, uma espécie de “refugiados políticos”³¹². A vinda desses jogadores era vista com bons olhos pelo regime franquista, pois foram usados como propaganda anticomunista, mas também para promover o próprio governo franquista, como foi o caso de Ferenc Puskás³¹³, que chegou a apoiar abertamente o regime.³¹⁴ Rapidamente o governo espanhol buscou naturalizar os melhores jogadores que chegavam ao futebol espanhol, foi assim com Kubala, Puskás e Di Stefano.

Nesse mesmo período, além dos jogadores, alguns técnicos húngaros passaram pelo futebol espanhol, como foi o caso de Ferdinand Daučík (amigo pessoal de Kubala, o jogador foi determinante na sua vinda para o clube catalão) e Ferenc Plattkó (o treinador havia jogado nos anos 1920 no FC Barcelona). Tanto no caso dos jogadores, quanto dos treinadores, a opção por deixar a Hungria pode ser entendida também como uma questão futebolística. Mais do que fugindo da instabilidade política, muitos desses jogadores também estavam fugindo da

³¹¹ Não foi possível determinar em quais circunstâncias o jogador foi contratado.

³¹² Termo usado por Duncan Shaw, ver: SHAW, Duncan. *Futebol y Franquismo. op. cit.* p.150.

³¹³ Puskás chegou à Espanha em 1958, assinando contrato com o Real Madrid. No clube merengue, jogou até 1966, quando se aposentou.

³¹⁴ Ver: SHAW, Duncan. *Futebol y Franquismo. op. cit.* p.157.

estrutura militarizada e amadora que o esporte de modo geral estava assumindo no leste europeu. Em outras palavras, a chegada de jogadores e técnicos húngaros pode ser vista também como uma busca por profissionalização, e conseqüentemente, por melhores salários e condições de vida.

Esse período, entre as décadas de 1950 e 1960, foi marcado pelo sucesso futebolístico do FC Barcelona, em que Kubala foi um dos principais responsáveis pelos êxitos esportivos. Em meia década o clube atingiu a marca de 50 mil sócios. O futebol demonstrado por Kubala enchia o estádio do clube catalão, que percebendo o crescimento de sua torcida, apresentou uma proposta e de construir um estádio para que as pessoas pudessem ver o húngaro com a bola nos pés. Em 1954, a construção do estádio teve início, o valor girava em torno de 37 milhões de pesetas. Ainda naquele ano o clube fez um empréstimo de 66 milhões de pesetas.³¹⁵ Assim como fora durante a construção do *Camp de les Corts*, os dirigentes esperavam a participação dos sócios para ajudar a sanar os custos do novo estádio.

O sucesso esportivo que marcou a década de 1950 não foi visto na década seguinte. Apesar de ter vivido um período de poucas conquistas, a década de 1960 foi marcada pelo crescimento do número de sócios e pela afirmação do nacionalismo catalão. Foram conquistados 10 títulos na década de 1950 (cinco Copas da Espanha, quatro Ligas Espanholas, duas Copas de Feiras e uma Copa Latina), enquanto apenas dois troféus foram colocados nas prateleiras do clube em um espaço de uma década (duas Copas da Espanha e uma Copa de Feiras). Por outro lado, o número de sócios chegou a ser superior a 55 mil. A falta de títulos e a crise econômica causada pela construção do estádio *Camp Nou* foi compensada pelo crescimento do número de sócios.

Durante a década de 1960, o FC Barcelona contou com diversos jogadores da América do Sul, como Juan Seminario, do Peru, Walter Machado da Silva³¹⁶, do Brasil, Caytano Re e Pedro Fernández Cantero, do Paraguai, e quatro uruguaios: Julio César Benítez, Luis Cubilla, Alcides Silveira e Eduardo Endériz. Para além dos jogadores sul-americanos, o clube contou com três jogadores de origem europeia: Ferdinand Goyvearts, da Bélgica, Lucien Müller, da França e Tibor Szalay, da Hungria; e um jogador do continente africano, o angolano Jorge Alberto Mendonça. Esses jogadores, sobretudo os de origem europeia, eram escalados nas competições continentais, uma vez que eram permitidos até dois estrangeiros nos elenco. Ainda nesse período, jogadores que começavam a se destacar na Europa eram alvo de

³¹⁵ FIGOLS, V. L. “O estádio como espaço de afirmação do nacionalismo catalão”. *Projeto História (PUCSP)*, v. 49, p. 1-32, 2014.

³¹⁶ O jogador nunca fez um jogo oficial com a camisa do FC Barcelona.

interesse do clube catalão, como foi com o moçambicano Eusébio (que atuava pelo Sport Lisboa e Benfica de Portugal, e possuía nacionalidade portuguesa) e com holandês Johan Cruyff, que começava a se destacar no AFC Ajax da Holanda. O jogador holandês só viria a vestir a camisa do FC Barcelona em 1973, após mudanças na política de contratação de estrangeiros na Espanha.

Em 1967, na gestão de Enric Llaudet a frente do FC Barcelona, o clube contratou o jogador brasileiro Silva na esperança que as restrições a jogadores estrangeiros sofresse alguma mudança. Todavia, tanto a DND quanto a FEF não alteram a restrição. A aposta em Silva pode ser vista como uma forma de protesto, mas também uma maneira de pressionar as instituições. Entretanto, Silva nunca disputou um jogo oficial com a camisa do FC Barcelona.

Um ano depois, o empresário Narcís de Carreras assumiu a presidência do clube e em poucos meses de gestão começou a pressionar a DND para liberar a contratação de jogadores estrangeiros. Outros dois clubes apoiaram a decisão do FC Barcelona, o RCD Espanyol de Barcelona e o Sabadell Centre d'Esports Sabadell Futbol Club, todavia, o DND interveio rapidamente e decidiu prolongar a proibição de jogadores estrangeiros.³¹⁷ Curioso perceber que os três clubes que questionaram a decisão da proibição eram da região da Catalunha, e dois da cidade de Barcelona.

O clube catalão era um dos primeiros a questionar a proibição aos estrangeiros, por outro lado, o clube levantava a bandeira regionalista catalã. Nesse sentido, é possível dizer que constantemente o clube ressignificava a suas dimensões local e global, em outras palavras, o discurso catalanista do FC Barcelona era mobilizado conforme as necessidades do clube. Apesar de não exercer tantos poderes políticos dentro da esfera futebolística e esportiva, o debate sobre a contratação de jogadores estrangeiros foi um dos fatores que levou o FC Barcelona a ser mal visto dentro da FEF e da DND, além do discurso catalanista.

Ainda em 1968, houve um caso emblemático envolvendo um jogador estrangeiro e o FC Barcelona. Em abril daquele ano, o clube catalão se preparava para enfrentar o Real Madrid pela Liga Espanhola, durante o treinamento o jogador uruguaio Julio César Benítez passou mal. Segundo os médicos do clube, o jogador estava com uma doença infecciosa no intestino. Benítez foi levado a um hospital, mas não resistiu e morreu no dia seguinte com intoxicação alimentar. Sua morte foi amplamente divulgada na imprensa local.³¹⁸ A forma inesperada como Benítez morreu e o papel importante que possuía no clube causou a

³¹⁷ FIGOLS, V. L. *Barça, més que un club: o FC Barcelona durante o Franquismo (1968-1969)*. 2013. 63 f. Monografia (Bacharelado/Licenciatura em História) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2013. p.36-37.

³¹⁸ *Idem*. p.37-38.

comoção geral entre jogadores, dirigentes e torcedores. O jornalista do *Mundo Deportivo*, Joan Gich, escreveu: “Benítez se había convertido en un barcelonês”, isto é, um cidadão de Barcelona. Segundo o jornalista, mais de 100 mil pessoas passaram pelo velório do jogador,³¹⁹ na época o clube contava com um pouco mais de 54 mil sócios.

O debate sobre a proibição de jogadores estrangeiros voltou em 1969. Os maiores clubes³²⁰ da Espanha exigiram uma revisão na restrição. Clubes como o FC Barcelona, Valencia CF, Club Atlético de Madrid e Real Madrid passaram a pressionar as duas entidades que regiam o esporte e o futebol espanhol. Então, a FEF decidiu estudar novamente a possibilidade dos clubes contratarem jogadores que não possuíam origem espanhola. Foi realizado um grande fórum de discussão, no qual participaram o presidente da federação nacional, os presidentes das federações regionais, além dos presidentes dos clubes da primeira e segunda divisão.

Em meio às discussões, o presidente Carreras anunciou que contrataria um paraguaio, Irala. Mesmo o clube tendo feito a apresentação do jogador, a FEF impediu que a transação fosse confirmada, alegando que o jogador havia servido a sua seleção antes do FC Barcelona. A entidade, além de proibir jogadores que não comprovassem sua origem espanhola, também proibia os jogadores que já tivessem jogado pela seleção de seu país. A Federação argumentava que Irala havia servido a sua seleção, antes de ter assinado contrato com o FC Barcelona, em resposta, o clube entrou com um recurso, alegando que havia dentro da FEF um trato desigual.

O jornal *Mundo Deportivo*, em seu editorial endossou o argumento do clube catalão, e elaborou uma matéria em que mostrava que de fato Irala havia jogado pela seleção do Paraguai, entretanto, o jornal também denunciava:

Estamos dispuestos a asegurar que la Federación ha obrado de buena fe. Pero esta, disculpa es muy pobre cuando se trata de administrar justicia. Y Esta bien claro que en esta ocasión el Barcelona ha sido víctima de un procedimiento que en su forma y en su esencia no se puede admitir, so pena de aceptar que aquí seamos afición de segunda fila.³²¹

A matéria ainda expunha três exemplos de jogadores de origem espanhola que serviram às suas respectivas seleções e que a Federação havia autorizado a servirem seus clubes. Como

³¹⁹ *Mundo Deportivo*, 04 de abril de 1968. p.17. Apud: FIGOLS, V. L. *Barça, més que un club: o FC Barcelona durante o Franquismo (1968-1969)*. op. cit. p.37-38.

³²⁰ O Athletic Bilbao do País Basco estava alheio a discussão, pois o clube restringe até os dias de hoje a contratação de jogadores não-bascos, como uma forma de manter a identidade regional.

³²¹ *Mundo Deportivo*, 12 de setembro de 1969. p.4.

aponta Carles Santacana, o FC Barcelona reconhecia que Irala havia jogado pela Seleção do Paraguai, todavia não admitia que outros clubes tivessem regalías dentro da FEF.³²² Do outro lado, a Federação Espanhola de Futebol ratificou sua posição, afirmando que seria investigado se realmente o jogador era de origem espanhola e se o jogador havia servido a sua seleção, caso fosse confirmado um desses dois pontos, Irala não teria o aval para ser contratado. Entretanto, esta investigação seria válida apenas para as novas contratações, aqueles que já foram contratados não passariam por essa investigação, ou seja, os jogadores denunciados pelo jornal não seriam investigados.

O presidente do FC Barcelona se mostrou favorável às investigações, entretanto, pedia para que o caso fosse levado para *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), entendendo que a entidade máxima do futebol mundial seria a única capaz comprovar se o jogador havia ou não servido sua seleção. Diante do pedido, a FEF se mostrou intransigente, enquanto que a FIFA reconhecia que no futebol espanhol havia jogadores que serviram a suas respectivas seleção e ainda assim seguiam jogando, como era o caso do também paraguaio Fleitas, que fora contratado pelo Real Madrid na temporada passada. Tanto Fleitas, quanto Irala haviam atuado pela Seleção do Paraguai e deste modo não poderiam atuar em um time da Espanha, mas a FEF permitiu que Fleitas atuasse normalmente no time merengue.

Além desses dois casos, a FIFA tornou público que uma grande quantidade de jogadores estrangeiros apresentou documentação falsa para atuar na Espanha. Além de falsificaram os comprovantes de que não haviam jogado pela seleção de seu país, também possuíam documentação falsa que demonstrava sua origem espanhola. Como demonstrou Santacana, era comum um jogador alegar que possuía antepassados espanhóis:

[...] había perdido sus archivos municipales o parroquiales durante la guerra civil, de manera que si era verdad o no lo que decían, no se podía demostrar documentalmente. Como no había forma de confirmar o desmentir la veracidad de sus afirmaciones, el consulado respectivo tramitaba la documentación que le permitía acogerse a esta suerte de nacionalización deportiva.³²³

Ainda segundo o autor, “todo el mundo sabía que se hacía vista gorda con la documentación”. Entretanto, pela atitude que a FIFA tomou ante a falsificação de documentação dá para entender que a instituição máxima do futebol desconhecia tal prática na Espanha.³²⁴

³²² SANTACANA, Carles. *El Barça y el Franquismo – Crónica de unos años decisivos para a Cataluña (1968-1978)*. op. cit. p.139.

³²³ *Idem. Ibidem.*

³²⁴ FIGOLS, V. L. *Barça, més que un club: o FC Barcelona durante o Franquismo (1968-1969)*. op. cit. p.51-57.

Diante das denúncias da FIFA, a discussão sobre a contratação de jogadores estrangeiros passou para o segundo plano, e a FEF decidiu que iria verificar a documentação de todos os jogadores “oriundos”. Após um mês, finalmente, a FEF em conjunto com a DND decidiu autorizar a contratação de um jogador de origem espanhola, mesmo este tendo servido ou não a sua seleção nacional. Resolução paliativa, que em certa medida, favorecia o Real Madrid, que poderia continuar contando com Fleitas, mas também servia para abafar o escândalo de documentação falsa dos jogadores. Já Irala, nunca serviu o FC Barcelona.

O debate seria reaberto em 1973, quando a Federação permitiu a contratação de qualquer jogador estrangeiro com ou sem passagem por sua seleção, entretanto, restringia o número de no máximo dois estrangeiros por clube.

Em meio à crise no futebol espanhol, os dois clubes do País Bascos que só aceitavam jogadores bascos (Athletic Bilbao e Real Sociedad de Fútbol) se mostravam a favor da restrição. Como aponta Shaw:

Los dos equipos vascos estaban a favor de la prohibición de jugadores extranjeros, y por ende se indignaban de que los clubs violasen las normas de este modo. En un principio a fines de los años setenta, apelaron a la R.F.E.F y la D.N.D para impedir que esos “oriundos” inundasen el fútbol español, pero estas autoridades prestaran escasas atención a las quejas vascas.³²⁵

A preocupação dos clubes bascos era tanto regionalista, quanto esportiva. Se posicionar contra a presença de jogadores estrangeiros significava valorizar os jogadores locais, e nos casos do Athletic Bilbao e da Real Sociedad, significava valorizar os jogadores bascos, ao passo que, defender a proibição também indicava os perigos de se criar um abismo entre os clubes bascos em relação aos demais clubes, uma vez que os outros clube possuíam maior chances de contar com os melhores jogadores, seja da Europa ou de outra região da globo. Nesse sentido, Shaw afirma que o nacionalismo basco no futebol ganhou força justamente nesse período, entre 1962 e 1973.³²⁶

Nos anos 1970, o FC Barcelona contratou treze jogadores estrangeiros: Bernardo Patricio Cos, Juan Carlos Heredia e Rafael Dalmacio Zuviría (Argentina); Hugo Sotil e Pedro Aicart (Peru); Marinho Pérez e Silvio Modesto, conhecido como Bio (Brasil); Johan Cruyff e Johan Neeskens (Holanda); Allan Simonsen (Dinamarca); Hansi Krankl (Áustria); Alfredo Amarillo (Uruguai); e José Antonio Ramos (marroquino com cidadania espanhola).

³²⁵ SHAW, Duncan. *Futebol y Franquismo. op. cit.* p.191.

³²⁶ SHAW, Duncan. *Futebol y Franquismo. op. cit.* p.192.

Aqui cabe uma ressalva, em 1972 o FC Barcelona tentou contratar o jogador argentino Juan Carlos Heredia, e a FEF negou a contratação alegando que Heredia não possuía origens espanholas. Segundo Santacana:

El caso de los oriundos adquirió una clarísima dimensión política a finales de 1972, hasta el punto de que el gobernador civil de Barcelona se interesó por el asunto y remitió una nota a su superior, el ministro de Gobernación, el la que consignaba que lo que reclamaba el Barça era muy sencillo (...)³²⁷

Sabendo que o caso Heredia poderia acabar com o de Irala, o FC Barcelona adotou uma postura diferente. O clube tornou público o tratamento desigual que a FEF dava a documentação de alguns oriundos, por exemplo, a documentação do jogador Cos, que estava na mesma situação que Heredia, foi aceita. Santacana afirma que mais de vinte casos de jogadores foram analisados e a conclusão foi de que nenhum poderia comprovar a origem espanhola, e que, portanto, os documentos haviam sido adulterados, sobretudo, pelos consulados. O caso começava a sair da esfera esportiva e atingia diretamente o governo Espanhol. Nas palavras de Santacana:

Así pues, las implicaciones del gobierno español era enormes y afectaban directamente a tres ministerios del gobierno español, el de Asuntos Exteriores, el de Gobernación y el de Justicia, además de a las autoridades deportiva de los países de origen. Dicho de otra manera, las implicaciones de las autoridades deportivas se convertían en una minucia comparada con estas otras responsabilidades.³²⁸

Diante da pressão das entidades do governo espanhol, a FEF decidiu liberar a contratação de jogadores estrangeiros, limitando em dois, o número de jogadores de outras nacionalidades. Foi nesse contexto que jogadores como Cruyff chegaram ao clube catalão.

O holandês era mundialmente conhecido, ainda em 1971, conquistou o prêmio de melhor jogador do mundo, o prêmio *Ballon d'Or* oferecido pela revista francesa *France Football*. Dentro de campo o seu papel foi indispensável para o clube catalão, principalmente no ano de 1974, quando o FC Barcelona ganhou de 5-0 do Real Madrid, no Santiago Bernábeu. O ano também coincidiu com a conquista do título da Liga após 14 anos de espera.

O futebol dos anos 1970 começava a ganhar maiores destaques na mídia televisiva, e os jogadores se tornavam fenômenos midiáticos com forte apelo comercial. Nesse sentido, a identificação do jogador com o FC Barcelona, e consequentemente, com a Catalunha, foi

³²⁷ SANTACANA, Carles. *El Barça y el Franquismo – Crónica de unos años decisivos para a Cataluña (1968-1978)*. op. cit. p.140.

³²⁸ *Idem. Ibidem.*

rápida. Durante o período que defendeu o clube, o jogador holandês deu diversas declarações à imprensa local nas quais é possível observar essa identificação, como exemplo, quando escolheu o nome Jordi para o seu filho, uma clara referência ao santo protetor da Catalunha, Sant Jordi. Outro exemplo da identificação do jogador holandês com a Catalunha pode ser encontrado em uma coluna em que escrevia para o periódico *Mundo Deportivo*, falando sobre a sua passagem pelo FC Barcelona: “la verdad es que me encuentro tan a gusto em Barcelona, que me siento como un catalán más.”³²⁹. Além disso, Cruyff participou de um jogo amistoso servindo a Seleção da Catalunha contra a Seleção da URSS.³³⁰ Em 1978, Cruyff deixou o clube devido a divergências com o presidente do FC Barcelona, Luis Núñez. O holandês só voltaria ao clube catalão em 1988, na condição de treinador.

Entre 1980 a 1988, passaram pelo FC Barcelona doze jogadores estrangeiros, e devido à flexibilização da restrição de jogadores de outras nacionalidades, o clube pode contratar os melhores jogadores de cada país. O alemão Bernd Schuster ficou no clube entre 1980 a 1988; Gary Lineker, da Inglaterra, jogou entre 1986 e 1989; O argentino Diego Armando Maradona vestiu a camisa do FC Barcelona por duas temporadas (1982 a 1984); Roberto Dinamite, do Brasil, jogou no ano de 1980; o galês Mark Hughes jogou a temporada 1986-1987. Para além daqueles de maior destaque, outros jogadores também vestiram a camisa do FC Barcelona: Jorge Luján Gabrich, da Argentina; Cleo Inácio Hickmann, do Brasil; Steve Archibald, da Escócia; Danny Muller, da Holanda; Vicente Raúl Amarrilla, do Paraguai; Júlio César Jiménez, do Uruguai; e Gerardo Martino, nascido na Maurítânia, mas com nacionalidade espanhola.

Após a chegada de Johan Cruyff como treinador, a contratação de jogadores estrangeiros passou a ser uma constância no FC Barcelona, esse quadro só iria mudar após 1996, com a resolução do caso Bosman. Enquanto Cruyff comandou o clube catalão, 18 jogadores de 11 nacionalidades diferentes vestiram a camisa azul-grená. Brasil: Aloisio Pires Alves (1988-1990) e Romário (1993-1995); Bulgária: Hristo Stoichkov (1990-1996 e 1996-1998); Camarões: Patrick Suffo (1996-1997); Croácia: Goran Vucevic (1992-1993) e Robert Prosinecki (1995-1996); Dinamarca: Thomas Christiansen (1992-1993), Ronnie Ekelund (1992-1993) e Sebastián Herrera³³¹ (1991-1994); França: Laurent Blanc (1996-1997);

³²⁹ *Mundo Deportivo*, 27 de abril de 1974. p.36.

³³⁰ O jogador holandês Johan Neeskens, que também fazia parte do elenco do FC Barcelona no período, também participou desta partida vestindo a camisa da Seleção da Catalunha. Mais tarde, Cruyff foi convidado a ser técnico da Seleção da Catalunha, ficou no cargo de 2009 a 2013.

³³¹ Sebastián Herrera também possuía cidadania espanhola.

Holanda: Ronald Koeman (1989-1995), Richard Witschege (1991-1993) e Jordi Cruyff³³² (1993-1996); Portugal: Luís Figo (1995-2000); Romênia: Gheorghe Hagi (1994-1996) e Gheorghe Popescu (1995-1997); Rússia: Igor Korneyev (1995); Suíça: Luis Cembranos³³³ (1994-1995).

Antes de entrar na discussão específica sobre os jogadores estrangeiros no FC Barcelona nos anos 90, cabe dizer que a presença de treinadores de outra nacionalidade também foi algo constante na história do clube catalão. Desde o ano 1917³³⁴, foram 25 treinadores de onze nacionalidades diferentes. Os ingleses John Barrow, Jack Greenwell, Ralph Kirby, James Bellamy, Vic Buckingham, Terry Venables, Bobby Robson; Da Hungria, Jesza Poszony, Franz Platko, Ferdinand Daučík e László Kubala; O austríaco Richard Kohn; Patrick O'Connell, da Irlanda; O uruguaio Enrique Fernández; Sandro Puppo, da Itália; Helenio Herrera, Roque Olsen e César Luis Menotti, da Argentina; O sérvio Ljubiša Bročić; Da Holanda, Rinus Michels, Johan Cruyff e Louis van Gaal; Os alemães Hennes Weisweiler e Udo Lattek; E Lucien Müller, da França.

4.2 Os Estrangeiros do FC Barcelona antes do Caso Bosman

Em janeiro de 1988, a o ex-presidente da FEF e membro do Comitê Executivo da UEFA, Pablo Porta, declarou ao *La Vanguardia* que a entidade reguladora do futebol europeu estava estudando a aprovação do terceiro jogador estrangeiro em competições continentais. Segundo Porta, “siempre hemos hablado de limitar el número a tres, nunca a cuatro”.³³⁵ Um mês depois, a discussão sobre a aceitação do terceiro estrangeiro nos elencos dos clubes tomou conta dos noticiários esportivos. O periódico *ABC* noticiou que a chegada de Johan Cruyff traria mudanças no estilo de jogo, a partir de novos jogadores contratados:

La reforma del Barcelona – no la de la entidad, sino la del equipo del club – ha comenzado. Y se hace bien, porque lo primero es nombrar al entrenador futuro y no contratar jugadores para luego ponerlos a disposición del técnico que llega.³³⁶

³³² Jordi Cruyff também possuía cidadania espanhola.

³³³ Luis Cembranos também possuía cidadania espanhola.

³³⁴ A contagem dos dados começa a partir de 1917. Ver: SANTACANA, Carles (dir.). *Barça, 110 anys fent història*. op. cit. p.276.

³³⁵ *La Vanguardia*, 30 de janeiro de 1988, p.33.

³³⁶ *ABC*, 14 de fevereiro de 1988, p.96.

O jornal afirmava que a reforma promovida por Cruyff não afetaria a identidade do clube. E de fato o periódico tem razão, como foi demonstrado até aqui, o elemento estrangeiro sempre esteve presente no FC Barcelona, assim, é possível dizer que a presença estrangeira também fazia parte da identidade do clube catalão. Em outras palavras, mesmo o clube buscando representar a Catalunha, ao contratar diversos jogadores estrangeiros o FC Barcelona também construía uma identidade cosmopolita.

Nesse mesmo sentido, na crônica de Miguel Ors, a questão de estrangeiro no FC Barcelona apareceu de forma curiosa, o jornalista mostrava como o futebol do clube catalão se moldava segundo os jogadores estrangeiros que vestiam a camisa do clube:

– Yo lo tengo claro. El Real Madrid «madridiza» a sus jugadores y a sus entrenadores extranjeros. Con Di Stéfano o con Puskas, con Rial y con Kopa, con Breitner o con Stielike, con Beenhakker o con quien sea, el Real Madrid los disuelve a todos en su estilo, y siempre el Real Madrid es soberanamente fiel a sí mismo. El Barcelona, en cambio, se «maradoniza» con Maradona, y se «menotteriza» con Menotti, o se germaniza con Hudo Lattek, y ahora, que nadie lo dude, se tulipanizará con Johan Cruyff. El Real Madrid – siempre – es el pulpo que se come al cangrejo, mientras que el Barcelona – también siempre – es el cangrejo que se come al pulpo, y que se sepa nunca un cangrejo se ha comido a un pulpo.³³⁷

O jornalista demonstrava como os jogadores estrangeiros determinaram a forma como o FC Barcelona jogava futebol, reforçando a ideia de que o elemento estrangeiro fazia parte do clube catalão. Por outro lado, Ors demonstra também como no Real Madrid esse estrangeirismo era absorvido pelo jogo praticado pelos madridistas. A crônica de Ors também deixa entender o caráter nacionalista da capital, isto é, a absorção quase que completa do jogador estrangeiro ao estilo nacional, espanhol, do Real Madrid.

Em março de 1988 teve início as discussões sobre a regulamentação do terceiro estrangeiro nos elencos dos clubes espanhóis. Por mais que a Federação Espanhola de Futebol permanecesse em silêncio sobre o assunto, a Liga³³⁸, inspirada no modelo italiano, iniciou o movimento para aceitar o terceiro estrangeiro. Segundo o *ABC*,

A pesar de que el silencio en la Federación Española es absoluto en relación a permitir un tercer extranjero en los Campeonatos nacionales de fútbol, todo terminará con la apertura de las fronteras a la ampliación del cupo, que actualmente es de dos. A la Federación, según señala este organismo, nadie se ha dirigido sobre la citada cuestión. Sin embargo, la Liga de Fútbol Profesional parece dispuesta a pedir ese nuevo extranjero.

³³⁷ *ABC*, 16 de fevereiro de 1988, p.71.

³³⁸ A Liga Espanhola não era organizada pela Federação Espanhola de Futebol, e sim pela *Liga de Fútbol Profesional* (LFP), composta pelos clubes.

De esa forma España seguirá los mismos pasos que acaba de dar Italia aprobando el fichaje de un tercer extranjero para para la próxima temporada. Al mismo tiempo, y de alguna forma, el fútbol comienza a tener en cuenta las recomendaciones de la Comunidad Económica Europea, que determina la libre contratación de trabajadores en los países comunitarios, aunque por lo que refiere a España, todavía tiene un período de tiempo para adaptarse a las exigencias de la CEE. Aplicando a este asunto el mejor sentido común, resulta más que recomendable la adaptación escalonada, y no entra de lleno en las disposiciones de la Comunidad cuando llegue el momento.³³⁹

Sobre a notícia, vale destacar que os clubes espanhóis tomaram a iniciativa de se discutir o assunto, inspirados no caso italiano³⁴⁰. Ainda que a Espanha quisesse seguir os passos do futebol italiano, é importante lembrar que a *Associazione Italiana Calciatori* (AIC) ameaçou fazer greve em protesto contra a permissão do terceiro estrangeiro. Segundo o periódico *La Vanguardia*, os jogadores prepararam duas formas de protesto: no dia 14 de fevereiro os jogadores atrasaram as partidas em 30 minutos; já no dia 14 de março, estava previsto um paralisação de todos os jogos da rodada.³⁴¹

Além disso, as determinações da Comunidade Europeia foram incorporadas ao debate, principalmente a livre circulação de trabalhadores. Mesmo sendo uma iniciativa da Liga de Fútbol Profesional, alguns clubes ainda estavam divididos sobre a aceitação do terceiro jogador estrangeiro:

Según el director de relaciones exteriores de la Liga Profesional, Tony Fidalgo, los clubes tienen una opinión diferente sobre el asunto que tratamos. Unos consideran interesante la posibilidad del tercer extranjero mientras que otros opinan de forma opuesta. Y, en definitiva, es a las entidades con mayores recursos económicos a las que puede parecer mejor la medida, en caso de producirse, pues podrían afrontar las contrataciones oportunas, en tanto que los clubes modestos no podrían llevar cómodamente a efecto tal posibilidad. Únase a eso el hecho de que en el mercado no existen los jugadores precisos por calidad y cantidad y en condiciones económicas factibles.³⁴²

A notícia não dá conta do posicionamento de cada um dos clubes, mas fica claro pelos argumentos utilizados por aqueles que não estavam aceitando a mudanças, que os clubes mais ricos da Espanha, como Real Madrid e FC Barcelona, teriam maior poder de compra, e assim acirrariam o abismo entre os grandes clubes e os pequenos. É interessante notar que clubes pequenos já anunciavam um fenômeno que foi evidenciado com clareza anos depois da

³³⁹ *ABC*, 4 de março de 1988, p.62.

³⁴⁰ Conforme demonstra José Paulo Florenzano, o mercado italiano abrir espaço para o terceiro jogador estrangeiro em 1988. Ver: FLORENZANO, José Paulo. “A babel do futebol: atletas interculturais e torcedores ultras”. Revista de História. São Paulo, n.163, p.149-174, 2010.

³⁴¹ *La Vanguardia*, 7 de fevereiro de 1988, p.55.

³⁴² *ABC*, 6 de março de 1988, p.99.

resolução do Caso Bosman. A primeira década do século XXI foi o momento de definição dos mercados, em que os clubes grandes da Europa cresceram ainda mais, enquanto os pequenos se retraíram.

O debate sobre o terceiro jogador estrangeiro foi tão intenso que até técnicos de outras modalidades se manifestaram. O técnico da seleção espanhola de basquete, Antonio Díaz Miguel, declarou:

La presencia de un tercer extranjero seria nefasta para la Liga y para la selección española. Hace tiempo que se hizo una prueba con cuatro extranjeros y fue un fracaso. Hoy no sería igual, pero la Liga perdería personalidad y sería malísimo para el equipo nacional teniendo los Juegos Olímpicos de Barcelona. En la selección los jugadores se encuentran al límite de edad y para sustituirlos hay que encontrar jóvenes. Yo no culpo a los entrenadores, pues ellos poco pueden hacer teniendo en la plantilla a dos extranjeros que reciben 150.000 dólares de paga y a los que hay que sacar un alto rendimiento.³⁴³

É bem verdade que o Antonio Díaz Miguel estava falando do contexto do basquete espanhol, mas pelo tom da sua fala, não deixa dúvidas que estava apontando para aquilo que alguns estudiosos denunciaram tempos depois, isto é, uma suposta perda de uma identidade nacional, do estilo nacional.

Enquanto os clubes, Federação e Liga se movimentavam, os jogadores se posicionaram sobre o assunto. Por meio a *Asociación de Futbolistas Españoles* os jogadores rechaçaram “la ampliación del cupo de jugadores extranjeros permitido por la reglamentación federativa actual.”³⁴⁴ O mais curioso na noticia é que a Associação de Futebolistas Espanhóis (AFE) atacou primeiramente o posicionamento do FC Barcelona que chegou a contar com quatro estrangeiros no clube, mesmo com a determinação que apenas dois poderiam jogar e ser escalado. Segundo o periódico *ABC*, a Associação:

Admite el «status» de dos y se opone a que sean tres, como pretendió anticipadamente el Barcelona – que llegó a tener fichados hasta cuatro jugadores importados – y tantea ahora el Atlético de Madrid, partidario del mayor espectáculo posible, al modo italiano, muy en superprofesionalismo. El Real Madrid es partidario de dos y lo sería de tres, pues cualquier fórmula le sirve para acertar cuantitativa y cualitativamente.³⁴⁵

³⁴³ *ABC*, 13 de março e 1988, p.106.

³⁴⁴ *ABC*, 7 de abril de 1988, p.69.

³⁴⁵ *Idem*.

Segundo a notícia, os três principais clubes da Espanha aceitariam o terceiro jogador, desde que contribuísse para o espetáculo. Mas o argumento central da AFE era a defesa do mercado nacional:

La AFE está en su papel de defensa nacional. Es un sindicato de jugadores y podría acentuar más aún su postura frente a la invasión extranjera. Acepta dos por club y ya es comprensión y flexibilidad. No necesita dar explicaciones de tipo económico para defender su criterio, entre otras razones porque no es más caro el mercado extranjero que el nacional. La superfigura, el «fenómeno», sí alcanza cifras exorbitantes, pero el jugador de tipo medio, sudamericano o del este europeo, por ejemplo, es relativamente barato. Por línea económica comparativa es por donde puede perder la razón el colectivo nacional de jugadores, pues nuestro mercado interior ha subido de precio, a pesar de haberse suprimido el «derecho de retención». La razón de peso es la «deportiva» nacional, después de la natural defensa que la AFE debe hacer para que los puestos de trabajo sean para los españoles, ya que son trabajadores.

Por outro lado, se baseavam nos acordos comerciais entre os países europeus. Além disso, a AFE ora se posicionou enxergando o jogador como trabalhador, ora como mercadoria. Esse mesmo debate voltaria com o caso Bosman, em 1996.

La importación de jugadores se produce por análoga razón que la importación de productos agrícolas. El futbolista no es un producto de primera necesidad. Puede serlo si se seca la cantera de jugadores españoles. En este momento tenemos buenos jugadores propios. Dos extranjeros por equipo es un cupo prudente que sirve para reforzar cualquier cuadro. La AFE está, pues, en su línea. La Federación es desde su fundamento nacional la obra y el criterio de los clubes, pero para su proyección internacional y su política de crédito necesita jugadores españoles representativos, que puedan formar en la selección y participar con la mayor altura posible en Copas de Europa y del Mundo. Este nacionalismo empieza en los clubes y su defensa corresponde a la Federación. Ella es el espíritu y la materia: la Liga Profesional, si opinara lo contrario, sería la materia nada más y equivocada a la larga. El concepto del deporte nacional hay que sostenerlo frente a las presiones o licencias del Mercado Común sin que el derecho comunitario obligue.³⁴⁶

Ao final da notícia fica claro que a AFE se posicionava contrária ao terceiro jogador estrangeiro argumentando, entre outras coisas, que a Federação Espanhola, se quisesse construir um futebol nacional forte, deveria rechaçar a proposta da Liga e dos clubes.

Em meio ao debate, um pequeno clube da Catalunha anunciou que contrataria um jogador sul-africano. O Unió Esportiva Figueres tinha intenção de contar Owen da Gama, mas devido às restrições da Federação, o jogador nunca vestiu a camisa do pequeno clube de Girona. Segundo o *La Vanguardia*, a entidades esportivas não deram conta de analisar o caso do jogador, que foi levado ao *Ministerio de Asuntos Exteriores*:

La falta de jurisprudencia sobre este tema ha causado más de un problema la UEFA y a la Federación Española de Fútbol, que no se han pronunciado. Un episodio

³⁴⁶ *Idem.*

inédito en un tema de actualidad: el de las delicadas relaciones con los deportistas sudafricanos profesionales.³⁴⁷

A Federação Espanhola de Futebol não quis se pronunciar sobre o assunto, assim o caso foi levado para o Ministério de Assuntos Exteriores da Espanha. O órgão do governo espanhol não concedeu o visto de trabalho ao jogador, que foi impedido de jogar pelo Figueres.

A questão do visto de trabalho foi um dos grandes impeditivos para a aceitação do terceiro jogador estrangeiro na UEFA. Enquanto países como Espanha e Itália resolviam as essa questão internamente, o Parlamento Europeu também buscava uma solução ante a entidade máxima do futebol europeu. O deputado holandês James van Raay, iniciou uma discussão sobre a livre circulação de jogadores em reunião realizada em Portugal. Segundo o periódico *La Vanguardia*:

El conflicto tiene su origen en la exigencia de la Comunidad Económica Europea de aplicar a todos los deportistas sus normas sobre la libre circulación de trabajadores en todo el espacio comunitario.

La UEFA (Unión Europea de Asociaciones de Fútbol) rechaza la posición de la CEE porque considera que los futbolistas tienen una condición diferente a la generalidad de los trabajadores y que el fútbol, como los demás deportes considerados de alta competición, tiene reglas propias y una independencia reconocida por todos los estados.³⁴⁸

O então presidente da Federação Portuguesa de Futebol, Antero da Silva Resende, declarou, após reunião com Van Raay, que:

(...) para la UEFA y otras confederaciones, un jugador de fútbol no es un trabajador común, como tampoco son comunes los policías, los funcionarios y los militares, quienes por este motivo están excluidos de las normas comunitarias de libre circulación.³⁴⁹

Segundo a matéria do *La Vanguardia*, Resende afirma que não cabe a UEFA decidir quem são os jogadores estrangeiros, essa questão deve ser resolvida internamente em cada país, e caso o jogador venha a ser reconhecido como um cidadão daquele país, isto é, naturalizado, a União Europeia deve aceita-lo como cidadão europeu. A discussão iniciada por Van Raay e Resende só terá um desfecho favorável aos clubes após a resolução do caso

³⁴⁷ *La Vanguardia*, 12 de maio de 1988, p.67.

³⁴⁸ *La Vanguardia*, 17 de julho de 1988, p.62.

³⁴⁹ *Idem*.

Bosman, mas o argumento central do debate já estava colocado: a questão da livre circulação de trabalhadores na Comunidade Europeia.

Especificamente sobre o caso espanhol, é interessante notar que mesmo antes da provação do terceiro estrangeiro, o *La Vanguardia* noticiava a busca do FC Barcelona em preencher a segunda (e uma suposta terceira) vaga para a temporada 1988-1989, chegando a especular nomes para essa terceira vaga.³⁵⁰ A definição veio com a oficialização da contratação do jogador brasileiro Aloísio, que veio do Sport Club Internacional de Porto Alegre.³⁵¹

No dia 1 de julho de 1988, a LFP aprovou o terceiro estrangeiro, entretanto, a definição de quando a nova regra começaria a valer levou quase dois meses. No dia 19 de agosto, a aprovação foi levada à FEF que ratificou a proposta da LFP:

La Asamblea General de la Federación Española de Fútbol aprobó ayer la contratación de un tercer futbolista extranjero por parte de los clubes de Primera y Segunda divisiones esta misma temporada, esto es la 88-89, que empieza el próximo día 4 de septiembre.³⁵²

A vitória da LFP, com o aval da FEF, significou a derrota da Associação de Futebolistas Espanhóis, pois a AFE defendia que a proposta deveria incluir também o sindicato dos jogadores. Sobre essa reunião, vale lembrar que todos os presidentes dos clubes das duas divisões principais da Espanha estavam presentes. Enquanto os presidentes do Real Madrid e do FC Barcelona se posicionaram a favor do terceiro estrangeiro, o presidente do Athletic Bilbao se mostrou contrário à proposta, usando o discurso regionalismos basco como argumento.³⁵³

Se repararmos nos elencos do FC Barcelona entre 1989 a 1995, isto é, referente ao período em que os clubes podiam contar com até três jogadores estrangeiros em seus elencos, veremos que paulatinamente o número de jogadores não espanhóis cresceu significativamente. Na temporada 1988-89, eram apenas três: Aloísio, Romerito (Paraguai) e Gary Lineker; Na temporada seguinte, o clube catalão conta com quatro: Aloísio, Ronald Koeman (Holanda), Michel Laudrup (Dinamarca) e Lucendo (Andorra); Na 1990-91, eram três: Koeman, Laudrup e Hristo Stoichkov (Bulgária); Na temporada 1991/92, foram quatro: Koeman, Laudrup, Stoichkov e Richard Witschge (Holanda); Na seguinte, novamente quatro: Koeman, Laudrup, Stoichkov e Goran Vucevic (Croácia); Na temporada 1993-94, foram

³⁵⁰ Ver: *La Vanguardia*, 22 de junho de 1988, p.67; 12 de julho de 1988, p.68; 4 de agosto de 1988, p.30; 12 de agosto de 1988, p.29.

³⁵¹ *La Vanguardia*, 16 de agosto de 1988, p.33.

³⁵² *La Vanguardia*, 20 de agosto de 1988, p.28.

³⁵³ *Idem*.

cinco estrangeiros que vestiram a camisa do FC Barcelona: Koeman, Laudrup, Stoichkov, Romário (Brasil), Erelund (Dinamarca) e Jordi Cruyff (Espanhol com cidadania holandesa); Na temporada seguinte, foram seis: Koeman, Stoichkov, Romário, Jordi Cruyff, Hagi (Romênia) e Igor Korneev (Rússia); Na temporada 1995-96, novamente seis jogadores estrangeiros: Hagi, Jordi Cruyff, Figo (Portugal), Popescu (Romênia), Prosinecki (Croácia), Meho Kodro (Iugoslávia).

Aos poucos os clubes foram se ajustando as determinações, e aos poucos, a restrição de contar apenas com três jogadores no elenco foi contornada. Uma explicação possível para isso é que as regras da FEF impediam o clube de escalar mais do que três estrangeiros por jogo, entretanto, não impedia o clube de contratar outros estrangeiros, e inscreve-los em outras competições. Esse quadro mudaria completamente com a resolução do caso Bosman.

4.3 O Caso Bosman e o FC Barcelona

Em 1988, o jogador de futebol belga, Jean-Marc Bosman, assinou um contrato com o clube belga RFC Liège. Dois anos depois, com o seu contrato no fim e com um salário que fora reduzido durante a permanência do jogador no clube, Bosman recebeu uma proposta do Dunkerque, da segunda divisão da Liga Francesa, e pretendia deixar o clube belga. Todavia, o RFC Liège não queria abrir mão de seu jogador, e caso o fizesse seria para lucrar com a sua possível transferência. Então o clube belga estabeleceu uma taxa de transferência que impedia que Bosman fosse para o Dunkerque. Assim, a saída do jogador não se concretizou, forçando-o a permanecer no RFC Liège.

Em 1990, logo após o início da temporada, Bosman decidiu mover uma ação contra o RFC Liège, na tentativa de quebrar os vínculos contratuais que, além de impedir o jogador de atuar profissionalmente, sofria com a exclusão do time principal e com o salário reduzido. O ato de Bosman mudaria radicalmente a política de contratação dos clubes europeus, expondo as contradições do futebol moderno.

Em novembro desse mesmo ano, o jogador ganhou a causa na justiça comum belga, conseguindo assegurar a sua transferência para um clube da terceira divisão da França, o Olympique Saint-Quentin, após rescindir o contrato com o antigo clube. Devido ao caráter excepcional da transferência de Bosman, por intermédio de um tribunal, o Liège não recebeu nenhuma quantia em dinheiro relacionado à transferência. Passado um ano, o Liège recorreu à decisão e levou o caso para o Tribunal de Justiça da Bélgica, a ação do clube impediu Bosman de atuar como jogador até a sentença ser proferida.

O caso do jogador belga reabriu a discussão entre a Comunidade Europeia e a UEFA. Em 1991, o periódico *La Vanguardia* noticiou:

El Parlamento Europeo declaró ayer la guerra a la Unión Europea de Asociaciones de Fútbol (UEFA) al pronunciarse en contra de las normas que rigen en los traspasos de futbolistas profesionales y contra los límites a la contratación de jugadores extranjeros comunitarios. Las normas UEFA incluyen una cláusula de indemnización al club de procedencia del jugador "por formación de futbolista" en caso de fichaje y facultan a las federaciones nacionales a que limiten en los equipos la participación de jugadores de origen comunitario.³⁵⁴

Em outras palavras, o Parlamento Europeu, com base nos acordos firmados entre os países da Comunidade Europeia, questionou as imposições da UEFA com relação à limitação de jogadores estrangeiros, mesmo estes sendo considerados cidadãos europeus, e, portanto, não seriam considerados estrangeiros. Segundo o Parlamento, as normas da UEFA eram “obstáculo a la libre circulación de trabajadores y al derecho de libre establecimiento”,³⁵⁵ um dos princípios fundamentais da Comunidade Europeia, que entrariam em vigor a partir do dia 1 de janeiro de 1993.

Admais de questionar a livre circulação de trabalhadores na comunidade europeia, o Parlamento Europeu questionou também os contratos firmados entre clubes e jogadores, que no limite, transformavam os jogadores em escravos dos clubes. O periódico termina a matéria entrevistando o comissário europeu para assuntos de mercado interior, Martin Bangemann. Nas palavras de Bangemann: “todo jugador profesional, al final de su contrato, tendrá la libertad de acordar otro con el club de su elección”, e “la indemnización que el club contratante tendrá que pagar al club de traspaso deberá tener particularmente en cuenta la inversión realizada para la formación de jugadores jóvenes”.³⁵⁶

Em suma, a proposta do Parlamento Europeu era considerar os jogadores como trabalhadores comuns, e assim, dar passe livre aos jogadores para circularem no mercado europeu. Nesse sentido, é possível dizer que por trás da proposta havia interesses comerciais, uma vez que as transações de jogadores entre os clubes europeus movimentaria a economia dos países membros da Comunidade Europeia.

Ainda afastado do Saint-Quentin, e recebendo o seguro desemprego da França, Bosman tentou jogar no incipiente – e quase amador – futebol da Ilha da Reunião. Sem sucesso, o jogador retornou à Bélgica, em 1992, agora sem vínculo contratual com nenhum

³⁵⁴ *La Vanguardia*, 20 de novembro de 1991, p.39.

³⁵⁵ *Idem.*

³⁵⁶ *Idem.*

clube e sem receber seguro desemprego ou outro subsídio qualquer. Bosman ficou um ano sem atuar, e em 1993 assinou contrato com o Royal Olympic Club de Charleroi-Marchienne, da segunda divisão do futebol belga. O seu contrato com o Olympic de Charleroi durou apenas um ano, e em 1994 assinou com o Visé, da quarta divisão belga.

Finalmente, só em 1995 as resoluções judiciais começaram a ter a uma definição concreta. Em março daquele ano, o Tribunal Supremo da Bélgica rejeitou o recurso apresentado pelo Liège, pela Federação Belga de Futebol e pela *Union of European Football Associations* (UEFA). Dois meses depois, o caso foi levado para o Tribunal de Justiça da União Europeia, evidenciando que a questão não era um problema do futebol belga, mas sim do futebol europeu como um todo.

Os advogados de Bosman basearam-se o argumento no Tratado de Roma (1957), que previa, dentro de diversas resoluções para uma unificação da Europa, a livre movimentação de pessoas, trabalhadores, capitais e serviços no mesmo espaço político e econômico. O dito Tratado expressava claramente a liberdade de movimentação de trabalhadores dentro da comunidade europeia. Essa premissa, como argumento central da defesa do jogador Bosman, mudaria drasticamente os elencos dos times europeus, após a resolução do caso.

Em setembro daquele ano, o editorial do *La Vanguardia* discutiu o caso e se mostrou favorável a contração de jogadores estrangeiros. Após apresentar o caso brevemente, o jornal analisou os pontos em favor do jogador belga, segundo editorial:

(...) el de que sea respetada su libertad de movimientos y de contratación por todos los clubes de la Unión Europea sin discriminaciones por razón de nacionalidad. En otras palabras: lo que pide Bosman no es otra cosa que la aplicación en el terreno futbolístico del espíritu de Maastricht. Aquello que se le permite a un dentista, a un agrimensor o a una comadrona les es limitado a los futbolistas debido al reglamento restrictivo de la UEFA, que establece que en cada partido sólo podrán alinearse tres extranjeros de cada equipo. Ni uno más.³⁵⁷

É bem verdade que a defesa do jogador também utilizou o Tratado Maastricht (1992), que previa, entre outras coisas, a livre circulação de produtos, pessoas, serviços e capital. Entretanto, os advogados do jogador basearam-se no Tratado de Roma (1957), com resoluções parecidas e mais consolidadas. Na segunda parte do editorial, fica evidenciado não apenas a incapacidade da UEFA em lidar com os novos tratados firmados pelos países membros da União Europeia, mais também as vantagens da livre circulação de jogadores.

³⁵⁷ FÚTBOL Y MAASTRICHT. Editorial. *La Vanguardia*, 22 de setembro de 1995, p.22.

El caso Bosman pone de relieve la escasa voluntad de adaptación de la UEFA a las directrices de la Unión Europea. [...] En el caso de los extranjeros el divorcio se mantiene. Mientras la Federación tiende a cerrar el mercado con actitudes proteccionistas, los clubs más solventes desearían ampliar el cupo de extranjeros con el fin de garantizar un mejor espectáculo deportivo que, a buen seguro, revertiría en sus cuentas de resultados. No sólo los clubs grandes: también los clubs modestos se verían beneficiados por una ampliación del mercado de jugadores al poder ir a fichar futbolistas a precios más competitivos que los que rigen los mercados español e italiano, sin lugar a dudas los más caros de la UE.³⁵⁸

Sobre o trecho acima, cabe pontuar algumas coisas. Para o *La Vanguardia*, a livre circulação de atletas estrangeiros era uma questão econômica importante, pois geraria receitas para os clubes. Do ponto de vista futebolístico, os jogadores estrangeiros melhorariam o espetáculo esportivo – que aquela altura, já estava sob o monopólio das televisões, principalmente na Espanha. Nesses dois pontos o editorial é preciso, entretanto, quando abordar a relação entre os clubes grandes e pequenos, o periódico comete um equívoco. O mercado da bola inflacionou alguns anos após a resolução do caso Bosman, reforçando o abismo entre os clubes grandes e pequenos. Por fim, é curioso notar que o jornal da Catalunha não abordou, em momento nenhum, a questão o nacionalismo ou do regionalismo catalão, muito menos a questão da identidade nacional dos clubes e a presença massiva de jogadores de outras nacionalidades no futebol local.

Em novembro de 1995, a UEFA apresentou um manifesto que constava a assinatura de 49 presidentes das federações nacionais de futebol, no qual expunha os perigos que uma resolução pró-Bosman poderia causar no futebol europeu. A entidade máxima do futebol da Europa argumentava que, caso o tribunal decidisse em favor do jogador, abriria um abismo entre o clube mais pobre e os clubes mais ricos do velho continente. De fato, o perigo anunciado pela UEFA se concretizou anos depois.³⁵⁹

No mês seguinte, o periódico *La Vanguardia* publicou uma tabela mostrando o que mudaria em cada elenco dos clubes da primeira divisão caso os tribunais europeus dessem um sentença favorável ao Bosman. No caso do FC Barcelona, apenas o português Luis Figo

³⁵⁸ *Idem.*

³⁵⁹ Os três pontos da carta aberta da UEFA: “El desmantelamiento de estas regulaciones en la Unión Europea significará que: 1. Las actuales naciones unidas del fútbol europeo se separarán en dos grupos operando con dos sistemas diferentes. Claro está que la Unión Europea de Asociaciones será colocada en una posición diferente de la del resto del mundo. 2. El abismo existente entre los pocos clubs grandes en cada nación y el resto del fútbol se volverá gigante. Cientos de clubs de talla mediana y pequeña se quedarán sin existencia, o en el mejor de los casos, tendrán que descender a un nivel más bajo, volviéndose semiprofesionales o amateurs. 3. Una preocupación aún mayor es el hecho de que, sin incentivo, muchos clubs medianos y pequeños abandonarán a sus equipos juveniles caros y los esquemas de entrenamiento de los juveniles, causando un gran vacío en el entrenamiento de gente joven hacia estándares profesionales. Cientos de personas jóvenes sin medios y sin el sueño de progresar lentamente subiendo los diferentes niveles del fútbol hasta llegar a la cima, abandonarán el juego para regresar a las calles, con todas las consecuencias sociales que esto puede conllevar. *ABC*, 4 de noviembre de 1995, p.84.

deixou de ser considerado um estrangeiro. Nessa mesma matéria, é possível encontrar algumas opiniões de jogadores e ex-jogadores sobre a resolução do caso. O ex-jogador e auxiliar técnico do FC Barcelona, Carles Rexach afirmou que “en España no creo que se lleve a la práctica nunca”.³⁶⁰ É curioso notar que para Rexach a questão era tão pequena que ele acreditava que os clubes continuariam contratando poucos estrangeiros. Além disso, na fala do catalão não aparece nenhuma referência ao nacionalismo catalão.

No dia 16 de dezembro, o periódico *La Vanguardia* comentou mais uma vez em seu editorial o caso Bosman. Após explicar a resolução, o editorial elogiava a solidificação do mercado europeu do futebol:

Esta desreglamentación permitirá de ahora en adelante que todos los clubs, los grandes, pero sobre todo los modestos, se beneficien de una ampliación del mercado de jugadores donde poder fichar futbolistas a precios más competitivos. Y permitirá acabar con las compensaciones por traspaso que hoy debe pagar el club que recibe al jugador y que limitan su libertad de circulación.³⁶¹

E por fim, concluiu exaltando o espírito de união e integração dos povos que a UE promovia:

La construcción de la Unión Europea también avanza en esos detalles. Europa es el ámbito en el que los europeos nos movemos, trabajamos y vivimos. Y la condición de europeos con todos los derechos no puede colisionar ni con el empleo de futbolista ni con los criterios particulares de ciertos empleadores.³⁶²

Nos dois trechos selecionados, o periódico *La Vanguardia* enxerga de maneira positiva o desfecho do caso, deixando clara a sua postura com relação ao caso do jogador belga, e também com relação ao mercado da bola.

Em dezembro de 1995, o Tribunal de Justiça da União Europeia deliberou a favor do jogador Bosman, e contra o Liège, a Federação Belga de Futebol e a UEFA, sem direito a apelação. Tal medida implicou uma reformulação na regulamentação de transferências da FIFA. A resolução resultou em duas decisões:

O pagamento de transferências por jogadores cujo contrato expirou é ilegal, desde que o jogador se transfira de um clube pertencente a um Estado-Membro para outro. A restrição em relação ao número de estrangeiros é, igualmente, ilegal. Todos os atletas cuja nacionalidade seja a de um país Estado-Membro da União Europeia não

³⁶⁰ *La Vanguardia*, 16 de dezembro de 1995, p.43.

³⁶¹ *La Vanguardia*, 18 de dezembro de 1995, p.22.

³⁶² *Idem*.

podem ser considerados estrangeiros dentro de um diferente país Estado-Membro da União Europeia.³⁶³

No limite, a decisão do Tribunal garantiu a liberdade de Bosman, e de todos os outros jogadores europeus. Diante da resolução, o secretário-geral da Liga Espanhola, Jesús Samper, anunciou que nada iria mudar, todavia a decisão entraria em vigor a partir de março 1º de março de 1996.

Sem um período de transição, e antes mesmo de entrar em vigor, a decisão do Tribunal foi acatada pela Federação Inglesa de Futebol e pela Federação Alemã de Futebol. O futebol italiano também acenou para a livre circulação de jogadores da comunidade europeia, já o futebol espanhol apresentou certa resistência, mas teve que ceder diante da pressão do Tribunal.

A UEFA tentou buscar apoio das equipes para impedir que a decisão fosse levada adiante. Sem um consenso entre os clubes e as federações nacionais, a UEFA não conseguiu o apoio necessário para barrar a decisão.

Assim, acabou tendo de acatar oficialmente a sentença do Caso Bosman e anulou a regra que limitava a três o número de estrangeiros nos seus times associados.³⁶⁴

O caso de Bosman, aparentemente, surge como uma regra para o esporte, e principalmente para o futebol, dentro do velho continente. Entretanto, a decisão a favor do jogador pode ser visto como uma resolução trabalhista, uma vez entende que o jogador tem os mesmos direitos que qualquer outro trabalhador e cidadão europeu. Em outras palavras, o caso Bosman pode ser entendido como uma lei que garante ao jogador de futebol, e qualquer outro esportista europeu, o direito de livre circulação dentro da União Europeia, como qualquer outro trabalhador.

Por outro lado, o caso abriu um novo mercado e modificou radicalmente o cenário do futebol europeu. Como aponta Favero, a decisão

[...] acabou com o preço do passe dos jogadores. E desde então alguns clubes faliram, já que não podiam mais contar com o dinheiro das transferências dos jogadores que revelavam. A situação gerou uma bola de neve, com perda de

³⁶³ FERREIRA, Pedro Tiago da Silva. *O Impacte do Acórdão Bosman na Estrutura Desportiva Europeia*. Lisboa: Universidade de Lisboa - Faculdade de Letras, Mestrado em Políticas Europeias, 2008. p.41.

³⁶⁴ FAVERO, Paulo Miranda. *O efeito da Lei Bosman no futebol*. Ludopédio: Arquivancada 05 de novembro de 2009. Último acesso: 6 de outubro de 2014 às 15h44.

< <http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/arquivancada/artigo/59> >.

identidade dos times, aumento do preço dos ingressos, elitização dos torcedores, atos de violências racistas e nacionalistas.³⁶⁵

É nesse cenário do futebol globalizado da segunda metade dos anos 1990 que o FC Barcelona se insere. Ora assumindo uma dimensão global, ora questionando o seu caráter nacionalista, que remonta quase um século de história e de identificação com a Catalunha.

Com a resolução do caso Bosman, e a saída de Cruyff, o FC Barcelona passou a contratar ainda mais jogadores de outras nacionalidades para vestir a camisa do clube. Na temporada 1996-97, já sob o comando técnico do inglês Bobby Robson, o clube catalão contratou onze jogadores de oito nacionalidades diferentes.

Os franceses Laurent Blanc (1996-1997) e Dugarry (1997); E os portugueses Vítor Baía (1996-1999) e Fernando Couto (1996-1997) já não contavam com jogadores estrangeiros, o que abriu o mercado para a contratação de jogadores de outras nacionalidades, como por exemplo, do Brasil (Giovanni – 1996-1999, Ronaldo Nazário – 1996-1997 e D’Marcellus – 1996-1997), da Argentina (Juan Antonio Pizzi – 1996-1998), de Camarões (Patrick Suffo – 1996-1997), da Nigéria (Amunike – 1996-1998) e da Sérvia (Pecelj – 1996-1997). Pela nacionalidade dos jogadores, fica evidente que a flexibilização do cenário europeu facilitou a exploração de novos mercados como o sul-americano, o africano e do leste-europeu.

O rápido crescimento do número de estrangeiros no futebol espanhol incomodou as principais entidades futebolísticas da Espanha. No dia 12 de julho de 1997, o periódico *La Vanguardia* publicou uma nota com o seguinte título “La Federación y el sindicato de futbolistas se unen contra los extranjeros”.³⁶⁶ Tanto a FEF, quanto a AFE enxergaram a resolução do Caso Bosman como intransigente, e uma vontade escusa dos clubes para contratar jogadores. Na matéria, as duas entidades buscavam a redução do número de estrangeiros no futebol espanhol, o principal argumento utilizado era o enfraquecimento, em longo prazo, da Seleção Espanhola. Ambas estavam elaborando um documento pedindo a intervenção do Conselho Superior de Deportes, isto é, estavam recorrendo ao governo espanhol para solucionar a questão.

Para a temporada 1997-1998, o FC Barcelona contratou o técnico Luis Van Gaal. O holandês ficaria no comando técnico até a temporada 1999-2000. Valendo-se da resolução Bosman, Van Gaal contou com diversos jogadores de nacionalidades distintas nesse período, sobretudo de origem holandesa. Entre os anos de 1997 a 2000, nove holandeses vestiram a camisa do FC Barcelona: Reiziger, Ruud Hesp, Bogarde, Zenden, Philippe Cocu, Kluivert,

³⁶⁵ *Idem.*

³⁶⁶ *La Vanguardia*, 12 de julho de 1997, p.39.

Frank e Ronald De Boer; o francês Frédéric Dèhu e o português Simão Sabrosa também jogaram pelo clube catalão nesse período, e não foram tratados como estrangeiros. Por outro lado, o clube contratou diversos jogadores sul-americanos, africanos e do leste-europeu: Sony Anderson e Rivaldo, do Brasil; Maurício Pellegrino, da Argentina; Okunowo e Bababgida, da Nigéria; o senegalês Serigne; o sérvio Ciric; e Seyit Cen Unsal, da Turquia.

A presença de várias nacionalidades no clube catalão não foi muito bem assimilada por parte de alguns jogadores do elenco principal, que usaram o espaço da imprensa para denunciar os perigos de se ter várias nacionalidades em um mesmo plantel. Por outro lado, a imprensa também se posicionou e passou a questionar se o clube realmente era um representante da Catalunha.

A crescente presença de jogadores estrangeiros teve o seu estopim em 1999 quando o FC Barcelona anunciou a contratação de mais dois jogadores estrangeiros. Um pouco antes da chegada dos irmãos De Boer, o jogador catalão Óscar Garcia, que se profissionalizou no FC Barcelona, se irritou com a sua possível saída do clube e questionou o tratamento diferente para os jogadores estrangeiros e os formados no próprio clube. Óscar afirmou que após o caso Bosman, os jogadores catalães eram tratados como os estrangeiros antes da resolução, assim como Óscar, o seu companheiro de clube, e também catalão, Sergi Barjuan reforçou as críticas:

(...) Para el delantero, los futbolistas catalanes parecen ahora “extranjeros” porque son cada vez más una minoría en la plantilla.
 “Esto está cambiando mucho. Parece que los jugadores de la casa somos los extranjeros, en el sentido del número que somos”, manifestó Óscar. Su compañero Sergi Barjuan coincidió en esa valoración: “El fútbol ha cambiado mucho con la sentencia Bosman. Antes tenías cuatro o cinco extranjeros que eran los que marcaban la diferencia y los jugadores de la cantera se sentían más protegidos”.³⁶⁷

Os dois jogadores se mostravam incomodados com a presença de vários jogadores estrangeiros no elenco, pra além de perder espaço no elenco principal, os jogadores reclamavam a falta de prestígio dos jogadores catalães.

Segundo o periódico *El Mundo Deportivo*, após a contratação de mais dois holandeses, “el doble fichaje de los Hermanos **De Boer** ha provocado un cierto mal estar en el seno de la plantilla”.³⁶⁸ Com a contratação dos irmãos Frank e Ronald De Boer, o clube somava oito holandeses, ao passo que dos 26 jogadores do elenco, apenas 10 eram espanhóis.

³⁶⁷ *La Vanguardia*, 22 de janeiro, 1999, p.29.

³⁶⁸ Grifo original. *Mundo Deportivo*, 16 de janeiro de 1999. p.8.

Ainda sobre a contratação dos irmãos holandeses, o periódico *La Vanguardia* publicou uma matéria com Kluyvert que também era holandês. A matéria foi intitulada da seguinte forma: “Kluyvert asegura que es peligroso para el Barça tener tantos holandeses en el equip”³⁶⁹. Segundo o atacante do FC Barcelona, a “*holandización*” poderia criar uma expectativa ainda maior sobre os holandeses do elenco, fato que, em caso de derrota, geraria uma crítica muito maior sobre os holandeses do FC Barcelona do que sobre os demais jogadores do elenco. Além disso, Kluyvert também afirmava que a presença massiva de holandeses no clube poderia dar a impressão de que o futebol espanhol e os jogadores espanhóis estariam em um nível inferior ao futebol da Holanda. No dia anterior, o *La Vanguardia* trazia uma pequena nota na qual noticiava que o muro em frente ao escritório do clube fora pichado com os dizeres: “Menos tulipanes y más catalanes, Frank sí, Ronald, no”.³⁷⁰

Nesse mesmo dia, encontra-se no periódico *ABC* uma crônica sobre a contratação dos jogadores holandeses, em que o autor narrou uma suposta reação dos torcedores do FC Barcelona. Em um trecho, que simula a fala de um torcedor do FC Barcelona, é possível ler: “[...] el Barcelona ha dejado de ser ‘más que un club’ para transformarse en el club-colonia de Holanda”.³⁷¹

No dia 24 de janeiro, o *La Vanguardia* publicou um editorial no caderno de esporte com o seguinte título: “Denegado el derecho al fracaso”. Em suma, o editorial comparou a chegada dos irmãos De Boer com a contratação do holandês Johan Cruyff, em 1973. Nos dois casos, criou-se uma expectativa em que a torcida não daria o luxo desses jogadores fracassarem no clube. A passagem de Cruyff como jogador foi vitoriosa, e como treinador foi ainda mais, entretanto, a chegada dos irmãos gêmeos parecia uma incógnita. Segundo o editorial:

(...) la llegada de los gemelos ha desatado un terremoto equiparable al que suscitó en su día el fichaje de Johan Cruyff, hace más de un cuarto de siglo. En ese momento de las postrimerías del franquismo, voces escandalizadas (por lo que había costado el gran Johan) se levantaron en el resto de España, temerosas del auge y la proyección internacional que adquiriría el Barça con aquel fichaje. Ahora, el frente de rechazo está en Cataluña, mientras los clubs del resto del Estado tratan de disimular la envidia que les provoca el poderío catalán. Por ello, la inclusión en el equipo de los dos famosos hermanos, facilitada por las lesiones de Reiziger y Xavi, añade al encuentro de hoy el ingrediente del morbo. Porque, a medida que la plantilla azulgrana incrementa su potencial teórico, crecen también las expectativas y el legítimo grado de exigencia de su público y la presión sobre el equipo será

³⁶⁹ *La Vanguardia Española*, 17 de janeiro de 1999. p.56.

³⁷⁰ *La Vanguardia Española*, 16 de janeiro de 1999. p.27.

³⁷¹ *ABC*, 16 de janeiro de 1999. p.80.

mayor. Los hermanos Frank y Ronald de Boer notarán hoy el cosquilleo de esa presión y sabrán que les está negado el derecho a fracasar.³⁷²

Em suma, o editorial mostra como o FC Barcelona reforçou a sua projeção internacional com a contratação dos jogadores estrangeiros, foi assim com Cruyff, em 1973, e com os gêmeos De Boer, em 1999. É bem verdade que foi assim em diversas contratações de estrangeiros, na década de 1990, o clube catalão buscou se reforçar – e consequentemente, se projetar internacionalmente – contratando os melhores jogadores da época. Como por exemplos, os brasileiros Romário, Ronaldo e Rivaldo que participaram das Copas do Mundo de 1994 e 1998, ou os holandeses Frank De Boer, Reiziger e Kluivert do AFC Ajax vitorioso na Europa entre 1993 a 1996.

Analisando a presença de jogadores estrangeiros no FC Barcelona, principalmente no final do século XX, é possível notar uma tensão entre o global e o regional. Se por um lado havia um caráter globalizante na medida em que o clube contratava jogadores estrangeiros, por outro, havia um conflito com a identidade catalã que o clube havia construído ao longo dos seus quase cem anos de existência.

³⁷² *La Vanguardia Española*, 25 de janeiro de 1999. p.53.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

El Barça es una manera de enseñar Catalunya al exterior.³⁷³

A longa história do FC Barcelona se confunde facilmente com a história da Catalunha na Espanha contemporânea. Nos momentos mais críticos da história da região e do país o clube se aproximou do nacionalismo catalão. Entretanto, como foi demonstrado, os anos de 1990 foram marcados pela mercantilização do futebol, e pela vontade do clube em internacionalizar-se.

Pablo Alabarces também demonstrou que entre a globalização do futebol e a identidade local do FC Barcelona, o clube catalão buscou uma dimensão local, reescrevendo o seu discurso local. A ressignificação desta dimensão pode ser facilmente observada nos acordos televisivos que o clube assinou na última década do século XX. Como afirma Matinas Suzuki Jr.:

Não há dúvida de que a grande parceira do futebol é a televisão. Graças a ela, o futebol conquistou escala global e, nos campeonatos mais ricos, ela é responsável por considerável parcela do faturamento dos clubes e dos jogadores.³⁷⁴

Nesse sentido, é possível dizer que graças ao dinheiro proveniente dos contratos televisivos, o clube passou a contratar mais jogadores, principalmente estrangeiros. No caso do FC Barcelona, até os primeiros anos da década de 1990, boa parte da receita do clube era fruto dos sócios, o sistema associativo garantia uma vida econômica estável e prospera. Entretanto, com a *Ley de Deportes*, que previa o fim do formato associativo dos clubes, o FC Barcelona se articulou para que não fosse enquadrado nessa lei, uma vez que a responsabilidade fiscal seria muito maior caso assumisse um caráter empresarial, ou seja, se tornaria uma *Sociedad Anónima Deportiva* (SAD).

Entre as dependências do clube, a opção de não se tornar uma SAD era vista como uma forma de escapar da taxaço de impostos elevados, entretanto, o discurso usado era uma defesa da forma associativa do clube e, conseqüentemente, em defesa das tradições clubísticas que em certa medida, diziam respeito à identidade catalã do FC Barcelona.

³⁷³ Gerard Piqué, zagueiro catalão do atual elenco do FC Barcelona, falando sobre a história do clube e da Catalunha. *Mundo Deportivo Online*, 16 de janeiro de 2014. Último acesso: 20/06/2016 às 16h45. <http://www.mundodeportivo.com/20140116/fc-barcelona/pique-el-barca-es-una-manera-de-ensenar-catalunya-al-exterior_54398191026.html>

³⁷⁴ SUZUKI JR., M. “O futebol brasileiro na era da globalização – 5”, Folha de São Paulo, 18/01/1997, Caderno Esporte, p. 3. *Apud.* PRONI, Marcelo Weishaupt. *Esporte-Espetáculo e Futebol-Empresa*. 1998. 275 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. p.10.

Nesse movimento de mercantilização do futebol, mesmo aparentando ser uma alternativa ao modelo inglês que começava a ser imposto nos anos 1990, o clube catalão se posicionou entre os clubes mais ricos da Europa. Esse enriquecimento do FC Barcelona foi fruto dos acordos televisivos, como já foi mencionado, dos acordos publicitários e das contribuições dos sócios. Por outro lado, é possível dizer que uma taxa de impostos inferior aos outros clubes espanhóis, que foram obrigados a se tornarem SADs com a *Ley de Deporte*, favoreceu o clube, uma vez que suas receitas não eram taxadas como uma empresa.

Devido ao crescimento econômico do clube, e às novas políticas de contratação na Espanha, e principalmente na Europa, o FC Barcelona reforçou os seus elencos e conquistou títulos. Talvez o mais emblemático deles tenha sido a conquista da Copa da Europa, em 1992, quando um jogador holandês fez o gol que colocou um clube catalão definitivamente no cenário europeu. Se por um lado o periódico *ABC* noticiava que o FC Barcelona havia conquistado um título para a Espanha, o *La Vanguardia* ressaltava a importância da conquista para o clube, para a cidade de Barcelona e para a Espanha. Como afirma Soto:

Los éxitos de los clubes de fútbol en las competiciones internacionales se presentaron con frecuencia en los medios como una victoria tanto para la comunidad autónoma como para la nación española. De modo que cuando el FC Barcelona gana la Recopa de 1989 y la Copa de Europa en 1992, muchos medios se refirieron al Barça como un club catalán y español.³⁷⁵

Foi em momentos como esses que o clube ressignificou a sua dimensão local ante a globalização. Como foi demonstrado ao longo da dissertação, cada jornal mobilizava o discurso em seu favor, enquanto o *La Vanguardia* usava o título do FC Barcelona para exaltar a Catalunha, o *ABC* exaltava a importância do título para a Espanha. Em meio às disputas pela narrativa, o clube se posicionava, ao menos nas páginas dos jornais, em favor da Catalunha. Em outras palavras, a conquista da Copa de Europa é emblemática, ao conquistar o título europeu o clube se aproximou de sua dimensão local, entretanto ressignificando-a frente ao global.

Richard Giulianotti, após revisar a sua interpretação sobre globalização do futebol, passou a considerar a ação do local frente à globalização. Nesse sentido, o autor escocês passou a usar o termo “glocalização”³⁷⁶ para explicar o movimento local-global, no qual as particularidades locais não são relativizadas, pelo contrário o local possuiria uma forte ação

³⁷⁵ SOTO, Alejandro Quiroga Fernández. Goles y bandera – Fútbol e identidades nacionales en España. Madrid: Marcial Pons Historia, 2014. p.135.

³⁷⁶ Ver: GIULIANOTTI, Richard & ROBERTSON, Roland. *The globalization of football: a study in the glocalization of the 'serious life'*. Londres: The British Journal of Sociology, v. 55, Issue 4, 2004.

no global. Segundo Giullianoti e Roland Robertson, a glocalização poderia ser entendida como uma forte presença da dimensão local na produção de uma cultura global. No ponto de vista futebolístico, há dois caminhos possíveis de interpretação. Em primeiro lugar, é entender como a mídia, sobretudo televisiva, teve um papel fundamental na globalização dos clubes de futebol, todavia em alguns casos, os aspectos locais foram fortemente retratados. Em segundo, temos o caso da circulação de jogadores, nas palavras do autor:

(...) since the late 1960s, glocalization has been shaped by intensified flows; in football, this involves the transnational circulation of labour, information, capital and commodities that can underpin non-national forms of cultural particularity. There are fewer tactical and aesthetic differences between specific football nations or continents, yet nations still struggle to relativize themselves through successful competition. Spectator cultures play a heightened role in ‘representing’ the locality, or the nation, by actuating particularistic symbolism in dress, songs, flags before global audiences. Yet football also possesses a cosmopolitan, world community of followers who ‘relativize’ themselves into specific cross-national preferences for world players, managers, and clubs.³⁷⁷

A circulação de jogadores criou um mercado global do futebol, principalmente após 1996, e se por um lado relativizou o “estilo nacional” de se jogar futebol de algumas seleções, no caso do FC Barcelona, a globalização foi fundamental na criação de um “estilo local” do clube catalão, que dialoga diretamente com o estilo holandês. Assim, é possível dizer que o FC Barcelona projetou esse estilo local, sobretudo nos anos 2000, como um modelo de futebol a ser praticado pelo mundo.

Sobre a circulação de atletas, apesar das federações afirmarem que a presença massiva de jogadores estrangeiros causaria grandes problemas aos clubes, principalmente com relação à identidade clubísticas, os clubes buscaram essa internacionalização. O FC Barcelona, ao longo de sua história, buscou contratar jogadores e técnicos estrangeiros, e em todos os momentos que o assunto foi levado ao público, o clube catalão se posicionou favorável à contratação de estrangeiros. Na década de 1990, houve dois casos em que o FC Barcelona defendeu as mudanças na política de contratação, em 1988 e em 1996, com o caso Bosman. No final da década de 1990, o clube passou a ser questionado pelo caráter global que havia assumido, mas ainda assim, o clube não perdeu a sua capacidade indenitária, pelo contrário, a identidade local ganhou novos significados.

É possível dizer que, graças às forças econômicas das redes televisivas, de patrocinadores, de parceiros, e de empresas de material esportivo, o FC Barcelona se lançou rumo à globalização. Entretanto, há de se considerar que havia dentro do próprio clube,

³⁷⁷ *Idem.* p.548.

principalmente entre os dirigentes, projetos que buscavam internacionalizar a marca do FC Barcelona, e a contratação de jogadores estrangeiros pode ser entendida como um desses projetos. Foi em meio essas disputas que a questão do regionalismo catalão emergiu, o clube reforçava a sua identificação com a Catalunha, mesmo buscando novos mercados. Nesse movimento, o FC Barcelona se mostrava ora como um clube globalizado, ora como um clube local.

Por fim, retomando a ideia de representação, o FC Barcelona assumiu ao longo de sua história o papel de representante da Catalunha, colocando os interesses locais da região em consonância com os interesses do clube. A ideia de uma Catalunha independente, livre dos altos impostos do governo central, passava pelo posicionamento do clube com relação às SADs, ou sobre a contratação de jogadores estrangeiros, ou até mesmo pelos problemas com *Ministerio de Hacienda*. Nesse sentido, é possível dizer que o clube passou a representar a Catalunha, enquanto Estado-Nação, assumindo, entre outras coisas, o descontentamento às decisões de Castela. Esse posicionamento do clube foi mobilizado, no final dos anos 1990, como um elemento distintivo dentro do mercado global. Na medida em que o FC Barcelona consolidava a sua identificação com a Catalunha, ele assumia um papel distinto na lógica global do futebol, em outras palavras o FC Barcelona utilizava a sua identificação com a Catalunha como um produto no mercado global.

FONTES

ABC – hemeroteca virtual (<<http://hemeroteca.abc.es/>>).

La Vanguardia – hemeroteca virtual (<<http://www.lavanguardia.com/hemeroteca/index.html>>).

Actes de la Junta Directiva del FC Barcelona – Centre de Documentació i Estudis do FC Barcelona (Barcelona, Espanha).

Boletín Oficial del Estado. Agencia Estatal - Ministerio de la Presidencia - Gobierno de España. «BOE» núm. 249, de 17 de octubre de 1990, páginas 30397 a 30411.

BIBLIOGRAFIA

ALABARCES, Pablo. *Futebol e globalização: as formas locais das mercadorias globais*. Bauru: revista faac, v. 1, n. 2, out. 2011/mar. 2012.

BALCELLS, Albert (dir.). *Història da Catalunya*. Barcelona: L'Esfera dels Llibres/Labutxaca, 2006.

BARNILS, Ramon. *et al. Història crítica del Futbol Club Barcelona (1899-1999)*. Barcelona: Editorial Empúries, 1999.

BARRERA, Carlos. “Los medios de comunicación en España”. In: BARRERA, Carlos (coord.). *Historia del Periodismo Universal*. Barcelona: Editora Ariel Comunicación, 2004.

BERNECKER, Walther L. *España entre tradición y modernidad – Política, economía, sociedad. (siglos XIX y XX)*. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 1999.

BOOTH, Douglas. “História do Esporte: abordagens em mutação”. *Recorde: Revista de História do Esporte*, vol. 4, n. 1, junho de 2011.

BOURDIEU, Pierre. “Como é possível ser esportivo?” In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRANDÃO, Leonardo. “O esporte e a escrita da história: novos desafios”. In: CES Revista, v. 24, Juiz de Fora, 2010.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?*. 2.ed. rev. e ampl. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CANETTI, Elias. *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CHARTIER, Roger. “O mundo como representação”. In: CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

_____. *À beira da falésia*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CREXELL, Joan (org.). *Prensa Catalana Clandestina (1970-1977)*. Barcelona: Edicions Crit N° 2, 1977.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELGADO, José Luis García; FUSI, Juan Pablo & RON, José Manuel Sánchez. *Historia de España: España y Europa*. Barcelona: Crítica-Marcial Pons, 2008. Vol.11.

DUCH, Jordi Salvador. *Futbol, metàfora d'una guerra freda: Un estudi antropològic del Barça*. 2004. 406 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Departament d'Antropologia, Filosofia i Treball social/Universitat Rovira i Virgili, Tarragona, 2004.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

FAVERO, Paulo Miranda. *Globalização, mercantilização e geopolítica do futebol*. 2006. 61 f. Monografia (Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

FERREIRA, Pedro Tiago da Silva. *O Impacto do Acórdão Bosman na Estrutura Desportiva Europeia*. Lisboa: Universidade de Lisboa - Faculdade de Letras, Mestrado em Políticas Europeias, 2008.

FIGOLS, V. L. “A Lei Bosman e o FC Barcelona: globalização do futebol e identidade regional”. In: IX Semana de História Política: Política, Conflitos e Identidades na Modernidade - VI Seminário Nacional de História: Política, Cultura e Sociedade, 2014, Rio de Janeiro. Simpósio temático: História e Esporte, 2014.

_____. “As Copas de Ronaldo: a imagem de um herói”. In: GIGLIO, Sérgio Settani; SILVA, Diana M. M. (Org.). *O Brasil e as Copas do Mundo: Futebol, História e Política*. 1ed. São Paulo: Zagodoni Editora, 2014, v. 1, p. 97-108.

_____. “O estádio como espaço de afirmação do nacionalismo catalão”. *Projeto História (PUCSP)*, v. 49, p. 1-32, 2014.

_____. “O mês que um club em xeque: globalização do futebol e nacionalismo catalão no centenário do FC Barcelona”. In: Fórum de Pesquisas em Comunicação, Esporte e Cultura - Seminário Internacional Copa do Mundo, Mídia e Identidades Nacionais, 2014, Rio de Janeiro. Fórum de Pesquisas em Comunicação, Esporte e Cultura, 2014.

_____. “Barça, mês que um club – dimensões sociopolíticas do futebol clube Barcelona”. *Revista Tempo Brasileiro*, jan-mar. – nº184 -2011- Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, ed. p.363-372.

_____. *Barça, mês que um club: o FC Barcelona durante o Franquismo (1968-1969)*. 2013. 63 f. Monografia (Bacharelado/Licenciatura em História) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2013.

_____. “A Lei Bosman e o FC Barcelona: globalização do futebol e identidade regional”. In: IX Semana de História Política: Política, Conflitos e Identidades na Modernidade - VI

Seminário Nacional de História: Política, Cultura e Sociedade, 2014, Rio de Janeiro. Simpósio temático: História e Esporte, 2014.

FLORENZANO, José Paulo. “A babel do futebol: atletas interculturais e torcedores ultras”. *Revista de História*. São Paulo, n.163, p.149-174, 2010.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GENOVEZ, Patrícia Falco. “O desafio de Clio: o esporte como objeto de estudo da História”. *Lecturas: Educacion Física Y Deportes*, Buenos Aires, ano 2, n. 9, 1998.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GIULIANOTTI, Richard & ROBERTSON, Roland. *The globalization of football: a study in the glocalization of the ‘serious life’*. Londres: *The British Journal of Sociology*, v. 55, Issue 4, 2004.

HOBBSAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

HUERTAS, Josep M. *Una Història de “La Vanguardia”*. Barcelona: Angle Editorial, 2006.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento na Cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LUCA, Tania Regina de. “Fontes Impressas – História dos, nos e por meio dos periódicos.” *In: PINSKY, Carla B. (org). Fontes Históricas*. 2ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MELO, Victor Andrade de. [et. al.]. *Pesquisa histórica e história do esporte*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

MELO, Victor Andrade de. *De Olímpia (776 a.C.) a Atenas (1896) a Atenas (2004): Problematizando a presença da Antiguidade Clássica nos discursos contemporâneos sobre o esporte*. Phoênix. Laboratório de História Antiga / UFRJ. Ano XIII – 2007, Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2007.

NEMI, Ana Lúcia. “A guerra civil espanhola e suas raízes decimonônicas – a nação entre as luzes e as brumas” *In: MEIHY, José Carlos S. B. Guerra Civil espanhola – 70 anos depois*. São Paulo: Edusp, 2010.

PRONI, Marcelo Weishaupt. *Esporte-Espectáculo e Futebol-Empresa*. 1998. 275 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

REXACH, Carles. *Ara parlo Jo*. Badalona, ARA Llibres, 2008.

RIQUER, Borja de. *Historia de España: La Dictadura de Franco*. Barcelona: Crítica-Marcial Pons, 2010. Vol.9.

SANTACANA, Carles (dir.). *Barça, 110 anys fent història*. Barcelona: Angle Editorial, 2010.

_____. *El Barça y el Franquismo – Crónica de unos años decisivos para a Cataluña (1968-1978)*. Ediciones Apóstrofe, 2006.

SHAW, Duncan. *Futebol y Franquismo*. Madri: Alianza Editorial, 1987.

SODRÉ I SABATÉ, Josep M. & FINISTRES, Jordi. *El Barça em guerra (1936-1939)*. Barcelona: Angle Editora, 2006.

SOTO, Alejandro Quiroga Fernández. *Goles y bandera – Fútbol e identidades nacioanles en España*. Madrid: Marcial Pons Historia, 20014.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

TORRAS, David & LÓPEZ, Marcos (orgs.). *El libro de oro del Barça – 1899/1995*. Barcelona: El Periódico de Catalunya, 1995.